

UNIVERSIDADE FEDERAL DOS VALES DO JEQUITINHONHA E MUCURI

Programa de Pós-Graduação em Estudos Rurais

Rosana de Cássia Pereira

QUANDO O CANTO É REZA: Folia de Reis “Fulô da Mantiqueira” do município de Itajubá/MG



**Diamantina
2018**

ROSANA DE CÁSSIA PEREIRA

QUANDO O CANTO É REZA: Folia de Reis “Fulô da Mantiqueira” do município de Itajubá/MG

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Estudos Rurais da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri - UFVJM, como pré-requisito para obtenção do grau de Mestre em Estudos Rurais.

Orientador: Prof^a. Dr^a. Silvia Regina Paes

Coorientador: Prof. Dr. Carlos Rodrigues Brandão

**Diamantina
2018**

Elaborado com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

P436q Pereira, Rosana de Cássia
 Quando o canto é reza: folia de reis “fulô da mantiqueira” no
 município de Itajubá/MG / Rosana de Cássia Pereira, 2018.
 105 p.

 Orientadora: Silvia Regina Paes
 Coorientador: Carlos Rodrigues Brandão

 Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Estudos
 Rurais) - Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri,
 Diamantina, 2018.

 1. Folclore. 2. Religiosidade. 3. Folia de Reis. I. Paes, Sílvia
 Regina. II. Brandão, Carlos Rodrigues . III. Título. IV. Universidade
 Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri.

CDD 398.0981

Ficha Catalográfica – Serviço de Bibliotecas/UFVJM
Bibliotecário Ivanilton Antônio de Oliveira, CRB-6/3359

ROSANA DE CÁSSIA PEREIRA

**QUANDO O CANTO É REZA: FOLIA DE REIS "FULÔ DA MANTIQUEIRA"
DO MUNICÍPIO DE ITAJUBÁ/MG**

Dissertação apresentada ao
MESTRADO EM ESTUDOS RURAIS,
nível de MESTRADO como parte dos
requisitos para obtenção do título de
MAGISTER SCIENTIAE EM
ESTUDOS RURAIS

Orientador (a): Prof.ª Dr.ª Silvia Regina
Paes

Data da aprovação : 21/09/2018


Prof.Dr.ª ROSANA PASSOS CAMBRAIA - UFVJM


Prof.Dr.ª SILVIA REGINA PAES - UFVJM


Prof.Dr. MARIVALDO APARECIDO DE CARVALHO - UFVJM


Prof.Dr.ª LUCIMAR MAGALHÃES DE ALBUQUERQUE - PUC-MINAS

Aos foliões que pela fé nos Reis Magos e/ou na tradição, empunham a bandeira e levam a Fulô da Mantiqueira serra afora. E aos que abrem a porta de suas casas-templos para, com essa mesma fé, os receber amorosamente.

AGRADECIMENTOS

Aos foliões da Folia de Reis Fulô da Mantiqueira e às pessoas que os recebem pela partilha do conhecimento ao longo da vida e principalmente para que esta pesquisa pudesse acontecer.

À minha orientadora Sílvia Regina Paes e co-orientador Carlos Rodrigues Brandão, pela dedicação, partilha e paciência. Foi essencial ter vocês agregando e me mostrando o caminho acadêmico!

À Thaís Silva, por ser minha outra metade geógrafa e ter me ajudado nos mapas, além de sempre estar junto, mesmo longe.

Aos meus pais e irmã pela paciência, amor e confiança, e pela compreensão em minhas ausências.

Aos amigos e parentes que me apoiaram todo o tempo nessa caminhada! Uma força além do comum.

Aos meus amigos do mestrado pelas discussões, construções, desconstruções de quase tudo. Foi um prazer dividir o caminho com vocês e aprender tanto sobre conceitos, amizade e amor.

À UFVJM, PRPPG, CAPES e ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Rurais pela oportunidade, crença e apoio no início desse caminhar da vida acadêmica.

E não poderia faltar, aos Santos Reis, por guiarem os caminhos!

“Se a sanfona chora eu canto
Canto de coração
Quando a folia passa
Puxando a multidão
Mão de pegar enxada
Dura como uma pedra
Quando pega na sanfona
É rosa amarela

Voz que com o gado berra
Já criou calo na goela
Quando vem cantar folia
Vai pintando uma aquarela

Ê minha folia
Minha estrela do oriente
Luz da estrada vem e guia
O destino dessa gente”

(Folia - Lourenco Baeta / Xico Chaves)

RESUMO

A pesquisa desenvolvida é sobre a Folia de Reis Fulô da Mantiqueira no mundo rural, pois essa manifestação foi criada em um bairro urbano e só após quatorze anos, sua sede mudou-se para um bairro rural. Os objetivos são mostrar as transformações sofridas interna e externamente pela Folia de Reis Fulô da Mantiqueira, a partir de sua mudança de sua sede do meio urbano para o meio rural; realizar um levantamento das ressonâncias que as manifestações culturais trazem para o indivíduo e a coletividade; compreender as diferenças nas relações com a cultura popular e a religiosidade no meio rural e no meio urbano; trazer para dentro da academia saberes populares. Os principais conceitos trabalhados na pesquisa foram: cultura, folclore, religiosidade, identidade cultural, rural e urbano. A metodologia é qualitativa em um estudo de caso com a abordagem sócio-histórica. Com interface na história oral, foram realizadas entrevistas informais. Os entrevistados escolhidos são foliões, ex foliões e pessoas que recebem a Folia de Reis em suas casas, num total de vinte e cinco pessoas. Após as entrevistas, foi utilizada a análise de conteúdo. A pesquisa é baseada nas entrevistas e, portanto, a partir do olhar dos entrevistados à manifestação. Sendo assim, a Folia de Reis foi estudada principalmente como uma manifestação religiosa, foram abordadas as questões folclóricas, mas o enfoque ficou na religiosidade, pois é assim que os entrevistados vêem a manifestação. O estudo indica diversas mudanças internas e externas dos Fulô da Mantiqueira, como organização, disciplina, aumento do número de foliões, grandiosidade da festa, materiais utilizados na confecção de adereços da manifestação, diferenças de recebimento e significado durante os 31 anos de caminhada e entre os moradores da zona rural e da zona urbana.

Palavras chave: Folclore. Folia de Reis. Fulô da Mantiqueira. Mundo rural. Religiosidade.

ABSTRACT

The research conducted is about *Folia de Reis Fulô da Mantiqueira* in rural world, because this manifestation was created in a urban neighborhood and only after fourteen years, its headquarters moved to a rural neighborhood. The objectives are to show the transformations suffered internally and externally by the *Folia de Reis Fulô da Mantiqueira* since its headquarters changed from the urban to the rural milieu; to carry out a survey of the resonances that the cultural manifestations bring to the individual and to the collectivity; understand the differences in the relations with popular culture and the religiosity in rural and urban environments; to bring to the academy popular knowledge. The main concepts worked in the research were: culture, folklore, religiosity, cultural, rural and urban identity. The methodology is qualitative in a case study with the historical approach. Informal interviews were conducted with interface in oral history. The chosen interviewees are revelers, ex-revelers and people who receive the *Folia de Reis* in their homes, in a total of twenty-five people. After the interviews, the content analysis was used. The research is based on the interviews and, therefore, from the interviewees' look at the manifestation. Thus, *Folia de Reis* was studied primarily as a religious manifestation, folk issues were addressed, but the focus was on religiosity, as that is how the respondents see the manifestation. The research indicates several internal and external changes of *Fulô da Mantiqueira*, such as organization, discipline, increase in the number of revelers, grandiosity of the party, differences in the reception during the 31 years of walking and among residents of rural and urban areas.

Keywords: Folklore. Folia de Reis. Fulô da Mantiqueira. Rural world. Religiosity.

RESUMEN

La investigación desarrollada es sobre la Folia de Reis Fulô da Mantiqueira en el mundo rural, esa manifestación fue creada en un barrio urbano y sólo después de catorce años su sede se mudó a un barrio rural. Los objetivos son mostrar las transformaciones sufridas interna y externamente por la Folia de Reis Fulô da Mantiqueira, a partir de su cambio de su sede del medio urbano hacia el medio rural; realizar un levantamiento de las resonancias que las manifestaciones culturales traen para el individuo y la colectividad; comprender las diferencias en las relaciones con la cultura popular y la religiosidad en el medio rural y en el medio urbano; traer dentro de la academia saberes populares. Los principales conceptos trabajados en la investigación fueron: cultura, folclore, religiosidad, identidad cultural, rural y urbana. La metodología es cualitativa en un estudio de caso. Con interconexión con la historia oral, se realizaron entrevistas informales. Los entrevistados elegidos son festeros, ex festivos y personas que reciben la Folia de Reis en sus casas, en un total de treinta personas. Después de las entrevistas, se utilizó el análisis de contenido. La investigación indica diversos cambios internos y externos de Fulô da Mantiqueira, como organización, disciplina, aumento del número de festeros, grandiosidad de la fiesta, diferencias de recepción durante los 31 años de caminata y entre los habitantes de la zona rural y de la zona urbana.

Palabras-claves: Folclore. Folia de Reis. Fulô da Mantiqueira. Mundo rural. Religiosidad.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Localização município de Itajubá	35
Figura 2 - Localização do município de Itajubá na Serra da Mantiqueira	36
Figura 3 - Mapa de Itajubá e municípios limites	36
Figura 4 - Folia de Reis Fulô da Mantiqueira, 1987.....	38
Figura 5 - Folia de Reis Fulô da Mantiqueira, 1987.....	38
Figura 6 - Folia de Reis Fulô da Mantiqueira, 1991.....	39
Figura 7 - Folia de Reis Fulô da Mantiqueira, 1994.....	39
Figura 8 - Folia de Reis Fulô da Mantiqueira, 1998.....	39
Figura 9 - Folia de Reis Fulô da Mantiqueira, 2000.....	40
Figura 10 - Folia de Reis Fulô da Mantiqueira – parte dos componentes, 2017.....	49
Figura 11 - Primeira bandeira da Folia de Reis Fulô da Mantiqueira.	52
Figura 12 - Outra versão da bandeira da Folia de Reis Fulô da Mantiqueira feita em silk screen	52
Figura 13 - Bandeiras atuais da Folia de Reis Fulô da Mantiqueira pintadas à mão.....	53
Figura 14 - Mestre Ronaldo Pereira a esquerda; contramestre Giovanni Guimarães a direita – Folia de Reis Fulô da Mantiqueira.	54
Figura 15 - Antigos palhaços da Folia de Reis Fulô da Mantiqueira.	58
Figura 16 - Antigo palhaço da Folia de Reis Fulô da Mantiqueira.	58
Figura 17 - Palhaço da Folia de Reis Fulô da Mantiqueira com a penúltima versão da vestimenta, 2012.....	58
Figura 18 - Última versão da vestimenta do palhaço da Folia de Reis Fulô da Mantiqueira. Na imagem está presente o atual palhaço (fantasiado) e o primeiro palhaço da manifestação Zé Rita, 2017.	59
Figura 19 – Ritual de oferta de adjutório à pessoa falecida - Palhaços da Folia de Reis Fulô da Mantiqueira, 2016.....	59
Figura 20 - Palhaço em uma de suas brincadeiras com as pessoas que recebem a manifestação, 2016.	60
Figura 21 - Reverência ao presépio, 2015.	60
Figura 22 - Palhaço atrás do frango doado pelo dono da casa, 2016.	60
Figura 23 - Interação com as crianças, 2015.	61

Figura 24 - Presença especial do primeiro palhaço da manifestação, nos 30 anos da manifestação, 2017.	61
Figura 25 - Folia de Reis Fulô da Mantiqueira, 1987.....	62
Figura 26 - Folia de Reis Fulô da Mantiqueira.....	62
Figura 27- Folia de Reis Fulô da Mantiqueira e donos da casa, 1998.....	63
Figura 28- Folia de Reis Fulô da Mantiqueira, 2007.....	63
Figura 29 - Folia de Reis Fulô da Mantiqueira, 2014.....	63
Figura 30 - Uniforme dos giros à esquerda; uniforme de gala à direita, 2017.	64
Figura 31 - Bandeira enfeitada com fitas metaloide e de papel de seda, 1998.....	65
Figura 32 - Fitas encarnadas, 2015.....	66
Figura 33 - Festa de Santos Reis – Passagem da coroa, 2017.	78
Figura 34 - Festa de Santos Reis – Passagem da coroa, 2017.	78
Figura 35 - Festa de Santos Reis – Passagem da coroa, 2017.	78
Figura 36 - Festa de Santos Reis – almoço, 2017.....	79
Figura 37 - Festa de Santos Reis – almoço, 2017.....	79
Figura 38 - Paulinho recebendo a Fulô da Mantiqueira no bairro Barreirinho.	83
Figura 39 - Folia de Reis Fulô da Mantiqueira.....	88

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	13
2 NO CANTO DAS TEORIAS	16
2.1 Cultura	16
2.2 Folclore	19
2.3 Religiosidade	20
2.4 Rural e Urbano	21
3 EM BUSCA DOS CAMINHOS PARA A JORNADA: METODOLOGIA	27
4 DE REIS À FOLIA: UM BREVE HISTÓRICO	32
5 FOLIA DE REIS FULÔ DA MANTIQUEIRA	35
5.1 Bandeira/estandarte	50
5.2 Mestre e Contramestre.....	53
5.3 Palhaço/mascarado/marungo	54
5.4 Uniforme/fardamento	61
5.5 Fitas encarnadas	64
5.6 Canções.....	66
5.7 Festa de Santos Reis	74
6 A BANDEIRA VAI S'EMBORA	80
REFERÊNCIAS	89
APÊNDICE A – EIXOS TEMÁTICOS DA ENTREVISTA/CONVERSA	94
ANEXO A – PARECER DE APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA – UFVJM E TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	95

1 INTRODUÇÃO

*Meu patrão, minha senhora
Com licença de micês
Nóis chegemo aqui agora
Viemo nunciá os Santos Reis
(Elomar Figueira Melo)*

O campo de pesquisa é a Folia de Reis Fulô da Mantiqueira que foi criada em 1987 em um bairro da zona urbana do município de Itajubá, extremo Sul de Minas Gerais. Há 16 anos a Folia mudou sua sede para um bairro da zona rural e pelas entrevistas já realizadas com antigos e atuais foliões – parte do TCC em Geografia na UNIFAL¹ -, é possível observar em suas falas algumas questões sobre a Folia de Reis Fulô da Mantiqueira. Foi observado que, quando esta mudou-se para a zona rural, ocorreram mudanças internas e externas, como por exemplo, o aumento da quantidade de foliões, maior número de visitas às casas da zona rural do que da zona urbana e também o fato de haver uma maior receptividade no mundo rural. Neste meio também se considera a Folia de Reis como uma manifestação religiosa mais do que folclórica. Houve ao longo das últimas décadas mudanças de religião em alguns bairros e isso afeta a quantidade de casas visitadas nas comunidades. E foi observado como esta manifestação sofre influência da religião católica e o quanto é importante para os indivíduos envolvidos na organização da mesma, e a manutenção desta festa. Porém, não há profundidade sobre o assunto, já que o objetivo da pesquisa que foi realizada era outro.

Portanto, foi desenvolvido um estudo desta manifestação, suas mudanças internas e as mudanças de seu significado e recebimentos pelas pessoas que habitam a zona rural e urbana da região que abrange as cidades de Itajubá, Delfim Moreira, Piranguçu e Wenceslau Braz.

A pesquisadora é filha de um dos criadores e atual mestre da Folia de Reis Fulô da Mantiqueira e desde seus 3 anos de idade acompanha a manifestação, e há 15 anos se tornou caixeira². Portanto, passou quase toda a vida em meio à Folia, sua organização, seus giros³ e festas, o que ajuda na profundidade da descrição da mesma. Por esse histórico pessoal e interesse pelas culturas populares em geral, pela sabedoria popular, pela religiosidade, por acreditar que isto traz benefícios para as pessoas e por perceber, já na graduação, o quanto

¹ A Folia de Reis “Fulô da Mantiqueira” do município de Itajubá – MG na perspectiva geográfica cultural. 2014. Instituto de Ciência da Natureza; Curso de Geografia – Bacharelado. Universidade Federal de Alfenas – MG.

² Pessoa que toca o instrumento de percussão chamado caixa, que é um tipo de tambor bimembranofone (que tem duas membranas ou peles).

³ Giro é o ciclo de visitação que a Folia de Reis faz às casas, pode se referir as visitas feitas em um dia ou todas as visitas feitas durante todo o período em que a manifestação faz seu ritual.

estas questões ainda são deixadas de lado, a pesquisadora continuou a pesquisa por esse caminho.

Ao longo do processo de construção do presente trabalho, foram abordados alguns conceitos-chave tais como: cultura, cultura popular, folclore, religiosidade, identidade cultural, mundo rural e urbano, para melhor entendimento das relações destes com o objeto pesquisado.

Foi realizada uma revisão bibliográfica sobre os temas acima citados e sobre a história da Folio da Mantiqueira. O projeto de pesquisa foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFVJM (CEP). Foi realizado como pesquisa qualitativa em um estudo de caso sobre a manifestação através das memórias e observações da pesquisadora, pois como esta é pertencente ao objeto de estudo, não teria como se encaixar em outro método já existente, como a pesquisa participante, por exemplo. Ainda dentro dessa linha metodológica, foi utilizada a história oral de vida, que faz uso de entrevistas/conversas mais informais para obtenção de informações com os foliões (novos e antigos) e com as pessoas que já receberam ou recebem a visita da folia em suas casas. Feito isso, foi realizada uma análise de conteúdo para relacionar, discutir e chegar a conclusões.

Sair com a folia é embrenhar-se numa jornada de profundo respeito e sentimento religioso. Começa-se a realizar mais uma vez uma tarefa de interação com o sagrado e com a fé do povo. Para realizá-la bem, é preciso muita atenção e dois cuidados básicos. Primeiro, deve-se confiar mais na proteção divina do que nas próprias forças. [...] Em segundo lugar, é preciso fazer sempre o bem, se honesto, ter retidão de caráter” (PESSOA; FÉLIX, 2007, p. 199–200)

O objetivo central dessa pesquisa é compreender a diferença que há nas relações com as culturas populares e folclores no urbano e no mundo rural, a partir do estudo de caso da Folia de Reis Folio da Mantiqueira. Seguindo esse ponto central, apontar as transformações sofridas interna e externamente pela Folia de Reis Folio da Mantiqueira a partir da mudança de sua sede do meio urbano para o meio rural; revelar as ressonâncias que a Folia de Reis traz para o indivíduo e a coletividade; e compreender as diferenças nas relações com a cultura popular e a religiosidade no meio rural e no meio urbano.

Com o intuito de obter melhores análises sobre o campo de pesquisa e o que se pretendeu compreender, foi escolhido o Programa de Pós-graduação em Estudos Rurais, na linha de pesquisa Sociedade e Cultura no Mundo Rural, por este ser interdisciplinar e conseguir abranger a complexidade da manifestação estudada e do mundo rural no qual está

inserida. A equipe que compõe esta dissertação conta com uma geógrafa, uma socióloga e um antropólogo, o que vem de encontro com o porquê da escolha desse mestrado.

Esta pesquisa tem relevância pela manifestação folclórica-cultural Folia de Reis Fulô da Mantiqueira ser a última que restou em uma região na qual haviam diversas outras folias de reis, congadas, cantos de trabalho, catiras, levantamento de mastro de Santa Luzia, que se dissolveram no processo de globalização existente na sociedade capitalista. E a maioria dessas manifestações tem sua origem nas tradições rurais que foram deixadas de lado pelo mesmo motivo citado.

Estas tradições e manifestações trazem consigo a identidade cultural de seu povo, que sem esta, sente-se perdido em meio a essa nossa sociedade massificada. Portanto, é necessário que hajam pesquisas e divulgações destas manifestações em nossa sociedade para compreensão sobre os benefícios trazidos e o orgulho perdido nesse nosso caminhar, rumo ao que se convencionou chamar de desenvolvimento. A junção da ciência e saberes populares/tradicionais é de suma importância para compreensão da complexidade da sociedade brasileira.

A seguir, assim como na Folia de Reis, começaremos os “giros” pelos capítulos em busca de adjutórios para findar em uma grande Festa aos Santos Reis. No capítulo intitulado “No canto das teorias” ao qual serão abordados brevemente os conceitos de cultura, folclore, religiosidade, identidade cultural, rural e urbano. Após, visitaremos a: “Em busca dos caminhos para jornada: metodologia”, capítulo que estão descritos os métodos utilizados para a realização desta pesquisa. Posteriormente, há o capítulo: “De Reis à Folia: um breve histórico”, que apresenta um breve histórico sobre quem eram os Reis Magos e onde surgiu as Folias de Reis. Depois, segue a casa dos foliões intitulada: “Folia de Reis Fulô da Mantiqueira”, no qual há a descrição da manifestação estudada, as mudanças apresentadas e suas análises. Em seguida, os preparativos para findar a caminhada em: “A bandeira vai s’embora”, na qual são feitas as análises finais.

2 NO CANTO DAS TEORIAS

*O caminho de chegar
Foi tecido em mutirão
Cada esmola, cada lar
Mais um passo em nosso chão
(Giovanni Guimarães e Ronaldo Pereira)*

2.1 Cultura

A palavra cultura vem do verbo latino *colere* que quer dizer cultivar, originalmente ligada às atividades agrícolas (SANTOS, 1987), no sentido do trabalho. Mas também pode ser entendida no sentido de cultivar vínculos, como será visto nesta pesquisa.

Cultura é considerada um conjunto de costumes, crenças, modos de vida, saberes, rituais, linguagens, ideias, mitos, normas, levando em conta todos os aspectos da vida social, que se perpetuam de geração em geração.

Define-se cultura como uma propriedade humana ímpar, baseada em uma forma simbólica, ‘relacionada ao tempo’, de comunicação, vida social, e a qualidade cumulativa de interação humana, permitindo que as ideias, a tecnologia e a cultura material se “empilhem” no interior dos grupos humanos. (MINTZ, 2010, p. 223)

As pessoas transformam o cotidiano em símbolos significativos, aos quais dão sentido e valor, e influenciam no seu modo de pensar e de se comportar. A cultura, então, é feita por práticas humanas e pelo imaginário e, ao mesmo tempo, é o que a determina. Além de ser responsável pela renovação dos sentidos de tudo que pertence a sociedade, reelaborando as estruturas sociais ou criando outras. Portanto, é dinâmica, acompanhando as transformações sociais, para que se possa nutrir e regenerar, caso contrário, estariam ameaçadas. “Toda cultura é um processo permanente de construção, desconstrução e reconstrução.” (CUCHE, 1999, p. 137)

É também uma forma de controle que governa os comportamentos dos homens através de planos, regras, instruções, valores morais. Estes necessitam de algum tipo de controle e, assim como a religião, a cultura os assume, por vezes. (GEERTZ, 2008)

A cultura também tem como um dos objetivos unir os aspectos fundamentais do ser social, como o trabalho, a consciência, as ideias, crenças, ordem moral e valores, que faz com que os indivíduos se tornem cientes de si mesmos e que haja uma organização social diferente em cada região. Tendo, assim, a capacidade de criar as identidades culturais, que unem os indivíduos e os fazem pertencerem e se reconhecerem a algo comum.

A cultura é uma criação coletiva e renovada dos homens. Ela molda os indivíduos e define os contextos da vida social que são, ao mesmo tempo, os meios de organizar e de dominar o espaço. Ela institui o indivíduo, a sociedade e o território onde se desenvolvem os grupos. As identidades coletivas que daí resulta limitam as marcas exteriores e explicam como diferentes sistemas de valor podem coexistir num mesmo espaço. (CLAVAL, 2001, p. 61)

Portanto, a cultura não nos é dada pela hereditariedade biológica e sim adquirida através da vida social do homem, sendo em parte, inconsciente (CUCHE, 1999). Por isso as culturas sofrem modificações internas, pois cada indivíduo tem uma maneira de viver e interiorizar sua cultura e ao mesmo tempo influenciá-la (CUCHE, 1999).

Nesta pesquisa, foi utilizada como base para uma discussão teórica o conceito de cultura voltado para a manifestação Folia de Reis Fulô da Mantiqueira, existente em Itajubá-MG, que une as pessoas e as comunidades para compartilhar suas crenças e saberes (heranças de seus ancestrais) que são importantes para cada indivíduo. “A cultura constitui a herança social do ser humano; as culturas alimentam as identidades individuais e sociais no que elas têm de mais específico.” (MORIN, 2005, p. 64)

Sendo assim, é importante especificar esse conceito ao de *cultura popular*, no qual a própria palavra “popular” já indica a linha conceitual, ou seja, vem das classes populares – consideradas subalternas – que se apropriaram, transformaram e reelaboraram suas relações sociais e tudo que esta relação traz consigo – como já foi citado na conceituação acima. Contudo, é importante entender que,

A oralidade, o tradicionalismo, o analfabetismo, a subalternidade são fenômenos comunicativos e/ou econômicos e sociais, inerentes a estrutura da sociedade e ao sistema de produção [...]. Como fenômenos não produzem cultura, nem designam condições suficientes para sua produção, mas se transformam em canais e meios de produção cultural em momentos e lugares dados e em determinadas situações sociais. A mesma subalternidade está historicamente diferenciada: como estado socioeconômico sufoca a cultura, como consciência de classe a suscita. O fator constante da produção cultural é o trabalho das classes populares em suas fases de opressão e de libertação”. (BRONZINI, 1980, p. 15, apud CANCLINI, 1983, p. 50)

É fundamental entender que um fato cultural deve ser tido como popular pelo seu uso, pelos saberes e sentidos criados por este, e não apenas pela sua origem.

Como as culturas nascem de relações sociais e estas são sempre desiguais e hierárquicas, conseqüentemente, há uma hierarquização entre as culturas e por isso há uma certa dominação, ou pelo menos uma tentativa. Porém,

[...] uma cultura dominada não é necessariamente uma cultura alienada, totalmente dependente. É uma cultura que, em sua evolução, não pode desconsiderar a cultura dominante (a recíproca também é verdadeira, ainda que em um grau menor), mas que pode resistir em maior ou menor escala à imposição cultural dominante. (CUCHE, 1999, p. 145)

Essa cultura popular segundo Cuche, é, na verdade, “um conjunto de ‘maneiras de viver com’ esta dominação, ou, mais ainda como um modo de resistência sistemática à dominação”. (1999, p. 150)

Quando pensamos em cultura popular, logo vem em mente a cultura hegemônica, como sendo totalmente opostas, contudo, temos que tomar cuidado quando contrapomos estas duas culturas, pois em detrimento da nossa sociedade capitalista é muito raro que haja uma cultura puramente popular. Há fragmentos e influências da cultura hegemônica na popular devido a massificação da primeira, as facilidades de comunicação e o poder que esta obtém sobre as classes populares.

Não é possível pensar a cultura e deixar de fora a identidade cultural, já que uma é complementar da outra. A identidade pode ser vista como a posição que o indivíduo tem na sociedade, que está relacionada à atribuição de valores, ou seja, o *status*. Nascíamos com a identidade pré-estabelecida, éramos burgueses ou proletários - por exemplo. Em nossa sociedade atual, algumas identidades são impostas pelo próprio sistema, e o mesmo cria diversas outras para que os indivíduos possam “escolher”, dando-lhes a falsa sensação de liberdade de escolha (ORTIZ, 2000). Mas, devido a velocidade com que tudo muda em nossa sociedade, são colocadas em nossa frente milhares de identidades voláteis, que mais nos confundem do que nos ajudam a encontrar um “lugar” ao qual pertencemos, portanto, é necessário que hajam algumas identidades um pouco mais constantes para que possamos sentir, por um prazo maior, que fazemos parte de algo coletivo.

Assim sendo, participar de alguma manifestação folclórica-cultural pode trazer junto esse sentimento de pertencimento, a criação de uma identidade, que muitas vezes esse indivíduo não consegue encontrar em meio a tantas escolhas que a liberdade traz. E quando este indivíduo não a encontra, há uma perda da autoestima, da consciência coletiva, a não criação de laços interpessoais. Além disso, nós necessitamos de alguns sentimentos que a identidade nos traz através do pertencimento, como uma certa segurança, visibilidade e interação social íntima com um grupo de pessoas.

[...] Hargreaves (2003), sugere que “as emoções são extraídas desse mundo faminto por tempo e de relacionamentos atrofiados e reinvestidas em produtos de consumo.

A publicidade associa os automóveis com a paixão e o desejo, e os telefones celulares com a inspiração e a lascívia”. Não importa, porém, por mais que tentem os comerciantes, a fome que prometem saciar não desaparece. Os seres humanos podem ser reciclados em produtos de consumo, mas estes não podem ser transformados em seres humanos. Não em seres humanos do tipo que inspira a nossa busca desesperada por raízes, parentescos, amizade e amor – não em seres humanos com que possamos identificar-nos. (BAUMAN; VECCHI, 2005, p. 101)

Podem ser considerados como afirmação de uma identidade cultural os símbolos coletivos de uma região, país, comunidade, cidade, como por exemplo, hinos, bandeiras, a língua, as festas tradicionais, as danças.

2.2 Folclore

Esta palavra foi empregada pela primeira vez pelo arqueólogo inglês William John Thoms em 22 de agosto de 1856, que era a junção de *folk-lore*, onde *folk* significa povo e *lore* quer dizer conhecimento (ALMEIDA, 1974). Sendo assim, folclore pode ser definido como uma área do conhecimento que estuda as manifestações do saber popular. Mas apenas 32 anos após Thoms ter usado este termo pela primeira vez é que George Laurence Gomme fundou a *Sociedade de Folclore*, que consideravam como objetos de estudos as narrativas tradicionais, os sistemas e formas populares de linguagem, os costumes tradicionais e os sistemas populares de crenças e superstições, eram excluídos os produtos e seu processo de produção deste saber. (BRANDÃO; STRECK, 2006)

Em 1951, foi aprovada a *Carta do Folclore Brasileiro* no I Congresso Brasileiro de Folclore, na qual aconselha-se o estudo da vida popular no seu todo, levando em consideração os aspectos materiais, imateriais e espirituais. (ALMEIDA, 1974)

O folclore é, na verdade, tudo aquilo que vem da forma de pensar e sentir o mundo através do povo, são também costumes e regras de relações sociais, expressões materiais do saber, agir, como por exemplo, os poemas, lendas, contos, canções, toadas, saberes, modos de trabalho com a natureza, danças, costumes tradicionais, crendices, superstições, jogos, artefatos e provérbios, além de se fazer presente nas artes e nas mais variadas manifestações da atividade humana. “Pode-se dizer que ele traduz ao vivo a alma de uma raça, pois é específico e genuíno no seio de cada povo, distinguindo-o das outras coletividades.” (MEGALE, 2001, p. 12).

É criado por um indivíduo ou um grupo de indivíduos, porém, muitas vezes o criador de um fato folclórico é esquecido, já que esse saber é transmitido oralmente ou por imitação de geração a geração, e como consequência disso sofre modificações, já que há mudanças no

modo de vida e na região por onde esse saber é transmitido. Portanto, muitos dos saberes folclóricos acabam se tornando de “domínio público”, já que não se sabe quem os criou.

Uma das características mais importantes do folclore é a persistência, pois o que é criado e recriado se junta aos costumes da comunidade e são transmitidos aos descendentes dos indivíduos que vivem e viveram as manifestações folclóricas e isso nos mostra que apesar de estar sempre sendo recriado, ele é ao mesmo tempo consagrado. Por isso, é possível concluir que é vivo e, portanto, é passível de transformações e recriações constantes.

O conhecimento folclórico nos ajuda a compreender melhor os problemas sociais, já que é o reflexo dos conhecimentos dos nossos antepassados, que é transmitido à geração moderna. Podendo ser um grande aliado na didática escolar, pois trazendo os mestres dessas manifestações para dentro das escolas, é possível que seus saberes dialoguem com diversas disciplinas, apresentando para alguns as raízes de suas culturas e fazendo com que outros se reconheçam, e a partir daí se tornem juntos, conscientes dos problemas e mudanças sociais que podem ser feitas. “O Folclore não é, pois, uma luz sobre o passado, embora o projete por vezes, na realidade é luz irradiando no tempo e no espaço e se transformando em energia e força.” (ALMEIDA, 1974, p. 283)

Percebe-se que o folclore é feito por um indivíduo ou pela coletividade e aceito pelo povo, para então se entranhar em sua identidade e ser passado oralmente de geração a geração como parte do corpo coletivo, transformando-se e renascendo sempre que necessário para não se diluir no tempo e no espaço.

2.3 Religiosidade

Nesta pesquisa, a manifestação folclórica-religiosa vem do cristianismo de base católica, portanto, a teoria sobre religião feita nesse trabalho tem o mesmo como base.

A religião, assim como a Folia de Reis, é estudada como um sistema de símbolos, seus valores e a dinâmica de sua produção e isso envolve dimensões econômica, política, social e simbólica. Portanto, é preciso analisar toda a sociedade juntamente com sua religiosidade para que se possa ter um estudo mais aproximado da realidade.

Para os indivíduos, a religiosidade serve para melhor entenderem a sociedade, o sobrenatural e a si mesmos. É na religiosidade que as pessoas encontram apoio quando acreditam que não possuem mais caminhos para trilharem, para que melhorem suas condições de vida. A religião serve como amparo aos desejos não alcançados. Há uma necessidade humana de ordem, orientação de algo que é maior que tudo e todos, por isso há essa crença na

religião. “De fato, talvez seja esta a grande marca da religião: a esperança.” (ALVES, 2014, p. 128)

As experiências religiosas vividas podem ser individuais ou coletivas. As individuais acontecem quando a fé é vivenciada em uma relação direta entre o crente e a divindade; já as coletivas acontecem quando as crenças, os valores simbólicos e as atitudes tornam-se comunitárias, ou seja, há uma conexão entre um grupo de indivíduos que acreditam, interpretam e agem de uma mesma maneira e visão.

A religião divide o mundo em dois opostos, o sagrado e o profano. No qual eram considerados sagrados apenas os objetos, lugares - como por exemplo, o crucifixo, a igreja, o terço - porém, com a nova visão de cultura e folclore, algumas experiências humanas também começaram a ser consideradas sagradas, e essas experiências estão articuladas às práticas culturais de um grupo religioso, no qual os devotos demonstram o desejo de ir ao encontro da divindade. Por isso, os lugares sagrados podem ser físicos ou imaginários, ou seja, pode ser uma igreja ou uma experiência de vida que se repete, por exemplo. Contudo, é importante sabermos que, “[...] o mundo sagrado não é uma realidade do lado de lá, mas a transfiguração daquilo que existe do lado de cá”. (ALVES, 2014, p. 98-99). Portanto, é possível concluir que o sagrado está envolto de grande poder, pois é a partir dele que se institui alguns valores e toda consequência que isto causa. “O sagrado é o centro do mundo, a origem da ordem, a fonte das normas, a garantia da harmonia”. (ALVES, 2014, p. 63)

O profano é tudo o que não envolve crença, divindades, símbolos, lugares e experiências religiosas, porém, ele está interligado ao sagrado. Eles habitam os mesmos lugares. O que define o que é sagrado e o que é profano são as representações simbólicas da religiosidade, portanto, há mudanças sobre o que é cada um de acordo com a religiosidade local.

2.4 Rural e Urbano

Há diversos conceitos sobre o rural e o urbano, os que serão retratados aqui, são de acordo com a área e o objetivo da pesquisa.

O termo ‘urbano’ surgiu, no Brasil, após a Revolução Industrial (final do século XIX e começo do século XX), essa revolução trouxe outro modo de trabalho acarretando mudanças na sociedade em geral, como as técnicas e ritmo de trabalho, as relações sociais e, portanto, os modos de vida, tanto das pessoas que habitavam as cidades como as das zonas rurais (MONTE-MÓR, 2006). Muitas pessoas das zonas rurais viram na industrialização das cidades

uma oportunidade de melhoria de vida e deixaram o campo para se arriscarem nas cidades trabalhando como assalariados, ocasionando o êxodo rural. Essa melhoria não ocorreu na prática, formando mais uma classe social subalterna, o proletariado, e as favelas.

A efetiva passagem da cidade ao urbano foi marcada pela tomada da cidade pela indústria, trazendo a produção – e o proletariado – para o espaço do poder. A cidade, lócus do excedente, do poder e da festa, cenário privilegiado da reprodução social, ficou, assim, subordinada à lógica da indústria. (MONTE-MÓR, 2006, p. 9)

As cidades se tornaram grandes centros administrativos, econômicos e políticos, regendo as leis sociais. Com a constante modernização das indústrias, novos produtos, novas formas de viver, novos valores, novos jeitos de consumir; a sociedade como um todo sofre modificações constantes. O urbano fica sendo caracterizado pelo rápido ritmo de trabalho, poucos laços pessoais e sociais, grande consumismo, facilidade de comunicação, valores econômicos como centro das relações de trabalho, baixo envolvimento religioso. E mantém o domínio da cidade sobre o campo, pois dele é retirado a produção de alimentos e este fica cada vez mais dependente economicamente da cidade, pois é onde vende seu excedente e compra o que que falta – ferramentas, implementos e bens de consumo - e deseja.

Este urbano se espalhou por toda sociedade, em algumas áreas menos que outras, mas sempre se vê alguma característica deste em todo lugar.

Já o rural se caracteriza por um modo de vida mais brando, no sentido do ritmo de trabalho ser mais tranquilo e os valores deste não ser apenas econômico, mas também de trocas, ser principalmente baseado na produção familiar e na policultura; as relações sociais e afetivas têm importância; a religiosidade ser presente; os valores morais serem pautados na solidariedade; ter-se uma ligação afetiva com o território e a terra.

Apesar de ainda se encontrar todas essas características no rural, já não são mais tão autênticas como antes da urbanização e globalização, é possível ver traços característicos dessas formas dentro do modo de vida rural e na sua estrutura. Já não se produz apenas para subsistência ou com esse objetivo sendo o principal, se produz para o mercado e, portanto, não há mais tantas variedades de cultivo e é preciso comprar a maioria do que se come em casa, e o modo de produção (ferramentas e adubos, por exemplo), não são mais produzidos por eles, mas comprados nas cidades. Com a produção sendo maior para o mercado é preciso ter mais trabalhadores, a produção muitas vezes deixa de ser familiar. Além disso, com o maior acesso a informação, os membros das famílias começaram a ter outras concepções de consumo e de valores, queriam ter as “facilidades” do mundo urbano (eletrodomésticos, por exemplo) e, em decorrência disso aumentou-se o tempo de trabalho na roça, ocorreram

mudanças na estrutura familiar – as mulheres tiveram que ajudar ainda mais nos serviços externos a casa, por exemplo, ou até membros da família irem trabalhar, nem que seja por apenas meio período, na cidade como assalariado ou doméstica. Essa nova relação com o trabalho acarretou novas relações de sociabilidade. Já não havia mais tempo para as rezas e jantares nas casas de vizinhos ou parentes. Consequentemente, os valores morais e costumes também se modificaram, o grande respeito a terra, às pessoas mais velhas, a sabedoria rural, estão comprometidas. A solidariedade, muitas vezes em forma de mutirão, já está quase extinta, pois há um individualismo crescente, e com isso as relações sociais se tornam mais escassas, os encontros de vizinhança se resumem apenas as festas religiosas, isso quando não há uma “invasão” de outras religiões - principalmente evangélicas - convertendo vários moradores e as festas religiosas também passam a diminuir. Sobre isso,

Maria Isaura mostra que a decadência da civilização rústica, neste caso, não está associada a intensificação dos contatos com a vida urbana. O fator determinante está ligado ao desaparecimento das relações sociais decorrentes do gênero de trabalho que possuíam. (LOPES, 2014, p. 302)

Mesmo com todas essas mudanças, desse chamado *continuum* (MARQUES, 2002), o rural está longe de desaparecer, ele se renova, mas guarda suas tradições nas gerações mais antigas que oralmente as transmite. Utilizando outros termos, mas dizendo sobre os mesmos atores, Queiroz nos mostra que “a conservação do estilo de vida caboclo correlaciona-se com a conservação de um tipo determinado de equilíbrio entre a vida do sitiante tradicional e a urbana.” (1976, p. 45).

Portanto, segundo Endlich (2006), o rural e o urbano são costumes e hábitos, logo, não se restringem a um território.

Itajubá é um município que fica ao extremo sul de Minas Gerais, estando a 53 km de Piquete, a primeira cidade do estado de São Paulo, 264 km da capital de São Paulo, e, portanto, recebe influências desse Estado. É, contudo, possível utilizar estudos dessa região para definição de alguns aspectos, como bairro rural e a utilização do termo caipira.

Para Queiroz (1976), o termo bairro rural é definido como um conjunto de famílias que vivem no campo ao redor de uma capela/igreja. Vários desses bairros começaram através de um grupo familiar e foram se estendendo e se abrindo à outras famílias. Suas principais características são as relações de vizinhança e compadrio, essas relações são na maioria das vezes baseadas nas festividades religiosas e mutirões.

O caboclo brasileiro não habita em aldeias, senão raramente. Constrói sua casa nas terras que cultiva e mora isolado de seus vizinhos. Cada família tem vida econômica independente. Um conjunto delas forma o grupo de vizinhança que, na zona paulista

e em parte das zonas mineiras e paraense, recebe o nome de ‘bairro rural’. O bairro rural tem geralmente como centro uma capela. Esta forma de habitat disperso é encontrada por toda parte. [...] A vida destes grupos de vizinhança é ritmada por períodos de isolamento e de concentração. As famílias trabalham sozinhas em seus campos, mas se reúnem sempre nos momentos da festa religiosa. (QUEIROZ, 1976, p. 81)

Nos bairros rurais que fazem parte da pesquisa, atualmente não há esse isolamento pois houve um grande aumento de moradores, o mutirão também se tornou mais difícil em alguns bairros, mas a lógica na qual funcionam continuam a mesma. Apesar do mutirão ter se tornado uma prática mais escassa, há três bairros rurais visitados pela Folia de Reis Fulô da Mantiqueira, que essa atividade ainda é claramente executada, portanto, é interessante que se compreenda como esta funciona e mais adiante será descrito de que forma isso acontece na manifestação.

Mutirão é uma troca de serviços para que se possa cumprir com o que se deseja. Era muito comum nos bairros rurais uma família chamar parentes, vizinhos e amigos para ajudarem na colheita ou a roçar o pasto para plantio quando a área é grande e apenas o trabalho familiar não seria suficiente. “Este é o momento em que a lida da lavoura passa de familiar a comunitária e o puro trabalho camponês torna-se um ritual de troca e solidariedade através do trabalho.” (BRANDÃO, 1983, p. 29). Pode ocorrer também para a construção ou reforma de algum bem comunitário ou individual quando uma família passa por necessidades financeiras. Com exceção deste último caso, antigamente, enquanto os homens iam lidar com os trabalhos da roça, as mulheres ficavam na cozinha preparando o almoço e o jantar, que culminaria em uma festança, feito muitas vezes como forma de gratificação ao trabalho.

Os convidados do mutirão sentem-se obrigados a ele. Não ir implica, em algum momento, apresentar os motivos. Todos vão para trabalhar, embora durante o mutirão o trabalho seja também uma festa e termine com um festejo. É, portanto, uma forma voluntária de trabalho entre iguais, entre si obrigados por princípios do direito costumeiro do campesinato tradicional. (BRANDÃO, 1983, p. 29)

Contudo, quem se beneficiou com o mutirão fica com a obrigação moral de corresponder quando for chamado por um dos participantes (CÂNDIDO, 2010)

Além desses dois tipos de mutirões citados, ainda há os de acolhida, no qual os integrantes do bairro se juntam para dar hospedagem e/ou comida aos visitantes (que muitas vezes são romeiros, devido os bairros rurais serem caminho para cidade de Aparecida do Norte – SP). Essa forma de mutirão, juntamente com a construção e reformas de bens comunitários, é mais frequente na região. Com a manifestação estudada, já ocorreu diversas vezes estes “mutirões de acolhida”, além do mutirão para construção do salão de festas do bairro São Pedro (sede da Fulô da Mantiqueira) e para realização da Festa dos Santos Reis,

que serão descritos nos próximos capítulos. Essas são uma das tantas formas de solidariedade ainda existentes na vida dos camponeses/caipiras.

Dentro deste mundo rural está o caipira, também conhecido como camponês, agricultor familiar, lavrador, isto depende da região onde este habita e do autor que aborda esse conceito. Foi escolhido este termo devido a autodenominação que os indivíduos do lugar pesquisado – que será apresentado mais adiante - utilizam.

O caipira vem a ser o sujeito que vive no meio rural e se integra às características deste. Este conceito por muito tempo ficou à margem dos estudos sobre o meio rural, pois estes indivíduos eram vistos como atrasados, sem cultura, pobres, sem ganância; visões estas que segundo Brandão (1983), eram de pessoas letradas e urbanas.

Na maioria das vezes, por falta de condições financeiras ou de políticas públicas, os caipiras eram iletrados ou tinham apenas o conhecimento escolar mais básico. Como a maioria não frequentava a escola ou não tinha muito tempo para dedicar aos estudos, pois tinham que trabalhar junto com seus familiares, a própria família passava seus conhecimentos para as crianças através da oralidade, conhecimentos esses sobre o meio ambiente, relações sociais e simbólicas. (CAMPOS, 2011). Este autor, ainda afirma que há três elementos que são fundamentais para essa educação: “[...] o trabalho, a religiosidade e, entrelaçada com os dois primeiros, a solidariedade do grupo.” (p. 497).

Brandão (1983), realizou um estudo de caso sobre os caipiras do sertão de São Paulo, entretanto, a autora acredita que seja importante utilizar parte de seu estudo no presente trabalho:

No interior da fração de classe de que é parte e dentro do espaço social e geográfico de que *o rancho, a roça e o bairro* são o lugar de vida e seus símbolos mais amados, os caipiras dos sertões de São Paulo souberam desenvolver um modo de vida regido por códigos estreitos de trocas entre eles e com os outros. Códigos extremamente criativos de relações baseadas no trabalho, no respeito mútuo, nos valores da fé religiosa do catolicismo camponês, na honra e na solidariedade. (1983, p.15)

Como ocorreu o meio rural, a industrialização e modernização das cidades (modo de vida urbano, que já foi citado acima), o modo de vida dos caipiras também sofreu as modificações causadas pelo processo de desenvolvimento capitalista que atualmente leva o nome de globalização.

Referindo brevemente sobre globalização, seria os processos que atuam em escala global, modificando a relação espaço-tempo, interconectando organizações e comunidades do mundo todo (HALL, 2006). Contudo, há uma manipulação de informações, que acarreta diversos e graves problemas de desigualdade social, o que Santos (2000) chama de

“globalização perversa”. Essa globalização torna as pessoas e, conseqüentemente, tudo que delas depende, individualistas. Passa a ser importante “ter sempre mais”, independente do que é preciso para alcançar o “topo” econômico, político e/ou social, sendo a grande causa disso o elevado aumento da competitividade. Outro problema é o grande aumento do consumismo, hoje “se faz” primeiro o consumidor – convencendo ele sobre o produto – e depois o produto (SANTOS, 2000). Essa ganância exacerbada e a necessidade de *status* a partir do ter, é que faz esse mundo do consumismo girar tão rápido e tão bem. “Ideologicamente, o indivíduo é valorizado como consumidor, usuário ou cliente que tem ‘o mundo ao seu dispor’ – o ‘cidadão do mercado-mundo’” (OLIVEIRA, 2000, p. 155)

A partir dessa lógica, há uma drástica diminuição do senso de solidariedade e tudo que esta implica, e que muito envolve o campo.

3 EM BUSCA DOS CAMINHOS PARA A JORNADA: METODOLOGIA

*Ao sinhô peço licença
Pra em vossa casa entrar
A bandeira vai na frente
Pra sua morada abençoar
(Dércio Marques, Elton Ribeiro e Poli Brandani)*

Foi realizada pesquisa bibliográfica (livros, teses, artigos) sobre os conceitos necessários para embasamento da pesquisa, como cultura, identidade cultural, cultura popular, folclore, urbano e rural. Juntamente, procedeu-se uma pesquisa histórica e geográfica sobre a Folia de Reis Fulô da Mantiqueira utilizando documentos, fotos e depoimentos dos foliões. Os documentos utilizados são privados, pertencentes aos foliões, portanto, foi assinada pelo Mestre da Folia de Reis Fulô da Mantiqueira uma carta de anuência dando apoio e total acesso a esses documentos. Como a manifestação não é instituição e nem associação, a carta foi elaborada em nome do Mestre, que é o representante e responsável pela Folia de Reis. A própria manifestação incita reflexões sobre os conceitos estudados e tece juntamente a esses conceitos científicos, as discussões presentes nesta pesquisa. Após uma breve estruturação, a pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa. Será anexado a esta pesquisa o parecer de aprovação proferido pelo Comitê de Ética em Pesquisa.

A pesquisa abordou o tema levando em consideração os conhecimentos científicos adquiridos a partir do prévio estudo e o depoimento das pessoas envolvidas com a manifestação (foliões, ex-foliões, pessoas que recebem a folia a muitos anos e que recebem há pouco tempo) através de conversas informais baseadas na história oral, como será explicada mais adiante.

Portanto, foi utilizado o método qualitativo em um estudo de caso, que tem como objetivo estudar as ações sociais através de suas motivações, valores e significados. Esse método foi utilizado com enfoque na abordagem sócio histórica a qual assegura que a pesquisa não seja apenas descritiva, mas também explicada através da compreensão do fenômeno estudado pela ótica do acontecer histórico, ou seja, leva em consideração o passado, o presente e o futuro, a movimentação da manifestação pesquisada, isso a partir da perspectiva dos sujeitos da pesquisa na inter-relação entre pesquisador e pesquisado (FREITAS, 2002, 2003; MOLON, 2008). “O método na abordagem sócio histórica possibilita contemplar o presente, o passado e o futuro, enquanto movimento do que é, do que foi e do que poderá vir a ser” (MOLON, 2008, p. 60) Essa abordagem se encaixa a esta pesquisa pois

segundo Freitas (2002, p. 27), para uma boa pesquisa qualitativa “[...] não se cria artificialmente uma situação para ser pesquisada, mas se vai ao encontro da situação no seu acontecer, no seu processo de desenvolvimento.” Por isso, a pesquisadora, como membro ativo da Folia de Reis Fulô da Mantiqueira, tem livre acesso a esse “acontecer” da manifestação, o que facilita a descrição detalhada, profundo conhecimento sobre a Fulô da Mantiqueira e facilidade de interação entre os sujeitos envolvidos na pesquisa.

Bakhtin contribui para complementar essas ideias afirmando que o critério que se busca numa pesquisa não é a precisão do conhecimento, mas a profundidade da penetração e a participação ativa tanto do investigador quanto do investigado. (FREITAS, 2002, p. 25 – 26)

Como foi brevemente citado acima, a pesquisadora nasceu com a presença da Folia de Reis Fulô da Mantiqueira em sua vida, pois seu pai e atual Mestre foi um dos criadores da manifestação há 31 anos atrás. Portanto, a pesquisadora não tem lembranças de quando começou a acompanhar a Folia em razão de ter sido de forma natural. Têm-se a lembrança apenas de quando esta tornou-se caixeira, que ocorreu em 2003 quando a pesquisadora tinha 12 anos, mas mesmo antes desse “posto oficial” a mesma já acompanhava a Fulô da Mantiqueira, como afirma o Mestre. Sendo assim, toda essa vivência da pesquisadora ultrapassa esses limites do “adentrar no objeto de pesquisa” apenas enquanto está sendo feita essa pesquisa. Além disso, o lugar de fala da pesquisadora é também de uma foliã com memórias e experiências que foram utilizadas na pesquisa, já que “[...] nossas lembranças são, pelo menos em parte, sustentadas pelas lembranças do grupo ao qual pertencemos ” (TRUZZI, 2007, p. 267). Essa posição é também retratada na abordagem sócio histórica:

A contextualização do pesquisador é também relevante: ele não é um ser humano genérico, mas um ser social, faz parte da investigação e leva para ela tudo aquilo que o constitui como um ser concreto em diálogo com o mundo em que vive. Suas análises interpretativas são feitas a partir do lugar sócio histórico no qual se situa e dependem das relações intersubjetivas que estabelece com seus sujeitos. É nesse sentido que se pode dizer que o pesquisador é um dos principais instrumentos da pesquisa, porque se insere nela e a análise que faz depende de sua situação pessoal-social. [...] A leitura que faz do outro e dos acontecimentos que o cercam está impregnada do lugar de onde fala e orienta pela perspectiva teórica que conduz a investigação. (FREITAS, 2002, p. 29 – 30)

A linha entre o intelectual e o afetivo fica, então, tênue, mas a pesquisadora está consciente de que é necessário alcançar um olhar “de fora”, lembrar-se sempre que seu papel principal aqui é de pesquisadora, para que haja um estranhamento à manifestação pesquisada e se possa produzir um bom trabalho. “Sem este retorno não há compreensão, mas identificação. Essa volta ao seu lugar é que permite ao pesquisador ter condições de dar forma

e acabamento ao que ouviu e completá-lo com o que é transcendente à sua consciência” (FREITAS, 2003, p. 24).

Esta pesquisa leva em conta os saberes e crenças populares também como um tipo de conhecimento, tão importante quanto o científico, que traz consigo emoções e interpretações das experiências vividas para criação desses saberes, e é a partir disso que se embasa a pesquisa, tendo como o ponto de partida o olhar e a lógica dessas pessoas.

Deve-se partir da realidade concreta da vida cotidiana dos próprios participantes individuais e coletivos do processo, em sua diferentes dimensões e interações. (GABARRON; LANDA, 1994; apud. BRANDÃO; STRECK, 2006, p. 41)

Contudo, esse tipo de pesquisa não descarta o saber científico, este é utilizado para complementar e analisar criticamente o que foi pesquisado. Junta-se o saber científico ao saber popular para que se obtenha um novo conhecimento.

Está em uso também a história oral, onde se constrói um documento a partir de entrevistas/conversas com pessoas envolvidas com o objeto estudado, há três tipos: história oral temática, história oral de vida e tradição oral. Nesta pesquisa foi utilizado a história oral de vida, na qual se registra a experiência pessoal que o indivíduo teve com o objeto de pesquisa através de suas memórias individuais e coletivas, levando em consideração suas compreensões, sentimentos, esquecimentos, silêncios e linguagens não verbais. Por ser um método considerado subjetivo, uma das intenções de se usar a história oral de vida, é que se possa reformular as hipóteses sobre o objeto a partir da experiência de vida relatada pelo indivíduo.

Metodologicamente, História Oral de Vida obedece a um procedimento conhecido por entrevistas livres, isto é, sem questionários ou perguntas diretamente indutivas. Quase sempre, as gravações de História Oral de Vida são longas e devem obedecer à captação do sentido da experiência vivencial de alguém. A individualização é fundamental, sendo que cada pessoa deve ser tratada como um caso específico. (MEIHY, 1994, p. 56)

Portanto, foram realizadas entrevistas informais, sendo melhor descritas como uma conversa, para que houvesse mais naturalidade e para a obtenção de resultados mais detalhados da manifestação pesquisada. Foram pré-determinados alguns eixos temáticos para não perder a linha de raciocínio e objetivo da pesquisa. Há alguns pontos que são importantes para que se obtenha bons resultados nas conversas: deve-se esclarecer a importância dessa entrevista e os termos éticos que serão seguidos; as conversas devem ser feitas em lugares onde os indivíduos se sintam seguros para expor suas vivências; o pesquisador deve estar

munido de sensibilidade para ouvir além das palavras e de intervir o mínimo possível. Para essas conversas foi utilizado um gravador, para que não se perca nenhum detalhe das falas e não-falas dos indivíduos.

Estas conversas foram feitas com pessoas que recebem a Folia de Reis Fulô da Mantiqueira há mais de 10 anos e as que recebem há menos de 10 anos, como ex-foliões, foliões antigos e novos – que entraram há menos de 10 anos. Foram realizadas no município de Itajubá, Delfim Moreira, Wenceslau Braz e Piranguçu, cidades nas quais se localizam os bairros onde a manifestação faz seus “giros”. As entrevistas foram feitas com homens e mulheres de faixa etárias diferentes (jovens: a partir de 20 anos de idade; adultos: de 40 à 60 anos; idosos: de 61 anos em diante), com intuito de se obter diversas visões sobre a Folia e a questão abordada.

Os participantes da conversa foram abordados previamente, e a pesquisa foi apresentada e, os que aceitaram participar, assinaram o Termo de Consentimento Livre Esclarecido. A conversa foi realizada em horário e ambiente acordado, no qual o sujeito se sentia à vontade para a conversa, garantindo sua privacidade e salubridade. As conversas tiveram duração aproximadamente de 1 à 3 horas. Considerações éticas: a participação de todos foi voluntária e todas as despesas foram arcadas/ressarcidas pela pesquisadora, que se comprometeu em suspender a pesquisa se esta afetar a integridade física, moral ou psicológica do sujeito. O material produzido ficará sob guarda e responsabilidade da pesquisadora, que se compromete a utilizar as informações de forma ética conforme a Resolução 466/12.

A etapa seguinte da história oral de vida é a transcrição das entrevistas feitas. O entrevistador transcreveu toda a entrevista de maneira original, sem correções ortográficas e foram anotadas as observações e expressões não faladas que ocorreram na mesma – como risos, expressão de medo, choro. Além desse tipo de transcrição fazer parte da metodologia escolhida pela pesquisadora, traz também uma noção geográfica do lugar de onde se fala e as características culturais e de linguagem deste lugar. Feito isso, o entrevistador/pesquisador relacionou e analisou os resultados das entrevistas com as pesquisas bibliográficas realizadas, através da análise de conteúdo.

A análise de conteúdo qualitativa é utilizada para captar os vários significados de um texto, e o seu sentido simbólico, nem sempre explícito. Tais questões estão fortemente ligadas ao contexto em que o texto foi escrito. A apreensão do contexto é imprescindível para a compreensão dos significados simbólicos de um texto. Esse contexto deve ser reconstruído pelo pesquisador [...]. (ALBUQUERQUE, 2016, s/p.)

Na análise de conteúdo há uma sequência classificatória original de Laswell onde são feitas seis questões: 1) Quem fala? 2) Para dizer o quê? 3) A quem? 4) De que modo? 5) Com

que finalidade? 6) Com que resultados? (MORAES, 1999, p. 11). Na qual, *Quem fala?* define a categoria do sujeito que emite a mensagem; *Para dizer o que?* mostra o “conteúdo e valor informacional, por meio das palavras, dos argumentos, das metáforas e das ideias nela expressas [...]” (MORAES, 1999, s/p); *A quem?* nos mostra a investigação levando em conta o receptor “procurando inferir as características deste, a partir do que lê ou ouve. Indicadores e características da mensagem originam inferências sobre quem a recebe” (MORAES, 1999, s/p); *Como?* É quando o investigador aponta as características da comunicação, como os códigos, estrutura de linguagem; *Com que finalidade?* é quando o pesquisador questiona sobre as finalidades da comunicação; *Com que resultados?* neste momento o pesquisador identifica e descreve os resultados da comunicação, que podem ou não coincidirem com os objetivos.

Partindo da afirmação de Moraes de que “pesquisas poderão direcionar-se ao mesmo tempo para duas ou mais destas questões. Do mesmo modo, os métodos e técnicas de análise poderão variar em função dos objetivos propostos” (MORAES, 1999, s/p), esta pesquisa se apoiará em quatro aspectos: *Quem fala? Para dizer o que? A quem? Com que finalidade?* Assim, será possível levar em consideração os sujeitos entrevistados e quem os entrevista. Há três etapas básicas para se fazer na análise de conteúdo: a pré-análise, na qual o pesquisador elabora um plano de trabalho que orientará a pesquisa e tem um primeiro contato com os sujeitos entrevistados; a exploração do material, fase em que é feita a codificação, classificação e categorização; e finalmente o tratamento dos resultados, etapa que classifica os documentos produzidos em categorias ligando-os aos referenciais teóricos da pesquisa, tornando-os assim significativos e pertinentes.

Também foram utilizadas nessa pesquisa, fotografias do acervo histórico da manifestação, acervo pessoal e feitas durante a pesquisa participante, com intuito de ilustrar as transformações que a manifestação sofreu durante sua existência.

4 DE REIS À FOLIA: UM BREVE HISTÓRICO

*Pela fé nos Reis andantes
Caminhamos noite e dia
Cantamo em terras distantes
Seguindo a Estrela Guia
(Giovanni Guimarães e Ronaldo Pereira)*

A Folia de Reis representa a ida dos Três Reis Magos - Melchior/Belchior de Tarsis, Gaspar da Arábia e Baltazar da Etiópia – ao encontro do menino Jesus recém-nascido, de acordo com o Evangelho de Mateus - Capítulo II do Novo Testamento, no qual os Reis levavam ouro, incenso e mirra, que simbolizam a realeza, a divindade e a imortalidade. Há diversas histórias e lendas em torno dos Três Reis Magos, tendo poucos documentos que provem essas diversas versões. Mas apenas no século V que foi definido que eram 3 os Reis Magos e no século VI eles passaram a representar as três idades da vida: o jovem, o adulto e o idoso, com intuito de traduzir a universalidade (PESSOA; FÉLIX, 2007).

Há versões nas quais os Reis do Oriente eram considerados médiuns e por isso o prestígio que obtiveram e o nome “Magos”; outra, que eles foram os primeiros reis a se converterem ao cristianismo e por isso atingiram todo esse *status* mesmo não sendo consagrados “santos”; e ainda, outra em que os Três Reis eram astrólogos. Esta última versão é utilizada para justificar o aparecimento da Estrela Guia, pois Deus teria enviado uma estrela para guiá-los, já que eram cientistas e essa era a melhor forma de trazê-los até o Menino Jesus e convertê-los (PESSOA; FÉLIX, 2007; VIEIRA, 1957, apud. PESSOA; FÉLIX, 2007; GIMENEZ, 1958 apud. MENDES, 2007; MARINHO, 2015).

O culto aos Reis Magos vem do Oriente ao Ocidente, entre o fim do século II e início do século III, onde a popularização desse culto aconteceu não só por motivos religiosos, mas também por motivos políticos e econômicos, começando na Alemanha – onde há na catedral de Colônia um relicário com os corpos dos Três Reis Magos - e Itália. De acordo com Pessoa e Félix (2007).

[...] a partir da catedral de Colônia, na Alemanha, a devoção aos Reis Magos se expandiu por toda a Europa Ocidental, o que pode ser testemunhado ainda hoje pelos mais diferentes registros na Bélgica, França, Inglaterra, Espanha, Portugal. Passados vários séculos, houve uma transformação dessa presença dos Reis Magos na Europa. Ela se tornou uma presença, digamos, laicizada (p. 38)

A Folia de Reis surgiu na Espanha no século XIII e logo se espalhou por toda Península Ibérica - Espanha, Portugal e Andorra (BRANDÃO, 1985; 2007). Uma das atribuições da origem europeia das Folias está relacionada com as Pastorinhas, que no período litúrgico do Natal percorriam as casas na cidade, pedindo esmolas e utilizando a música para

o pedido e agradecimento, as Folias seriam inicialmente uma revisão camponesa das pastorinhas, que aos poucos foi se modificando.

Mas foram os portugueses que a trouxeram para o Brasil no século XVI, por volta do ano 1534, com a finalidade de catequizar os índios e negros escravos. A colonização aconteceu no contexto da Contrarreforma e por isso o catolicismo que foi implantado era de grande culto aos santos.

[...] do bairro de Belém, sob as bênçãos de Nossa Senhora da Estrela, mais tarde, Nossa Senhora dos Reis, partiam as naus portuguesas em direção à Terra de Santa Cruz. Por isso a devoção aos Reis Magos está plenamente vinculada ao empreendimento colonizador e com ele espalhou-se pelo Brasil, ao longo dos séculos subsequentes. Mas as referências aos Reis Magos, vindas de Portugal, extrapolam o campo das práticas religiosas. Muito do que se aprendeu no Brasil sobre os Reis Magos é proveniente de cantares e de danças populares profanas. (PESSOA; FÉLIX, 2007, p. 132)

Em Portugal, consistia em uma dança alegre que continha em sua composição guizos, gaitas, caixa, violas e adufes (pandeiros) e seus foliões eram vestidos com trajes típicos de Portugal. Ao longo do tempo, na Folia de Reis vinda para o Brasil, ocorreram algumas adaptações, inserindo traços brasileiros em seus ritos. Já que a intenção era catequizar, foi necessário que dramatizassem o catolicismo, adicionando teatro, danças e mais ritmo, utilizando como estratégia a adaptação das crenças e valores jesuíticos à mentalidade e costumes dos índios e negros, fazendo uma seleção desses costumes para facilitar a imposição da “verdadeira fé”.

Esse ritual foi criado a partir da junção de ofícios e missas natalinas. Nos festejos medievais, havia o *Officium Pastorum*, que era a dramatização da noite do Natal com anjos, pastores e a Sagrada Família, e ocorria até o dia 25 de dezembro. Aos poucos, foram aumentando o número de personagens, como bichos e parteiras e foi se estendendo até a festa da Epifania (revelação da divindade ao mundo pagão) que é feita no dia 6 de janeiro. Com o tempo, esses festejos pós-natal se tornaram mais populares e o centro da dramatização natalina. Entram então em cena, Herodes, seus soldados e os Reis Magos, formando o Ciclo de Natal: *Officium Stelae*. Aos Reis Magos é dada cada vez mais importância nessas dramatizações, o Menino Jesus continua sendo a figura de referência, mas os Magos é quem são os protagonistas (BRANDÃO, 1985).

A Folia de Reis foi por algum tempo feita dentro das igrejas - isso desde o começo do cristianismo - e nas procissões promovidas pelas mesmas. Porém, desde a Colônia havia bispos e padres que tentavam proibir essas expressões populares, fazendo acusações de que esse ritual era inadequado e profano e por isso era inaceitável dentro da igreja. Com todas

essas acusações, aos poucos ocorreu uma “purificação” do Ciclo de Natal e foram excluídas as dramatizações, danças e cantos populares.

Esses rituais foram obrigados a migrarem de dentro da Igreja para as ruas, para as praças, para a periferia e enfim para as áreas do campo, longe do controle direto das igrejas, assim, essa manifestação se tornou um ritual de devoção comunitário e totalmente popular. Com isso, a Folia de Reis passou a ter como finalidade sair nos bairros visitando casas de devotos, levando a benção para as famílias através das canções e bandeira. Nas residências que passam, pedem uma prenda/ajuda para a realização da festa da Folia, que pode acontecer tanto no dia ou depois do dia 06 de janeiro (dia dos Santos Reis), quanto depois do dia 20 de janeiro (dia de São Sebastião). Esta festa é feita para as comunidades onde a Folia passou e o local da festa é decidido pelo Mestre da Folia. Esse chamado “giro” - que é o ciclo que a Folia faz - pode começar a partir do dia 25 de dezembro e vai até dia 06 de janeiro em algumas regiões, já em outras, é permitido que a Folia saia até dia 20 de janeiro. Após o término desse período a manifestação não poderá mais sair em seu giro. Com essas mudanças ocorridas ao longo da história da Folia de Reis, houve a separação da dança nessa manifestação, apenas o palhaço (que é um dos personagens das Folias em algumas regiões do Brasil) é que ainda mantém esta dança para divertir as pessoas que recebem o ritual em suas casas.

Com o êxodo rural, muitas das Folias de Reis voltaram às cidades e mais uma vez sofreram modificações em vários aspectos, desde a composição até a estrutura do ritual, já que a vida nas cidades tem, em geral, um ritmo diverso da vida no campo.

Após o Concílio Vaticano II - 1962 a 1965 - (SILVA, 2006), que foi uma renovação litúrgica do catolicismo, houve uma reaproximação entre a igreja e as Folias de Reis, porém, essas manifestações passaram por um grande domínio popular e hoje é totalmente dispensável a presença de padres ou qualquer outro representante da Igreja Católica em seus rituais.

Devido a grandiosidade de nosso país, a Folia de Reis tem variações em seu ritmo, letra, composição, regras, em sua festa, mas sempre com a mesma finalidade.

Isso se deve ao fato de ser cultura popular. Os grupos não têm forma rígida, pois não há escola de formação de foliões. É a continuação de uma cultura que teve início há séculos e por povos originários de várias culturas. Conforme é a cultura dos participantes, é a riqueza das representações. (VIGILATO, 2000, p. 135 apud. PESSOA; FÉLIX, 2007, p. 179)

Será explicado mais detalhadamente como funciona a Folia de Reis Fulô da Mantiqueira nos capítulos seguintes, por enquanto foi apresentado um breve histórico e introdução do que seria essa manifestação folclórico-religiosa.

5 FOLIA DE REIS FULÔ DA MANTIQUEIRA

*Tem flores e cores a nossa folia
Que é clara, que é cheia, que a vida recria
(Consuelo de Paula e Ney Couteiro)*

O grupo Folia de Reis Fulô da Mantiqueira, foco desta pesquisa, está localizada no município de Itajubá, que se situa no extremo sul do Estado de Minas Gerais, estando na encosta da Serra da Mantiqueira, berço de muitas manifestações populares. O município tem 219,75 km² de área rural e 70,70 km² de área urbana, havendo na zona rural 7.894 pessoas residentes e na zona urbana 82.764 pessoas residentes, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2010), sendo a estimativa de habitantes em 2017 de 97.000 pessoas. A base econômica do município segundo o Produto Interno Bruto - PIB é liderada por serviços, seguido por indústria e agropecuária (IBGE 2010). A cidade está localizada entre as mais importantes rodovias de ligação – BR 459, Dutra e Fernão dias – o que facilita a entrada e saída de pessoas e produtos.

Limita-se com os municípios de São José do Alegre e Maria da Fé ao norte, Wenceslau Brás ao sudeste, Piranguçu ao sudoeste, Piranguinho a oeste e Delfim Moreira a leste.

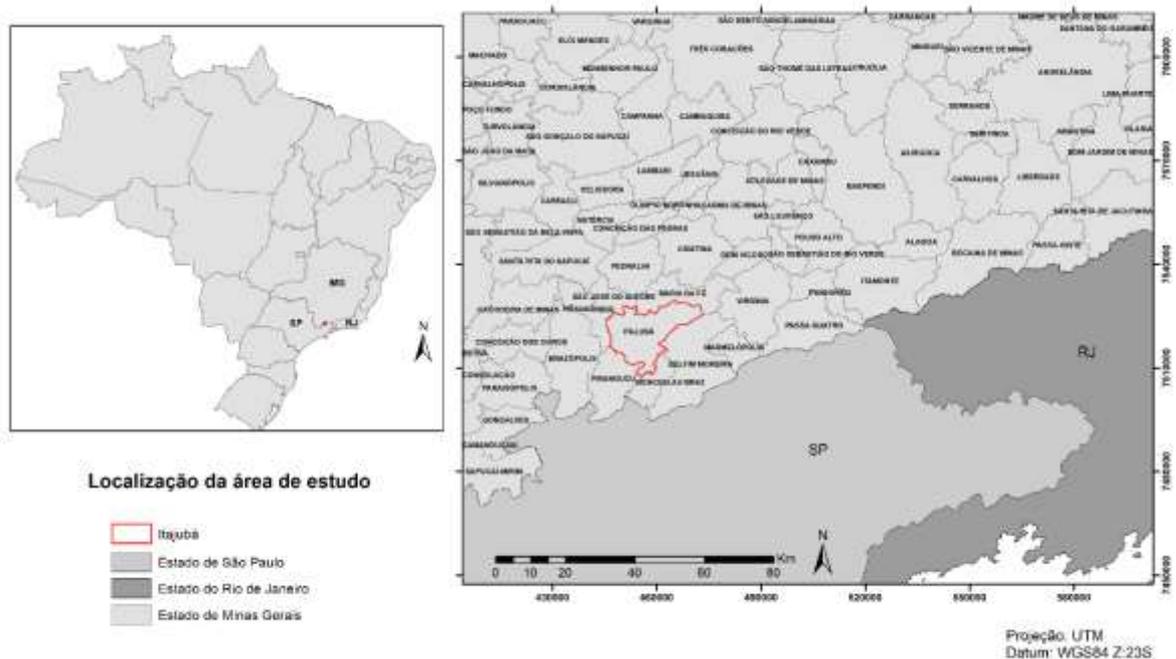


Figura 1 - Localização município de Itajubá
Fonte: Thaís Aparecida Silva, 2018

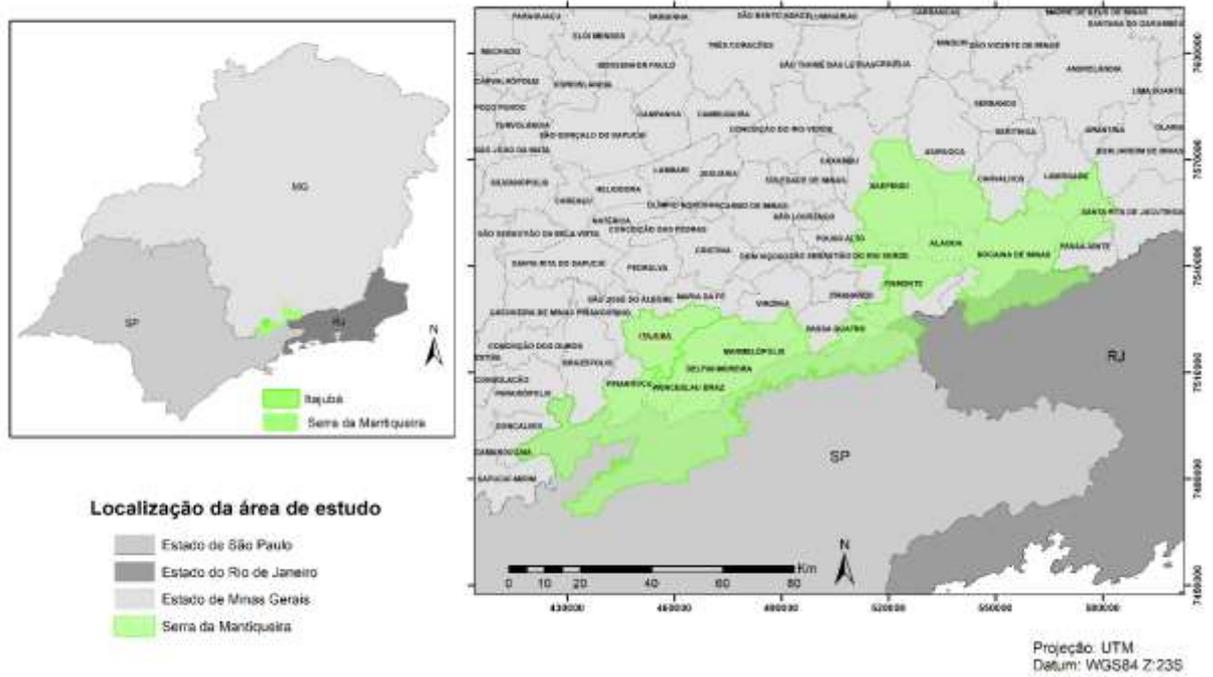


Figura 2 - Localização do município de Itajubá na Serra da Mantiqueira
Fonte: Thaís Aparecida Silva, 2018.



Figura 3 - Mapa de Itajubá e municípios limites
Fonte: Thaís Aparecida Silva, 2018.

Para prosseguir, é importante reforçar que as informações históricas e de descrição deste estudo de caso foram obtidas através dos relatos das entrevistas, material histórico da manifestação e observação e vivência da pesquisadora.

A Fulô da Mantiqueira foi criada em 1987 por Luíz Fernando Ribeiro (Bré) e Ronaldo José Pereira, em um convite feito por Bré. Estes tinham pouco conhecimento sobre essa manifestação, contudo foram atrás de livros que falavam sobre o assunto e de outras folias de reis que haviam na zona rural do município e na região, para entenderem melhor como funcionava o ritual, suas regras, símbolos, canções e formação, já que sabiam que essa manifestação sofria modificações conforme a região que se encontrava. Conversaram em busca de informações com os mestres Tião Mira do bairro do Centro próximo de Campos do Jordão; Tião Leopoldino, do bairro da Mata do Izidoro no município de Maria da Fé; Sô Vardomiro, do bairro Juru pertencente ao município de Itajubá; e Seu Afonso Pézão, do bairro da Berta, também pertencente ao mesmo município.

A Folia de Reis do Seu Afonso Pézão não estava mais saindo em seus giros, assim, Ronaldo e Luíz Fernando passaram a utilizar os versos que eles cantavam – versos centenários e ditados pelo próprio Afonso Pézão - com intuito de manter essa tradição de alguma forma. Então, Ronaldo juntamente com o músico Paulinho Cascardo, criaram uma nova melodia para estes versos, para que essa folia que estava nascendo, tivesse sua identidade.

Após essas pesquisas e adaptações, eles foram convidando algumas pessoas para participar do grupo. Aos poucos foi se formando a Folia, a qual tinha a seguinte composição no início: Mestre Luíz Fernando (Bré), Contramestre Ronaldo, bandeireiro Zé Barbeiro e Sô Antônio Leão (que foi da Folia do Seu Antônio Pézão), violão Giovanni Guimarães, palhaço Zé Rita (que também fez parte da Folia do Seu Antônio Pézão e foi professor de palhaço), Seu Jesus que tocava afoxé, entre outras pessoas que acompanhavam a Folia. Como se pode notar, essa primeira formação era composta por foliões iniciantes e por pessoas que já faziam parte de outras folias, que trouxeram para esta, suas experiências, ajudando na formação da mesma.

[...] i ali a genti tava cercadu di velhinhu, a genti era uns mulequi, a genti saía e tal, mais elis davam u sustentu pra genti intendeu, intão a genti chegava cus violãozinho mais elis tavam lá sabi, sigurava a bandêra cum aquela imponência, aquela coisa di lordi mesmu né. Intão aquilu inspirava um respeito. I a genti si apropriava daquilo comu elis si apropriavam da genti [...]. (Luíz Fernando Ribeiro)⁴

⁴ Criador e ex-folião da Folia de Reis Fulô da Mantiqueira. Entrevistadora: Rosana Pereira. Duração: 00:58:45 25/05/2018

A manifestação tinha sua sede ao final do bairro Medicina, onde começava a transição entre zona urbana e rural, local onde foi construída uma igreja, quase que juntamente com a Folia e era ali que as festas aconteciam.



Figura 4 – Foto: Folia de Reis Fulô da Mantiqueira, 1987
Fonte: Acervo histórico da Folia de Reis Fulô da Mantiqueira



Figura 5 - Folia de Reis Fulô da Mantiqueira, 1987
Fonte: Acervo histórico da Folia de Reis Fulô da Mantiqueira



Figura 6 - Folia de Reis Fulô da Mantiqueira, 1991.
Fonte: Acervo histórico da Folia de Reis Fulô da Mantiqueira



Figura 7 - Folia de Reis Fulô da Mantiqueira, 1994.
Fonte: Acervo histórico da Folia de Reis Fulô da Mantiqueira



Figura 8 - Folia de Reis Fulô da Mantiqueira, 1998.
Fonte: Acervo histórico da Folia de Reis Fulô da Mantiqueira



Figura 9 - Folia de Reis Fulô da Mantiqueira, 2000.

Fonte: Acervo histórico da Folia de Reis Fulô da Mantiqueira

Essa história di começá uma fulia di reis, quando u Bré mi convido eu pensei na fulia di reis, qui eu já tinha ouvidu falá, comu folclóri né [...]. Intão a genti foi atrás di livrus, livrus folclóricus pra estudá sobri folclori. I aí a genti foi juntanu as pessoas i entrandu... i saímos pra, saímos nas casas né pra fazê u giru. I aí é qui começa a grandi, pra nós uma grandi descuberta qui permaneci até hoji... Hoji pra mim, na minha opinião, a parti di folclori é a qui menus interessa na fulia. Mais a genti aprendeu dentru das casas das pessoas, com us sustus qui a genti levava à respeito du respeito qui si tinha cum sagradu, cum a bandêra. Quando a genti entrava na casa di pessoas muito devotas era uma coisa di si emocioná a forma comu elis acolhiam a bandêra, i isso foi nus insinanu assim di uma manêra numa velocidadi assim assustadora, porque aí a genti viu, logu nu primêru momentu, a genti viu qui realmenti tava carreganu u sagradu. Hoji eu achu qui num era, qui num foi pur acasu qui aconteceu isso, qui u mestri Bré foi lá i a genti cumeçô uma coisa qui num tinha dimensão né, porque ela durô até agora... comu ela duro até agora a genti vê qui foi uma coisa assim, eu achu, incaminhada memu, pra que a genti consiguissi é mantê essa, essi giru pur tantu tempu. (Ronaldo José Pereira)⁵

Essa composição e sede durou 14 anos, mas aos poucos alguns foliões e o próprio mestre foram saindo, por diversos motivos, e a manifestação ficou inativa por 1 ano. Porém, devido as experiências vividas por quem fez parte da Folia, esta voltou à ativa com algumas mudanças na sua composição e sua sede, que passou a ser no bairro rural chamado São Pedro.

Mais do que descrever essa manifestação, o que se pretende mostrar são as mudanças ocorridas ao longo da história da Fulô da Mantiqueira, focando na mudança de sua sede e no mundo rural.

A Fulô da Mantiqueira atualmente é composta pelo mestre, contramestre, bandeireiras⁶, palhaços, violeiros, caixeiros, pandeireiros, ganzazeiros, e as vozes. O atual

⁵ Criador e mestre da Folia de Reis Fulô da Mantiqueira. Entrevistadora: Rosana Pereira. Duração: 2:03:14. 20/07/2018

⁶ Pessoas responsáveis por carregar as bandeiras da Folia de Reis.

mestre é o Ronaldo Pereira – criador e antigo contramestre – o atual contramestre é o Giovanni Guimarães, e ao todo são 40 foliões.

Uma das particularidades desta manifestação, é que há uma diversidade quanto as profissões dos foliões e conseqüentemente em relação a questão econômica de cada um. Há foliões que vivem do plantio e venda de alimentos, aposentados, cozinheiras de escolas municipais, professores de nível infantil e de ensino superior, contadores, produtores culturais, diaristas, trabalhadores em fábricas, em imobiliárias, maestro, estudantes, pedreiros, fisioterapeuta. Há também diferentes níveis de ensino, existindo foliões que não completaram o ensino médio e outros que são doutores. Apesar dessas diferenças é prezado, acima de tudo, o respeito pela sabedoria do outro. “É uma diversidadi muito grandi i não tem assim... classi na fulia é tudu igual, ninguém é... respeitanu u mestri e as bandêra qui tá na frenti, u restu pra nós é tudu igual.” (José Donizeti Vieira)⁷. Além disso, têm-se consciência sobre as dificuldades econômicas de alguns e, portanto, muitas vezes acontecem mutirões para o pagamento de uniforme ou compra de algum instrumento.

Purque u grupu tamém é muito bacana né, a troca qui a genti tem nu grupu tamém, eu achu qui é uma coisa muito interessante né, cê vê u... genti ali das mais diferentis origens né, as crianças né, os mais velhos... a genti vê muito issu nu cuidado qui um tem cum otro né dentru du própriu grupu [...]. Intão eu achu qui é... existi essa troca i isso é a coisa qui eu achu qui é qui mais, assim, uni a Fulia né, o qui dá mais essa, essa vontade di continuá, vontade di segui em frenti né [...]. (Célia Ottoboni)⁸

Existem algumas regras nessa manifestação, uma delas é quanto a ordem dos foliões dentro da Folia. Primeiro vêm as bandeiras, pois representam o sagrado; logo atrás vêm os palhaços; em seguida o mestre e contramestre com os violeiros; depois vêm os foliões que ajudam nas vozes; após vem o acordeon; e finalmente vêm as caixas, pandeiro e outros instrumentos de percussão.

A trajetória que a Folia de Reis Fulô da Mantiqueira faz durante seu ritual, é chamada de “giro”, e pode ser feita do dia 25 de dezembro até o dia 20 de janeiro, ocorrendo a festa no final de semana mais próximo dessa data, após esse período a Folia não pode mais sair em seu “giro”. O objetivo da Fulô da Mantiqueira também é o de abençoar a casa e a família que nela vive e em troca arrecadar os adjutórios/prendas⁹, que pode ser em dinheiro ou alimento. Porém, a arrecadação dessas prendas não é seu objetivo central, e caso a família não tenha condições de ajudar a Folia abençoa da mesma maneira.

⁷ Palhaço da Folia de Reis Fulô da Mantiqueira. Entrevistadora: Rosana Pereira. Duração: 00:18:40. 12/04/2018

⁸ Foliã da Folia de Reis Fulô da Mantiqueira. Entrevistadora: Rosana Pereira. Duração: 00:26:00. 09/04/2018

⁹ Adjutório: esmola ou prenda.

[...] porque cê vai na casa num, cê vai lá cantá si eli pudé dá uma ismola tudu bem, agora, si eli num pudé tamém, eli recebê u cê bem, qui u mais importanti é recebê u cê bem, dá valor, recebe a bandêra, porque a bandêra ali é Santu Reis né, a bandêra é benta né. (José A. Barbosa)¹⁰

Esses adjutórios são arrecadados para produzir a Festa da Folia. Essa questão da arrecadação e festa serão explicados com mais detalhes adiante.

A Folia de Reis circula a região da Serra da Mantiqueira que fica ao redor do município de Itajubá, visitando os bairros urbanos (os antigos foliões e quem há muito tempo recebe a Folia), mas principalmente os rurais. Os bairros que a Fulô da Mantiqueira faz seus giros são: na área urbana o bairro Medicina, Anhumas e Santa Rosa no município de Itajubá; e na zona rural os bairros Barreirinho, Perus, Estância e Bicas no município de Delfim Moreira, São Pedro e Colônia no município de Itajubá; Ponte de Zinco no município de Wenceslau Braz; São Bernardo no município de Piranguçu. Essa trajetória é antecipadamente traçada, isto é, um folião ou uma pessoa do bairro fica responsável por perguntar no local quem vai querer receber a Folia e passa essa relação de casas para o mestre. Contudo, na maioria das vezes essa trajetória sofre modificações durante o giro. O que acontece é que pessoas vizinhas às casas por onde a Folia passa, acabam pedindo para que passem em suas casas também, isso porque muitas vezes essas pessoas não conhecem a manifestação e ao verem em seus vizinhos se encantam e também querem receber. Assim, as casas visitadas pela Fulô da Mantiqueira aumentam a cada ano. Quando isso acontece, não se pode negar, pois para muitas pessoas a Folia leva o sagrado e a benção, e seria uma ofensa imensurável se fosse negado isto à família, já que a Folia antes de tudo representa os Santos Reis. Além dessa questão religiosa, estaria negando também a essas pessoas a partilha do pertencimento a esse grupo, o que pode acarretar traumas emocionais. Outro detalhe acontece quando a Folia de Reis está na rua e alguém lhe oferece um adjutório, então todos os foliões se voltam para a pessoa que ofertou o dinheiro ou o alimento e cantam os versos em agradecimento, para só depois continuar seu giro, abençoando assim a pessoa que ofertou, sem poder negar pelos mesmos motivos citados acima.

Antes de adentrarmos a mais detalhes sobre os símbolos da Folia de Reis, serão apresentadas algumas mudanças ocorridas na e com manifestação ao longo de sua história, que foram relatadas pelos entrevistados. Essas questões serão apresentadas aos poucos, ao longo de toda dissertação.

¹⁰ Palhaço ex-folião da Folia de Ris Fulô da Mantiqueira. Entrevistadora: Rosana Pereira. Duração: 1:19:30 17/07/2018

Primeiramente acredita-se que seja interessante abordar o significado que a Folia de Reis Fulô da Mantiqueira tem para as pessoas que foram entrevistadas, pois a partir disso se torna mais fácil compreender algumas falas e análises que serão expostas. Em algumas conversas com os participantes desta pesquisa, essa questão fluiu naturalmente, já em outras, foi necessário especificar o assunto. Mas o que ficou claro é que, independente do motivo ao qual essas pessoas foram levadas a participar dessa manifestação (sendo folião ou recebendo a Folia), ao final todas elas chegaram a um mesmo entendimento quanto ao significado que dão a Fulô da Mantiqueira, conforme se pode observar nas falas a seguir:

No meu particular, eu sempri olhei a fulia nu ladu religiosu, eu sempri olhei u ladu bênção, olhei u ladu graça entendeu, sempri tinha um ladu di religiosidadi na questão. (Luíz Fernando Ribeiro)

A fulia... eu não sô uma pessoa assim, que pratico a minha religiosidade duranti u anu intêru mais a fulia é u momentu em qui eu... si a genti tem qui tê uma prática di fé, é u meu momentu. Intão é ondi eu gostu di saí, é ondi eu gostu di vê a fé das pessoas na bandêra, nu sagradu. Intão assim, si a genti tem qui tê uma manifestação, uma ação, da prática dessa fé, eu gostu di fazê na fulia. Ao invéis di í na igreja todú dia, toda semana, eu gostu mais dessa prática da fulia di realmenti í saínu, í levá issu pras pessoas. Intão pra mim ela é essa manifestação da minha fé, du meu... da minha crença, du meu credu. (Ana Lígia S. Coutinho)¹¹

Muita fé primêramenti, muita fé porque ela entrô na minha vida quandu a minha, a Rayanne estava duenti aí u Zé feiz um votu i aí eli cunversô cum seu pai né ondi elis trabalhavam, aí eli feiz umpropósiu cum Deus qui eli qui eli iria sigui inquantu eli tivessi saúdi, força né pela Rayanne, pela saúdi dela i olha pru cê vê hoje ela tá cum 26 anus, foi um propósiu nussu, intão pra nós é a fé né, pra mim foi fé. (Katia M. de Oliveira)¹²

No caso abaixo, é possível notar como o significado da manifestação vai se transformando ao longo do tempo e também os reflexos que a Folia traz à vida de quem participa, que serão explorados mais adiante. “[...] nesses trânsitos religiosos, os devotos deixam um pouco de si e recebem também em troca diversos aspectos que lhes ajudam a (re) elaborar seu universo religiosos.” (MENDES, 2007, p. 116)

Nu da fulia coincidiu qui eu não sabia u que qui era, tamém nunca tinha vistu i nu primêru anu qui eu conheci você qui eu fui lá, fui só nu dia da festa da fulia, eu achei muito bacana a união sabi, tipu... até porque na época assim a minha, a minha fé sempri foi muito vacilante sabi, num foi aquela coisa constante, intão nessa época a minha visão sobri a fulia era mais social. Intão eu achava muito bacana a união di todú mundu ali dentru, coisa e tal. Tantu qui nu próximo anu quandu a genti si aproximô eu entrei pra fulia tamém, mais não era tantu pelo fervor da fé intendeu. I nu anu qui eu mudei da sua casa foi um anu difícil i tudu [...]i nu final du anu tevi u reencontru da fulia, toda essa coisa da peregrinação du giru... i foi um anu qui, tipu assim, mudô muito pra mim sabi, foi u anu qui eu abri u bocão pra chorá a fulia intêra sabi, tipu chorei a fulia intêra, na coroação foi u dia qui eu chorei mais ainda

¹¹ Foliã da Folia de Reis Fulô da Mantiqueira. Entrevistadora: Rosana Pereira. Duração: 00:21:12 15/04/2018

¹² Foliã da Folia de Reis Fulô da Mantiqueira. Entrevistadora: Rosana Pereira. Duração: 00:22:41 18/04/2018

[emocionada], porque foi um momentu revelador tantu pra mim sabi, qui eu descubri qui não era só pelo... qui era uma questão tamém di pertencimentu pra mim sabi, um lugar ondi você si encontra, coisa i tal, entendeu? Qui tipu assim, qui cê é bem recebida por todos ali, todos... tantu di quem, tipu, é mais velhu qui tem “50 anos” di fulia [...] i tantu das crianças sabi, até di criança fora da fulia [...]. I assim, ao longu du tempu qui assim qui... é comu si a minha fé na fulia fossi progressiva sabi, cada anu qui passa eu ficu mais ligada assim na fulia im questão di fé... é comu si tivesse... é comu si a fé do fulião i di quem a genti visita, i eu veju issu principalmente quando a genti vai na roça, alimentassi a minha fé entedeu? É comu si a fé delis fossi um combustível pra minha fé [...]. É porque tipu assim, cê entra na casa da pessoa assim, cê vê qui a pessoa é muito humildi, cê vê qui a pessoa feiz questão di fazê um café pra fulia, di recebê a genti bem... a pessoa ta tiranu da mesa dela pra dá pra festa da fulia entedeu, i sabi, i assim issu pra mim é uma coisa maravilhosa sabi! [emocionada]. [...] Eu achu qui é uma manifestação da fé qui eu tenhu u anu todú qui eu não praticu sabi, num templu, numa igreja, qui eu achu qui eu praticu ela duranti u giru. (Emylly R. A. L. Ferreira)¹³

Segundo Pereira (2005) “[...] ao reviverem a viagem epifânica dos Reis Magos, os foliões não apenas protagonizam uma história, eles assumem um papel e, conseqüentemente, são revestidos de um poder simbólico que os legitima como mediadores do Sagrado.” (p. 15) Isso é notório no depoimento dado por quem recebe a visita da Folia de Reis: “Intão a Folia pra mim é isso, vocês vem comu us Treis Reis Magus trazê alegria pra casa de cada um, intão é issu, comu si a genti fossi u Mininu Jesus e vocês trazenu as coisas pra genti.” (Priscila M. Martins)¹⁴.

Esses trechos das entrevistas deixam claro que “essas atividades cerimoniais, como a Folia de Reis, mesmo com toda sua carga popular e improvisada, com seus parâmetros e linguagens simples, são realizadas numa atmosfera impregnada de sagrado. [...] Durante a manifestação, esse homem crê que vive num outro tempo” (MARINHO, 2015, p. 44-45). Normalmente as pessoas entram na Folia sem ter uma noção da responsabilidade que é estar ali, e apenas com as experiências que os giros trazem é que isso e o tamanho do significado que a Folia tem vão se consolidando, mesmo nos casos em que a pessoa entrou, por esta ser uma manifestação religiosa.

Como esta pesquisa é baseada nas entrevistas que foram realizadas e entrelaçada com os conceitos teóricos da bibliografia, foi feita a partir da ótica de um ritual religioso e, portanto, é necessário que ao ler esta dissertação se tenha em mente a Folia de Reis dessa perspectiva e não apenas como um espetáculo folclórico.

¹³ Foliã da Folia de Reis Fulô da Mantiqueira. Entrevistadora: Rosana Pereira. Duração: 00:25:19 12/04/2018

¹⁴ Recebe a Folia de Reis Fulô da Mantiqueira. Entrevistadora: Rosana Pereira. Duração: 00:30:53 11/-4/2018

Quando os entrevistados foram indagados sobre se percebiam alguma mudança interna na Folia de Reis Fulô da Mantiqueira, apenas os foliões muito novos (com 2 ou 3 anos de participação) disseram não ter notado nenhuma mudança, já os demais citaram suas percepções quanto a isso.

Uma das percepções foi quanto a rigidez da disciplina exigida pelos mestres (para não correr o risco de comprometer o entrevistado, não será colocado o trecho da entrevista e nem sua identificação). Quando o mestre da Folia de Reis era o Bré, havia maior rigidez quanto aos foliões seguirem as regras da manifestação que acontece nas manifestações mais tradicionais, como por exemplo, os foliões tinham que caminhar em fila dupla e obedecer a ordem de instrumentos, enquanto a Folia estava entre uma casa e outra o caixeiro tinha que fazer a marcação, rigidez no horário de encontro, havia ata diária sobre como foi o giro. Já com o atual mestre (Ronaldo), não há uma cobrança muito grande quanto a isso, mas há uma preocupação com a parte mais burocrática e material da manifestação, como por exemplo, ter um salão para realização da festa; há maior visibilidade sobre a Folia, vem artistas de várias regiões do Brasil para participar da festa, foi feito um filme de média metragem sobre a manifestação¹⁵. O próprio mestre atual, aborda essa questão como vindo muito da personalidade e visão de quem está nesta posição, portanto, não teria como mudar de mestre e continuar da mesma forma. “Cada mestre improvisa, recria, ‘deixa sua marca’ e introduz novos padrões de canto, coreografia e vestimentas.” (MENDES, 2007, p. 105).

Quando Ronaldo assumiu a função de mestre, outra alteração ocorreu: a sede da Fulô da Mantiqueira, como já foi dito, mudou para o bairro rural de nome São Pedro o que acarretou mudanças quanto aos lugares que a manifestação faz seu giro, que passou a acontecer muito mais em bairros rurais do que em bairros urbanos, como também já foi especificado anteriormente.

[...] eu achu qui a genti pensô im mudá depois qui u mestri disistiu. Intão foram 14 anus aqui [no bairro Medicina], u restanti dus anus – nós tamu inu pra 32 anus – foi na zona rural. Intão coincidiu tudu, eu achu qui essa demanda televisiva muito grandi, tava cheganu aí as questões di interneti, u mestri tava saínu, eu qui era contramestri passei a mestri i tinha mudadu pra zona rural, achei ali um ambienti muito, moranu eu tive a ixperiência di convivê com us vizinhos, di consigui trocá com us vizinhos i consigui vê a acessibilidadi, qui u acessu era muito mais tranquilu. Intão só reafirmô na minha cabeça u qui eu i várius otrus membrus da fulia já suspeitavamus né, qui seria melhor a genti concentrá na roça, qui ficá tentanu sigura essi movimentu na cidadi. I a genti feiz i pelu qui a genti tem vistu, a genti acertô na decisão, a decisão foi bastante acertiva. (Ronaldo J. Pereira)

¹⁵ O filme citado se chama “Três Bandeiras” e está disponível em: <https://vimeo.com/185978590>

Uma das primeiras pessoas que chamou a atenção do Ronaldo sobre a questão de como as pessoas estavam recebendo a Folia em suas casas foi o então palhaço Zé Rita (que hoje já não sai mais na Folia por questões de saúde), já que o palhaço é o personagem que tem uma relação mais próxima com o dono da casa e, portanto, tem maior facilidade de perceber como a Folia é tratada (mais adiante será explicado mais detalhadamente esse personagem).

Eli tem essa, eli tem muito forti dentru deli essa sensibilidadi né, eli conségui tê essi parâmetru muito forti dentru deli, porque é eli qui faiz essa relação, eli qui conversa, eli qui fala. Intão si somus bem vindus ou não eli é um primêru a sabe, intão eli nus informanu a respeito dissu é um sinal qui a genti teria qui fazê essas mudanças. (Ronaldo J. Pereira)

Além desses acontecimentos, muitos foliões já haviam exposto que preferiam sair em giro nas roças e alguns deles tem ligações de parentesco ou amizade com alguns moradores, e acabou que a manifestação foi aos poucos visitando mais bairros rurais. Durante as entrevistas, quando abordado esse tema, todos os foliões e ex-foliões participantes deixaram claro sua preferência por sair em giro na zona rural, mas ao mesmo tempo mostraram um carinho e preocupação em tentarem não julgar as pessoas da cidade que os recebem, isso porque a maioria dessas pessoas são antigos foliões ou amigos, parentes de algum membro da Folia. Os motivos dessa preferência foram pela diferença como são recebidos, pela forma com que os donos da casa enxergam a manifestação, o interesse em receber a Folia, o reconhecimento e/ou admiração pelo modo de vida das pessoas que moram na zona rural.

Era uma vontade tantu du palhaçu antigu nossu, comu di várias pessoas da fulia, incluinu eu. Purque a genti notava qui na cidadi a genti concorria cum outras questões, comu, por exemplu, televisão, comu outrus eventos qui sempri tem muito mais na cidadi du qui na zona rural... i as fulias pelu qui eu pudí percebê, pelo menus na nossa região, foram imhora das cidadis antes di irem embora das roças. Intão u pessual da zona rural ainda cunheci muito mais fulia! É muito difícil, por exemplu, a genti entrava im casas na cidadi i a banderera, alguém tinha qui i xplicá comé qui funcionava o movimentu [...], ao passu qui nas roças já tem mais muito, mais é imensamente maior u númeru di pessoas qui já conhecem, conheci assim u ritual di entrada, pidi ismola, di agradecimentu, di í imhora da fulia. I a roça, ela tem uma coisa di, ainda, di celebração qui a cidadi num tem mais, assim, até pur conta da estrutura social qui a genti tem nas roças i tem na cidadis. As cidadis si dissiparam, principalmenti as du tamanhu da nossa pra cima [...], nas roças, muitas das roças ainda são, elas são constituídas di 2, 3 famílias só qui essi casô cu primu di num sei quem, essi casô cum num sei quem... ficô tudu pur ali, intão u qui foi construídu à tempus né, as fulias qui passaram, passaram pela casa di pais, avós... elis respiraram issu di alguma forma, eli ouviram us pais, avós contanu histórias sobri fulias, por exemplu, era muito mais comum as fulias fazê pôsu, essas coisas, nas roças, nas fazendas i tudu mais; [...] Mais a roça conservô, ainda, essa cultura meu familiar qui tem a fulia, a fulia trabalha cum as questões da Sagrada Família juntu cum, estampada nu sagradu, na história i tudu mais, intão tem um poco dissu a fulia, dessa coisa di levá a bênção i recebe a bênção di indivíduos qui trabalham um memu ispaço, uma mema família, as formas com qui alguns indivíduos ainda tiram u seu sustentu, ainda, ainda remetem mais a questão histórica da caminhada du Reis, da vida na época né dus cristãos... intão dentru dessa istrutura ainda é muito mais fácil

si trabalhá! Nóis tamu concorrenu cum alguns aspectos ixternus comu televisão, interneti, qui ainda num tão tão irraigadu na roça quantu tão na cidadi, ocê chegá cum a fulia i interrompê u último capítulu di uma novela não é uma coisa fácil di si fazê na cidadi, ou ucê concorrê cuns mininus di 13 anus, 14 anus na internet cum seus celularis num é uma coisa fácil di si fazê. Intão, assim, a roça ainda tem algumas vantagens pra qui u movimentu possa caminhá, assim, di manêra mais tradicional i tudu mais. Eu até achu importanti qui a cidadi, qui as cidadis tivessem já, já qui tá tão mais difícil, que elas né, qui ocê mostrassi essi otru ladu pra ela... mais a concorrência, a concorrência é muito forti, interneti i televisão principalmenti, são concorrências assim... Intão a genti preferi reforçá us redutos que ainda recebem bem, pra qui essis fiquem fortis ainda, qui tentá uma batalha qui tá meu vencida já, ficá tentanu dá murru em ponta di faca, i principalmenti disagradanu porque u papel da fulia é levá aligria i bênção, num é levá contrariedade, num é vê uma pessoa abrinu a porta porque num tem jeito i ponu a fulia pa dentru u olhanu nu relógiu pra vê qui hora ela vai imhora logu, pra vê si ainda dá tempu di pegá u restinho da novela... intão issu é terrível! Num é u papel da fulia, num é u qui u sagradu, num é a tarefa nossa né, levá u sagradu pra quem qué muito mais vê novela, levá i recebe né, num é issu qui a genti qué recebê tamém [risos]. A genti num qué recebê genti constrangida, genti meu incomodada... não, a genti qué comungá, qui é issu qui a genti faiz na fulia né comungá a vinda du Mininu. (Ronaldo J. Pereira)

[...] as veiz a genti tinha até qui isperá cabá um pocu, inquantu num cabava a novela eis num recibia a genti. Chega a pontu dissu aí entendeu. Aí foi passanu, passanu i a genti dexô di vim na cidadi i fomu pra roça. (João Cláudo de Oliveira)¹⁶

Ah, dependi assim, quando são casas cum pessoas mais antigas, mais idosas, elis... tantu da cidadi comu da roça, elis recebi a genti pareci assim cum mais fé... não qui us otrus num tenha fé, mais pareci qui elis recebi a genti cum mais fé [...]. (Rita C. Pereira)¹⁷

Eu tamém num achu qui qué dizê qui a pessoa da roça tem mais fé qui a da cidadi, qui num sei que lá... tantu porque eu achu qui u pessual da cidadi nem conheci direitu a fulia, porque a maioria das pessoas qui a genti vai aqui na cidadi são antigus foliões ou parentis di quem é fulião, essas coisa assim, não porque tipu, conheça a fulia do nada i queria qui cês viessem mi vê. (Emylly R. A. L. Ferreira)

A partir desses trechos citados, nota-se também que por causa do sentido e interpretação que os foliões têm da manifestação, o fato das pessoas desconhecerem como o ritual funciona e muitas vezes não o considerar como uma manifestação religiosa, antes e mais importante que tudo, causa um incômodo. E por isso acontecer com mais frequência na cidade, há um maior interesse, encanto e envolvimento dos foliões pelos bairros rurais, mesmo que eles tenham falado que a maioria dos que recebem a Folia na cidade são ex-foliões ou pessoas que já conheciam a manifestação, o restante das pessoas que por curiosidade pedem que a Folia visite suas casas traz um desconforto para o grupo. “[...] cum a mudança pra roça pra mim tudu incaxô melhor” (José Donizeti Vieira).

¹⁶ Folião da Folia de Reis Fulô da Mantiqueira. Entrevistadora: Rosana Pereira. Duração: 00:20:28 13/06/2018

¹⁷ Foliã da Folia de Reis Fulô da Mantiqueira. Entrevistadora: Rosana Pereira. Duração: 00:15:00 10/04/2018

A abordagem que Brandão faz sobre Folia de Reis em seu livro *Sacerdotes de Viola: Os rituais religiosos do catolicismo popular* (1981), nos faz compreender o porquê desse reconhecimento que os moradores da roça que recebem a manifestação têm com esta e que, assim, fazem com que os foliões se sintam melhor e mais reconhecidos nesses lugares:

Ao constituir o espaço simbólico da jornada dos Reis, a Folia transporta para dentro dele, com nomes e proclamações de bênçãos: as pessoas, os animais, os objetos e as trocas do próprio mundo camponês. Assim, os mesmos homens do trabalho agrário cotidiano aparecem por sete dias revestidos de cumplicidade com os mitos populares de uma história sagrada que todos conhecem por ali. (BRANDÃO, 1981, p. 65)

Essa mudança da sede e a expansão dos lugares de giro da Fulô para a zona rural é responsável também pelo maior comprometimento, responsabilidade e devoção dos foliões para com a manifestação e a proporção de sagrado que há na Folia, pois ali fica mais claro a troca que acontece entre os donos da casa e o grupo. E por nesses bairros estarem as pessoas mais simples, mas também com uma devoção mais explícita, há uma sensibilização dos foliões, de acordo com relatos dos mesmos.

Uma das coisas qui eu mais notei qui mudô i qui cada vez a genti fica mais atentu, é a conotação du sagradu na fulia. [...] Intão isso foi a principal coisa qui eu notei nessa caminhada, principalmente quando saímos da cidadi i fomu pra roça. (Ronaldo J. Pereira).

Outra questão que foi bastante abordada pelos entrevistados é o aumento do número de foliões. Quando a Fulô foi criada, haviam 14 membros e hoje ela conta com 42 membros e isso exigiu uma maior organização da manifestação quanto ao uso do uniforme, reuniões para discutir sobre alguns assuntos, divisão de tarefas. “[...] Ela si renovô muito né, ela cresceu muito né, i ela pareci qui ficô um poco mais organizada, antis parece qui a coisa era mas mambembe assim [...]” (Célia Ottoboni). Além disso, no início haviam muitos foliões idosos e poucos jovens, hoje isso se inverteu, há mais adultos/jovens do que idosos. “[...] antigamenti pareci qui era mais genti velha, pessoas mais velhas i qui traziam super emoção, qui ela muito lindu tal, mais hoji é mais pessoas i mais pessoas novas i tão trazenu a mesma emoção assim...” (Priscila de M. Martins). Acredita-se que muito disso é pela a Folia ter, de certa forma, acompanhado as mudanças da sociedade, não ser tão tradicional, tão rígida em alguns aspectos, ser mais inclusiva e fazer uso de algumas novas tecnologias, como o Whatsapp¹⁸, ter feito o média metragem, divulgar seus giros através de fotos no Facebook¹⁹.

¹⁸ Aplicativo de mensagens instantâneas e chamada de voz e vídeo através do *smartphone*.

¹⁹ Rede social virtual.

Purque todú mundu precisa di visibilidade i pertencimentu, não adianta. Eu notei qui quando saiu u filmi muita genti entrô na fulia [risos], intão assim... porque? Pur causa da visibilidade. A fulia até intão, principalmenti na cidadi, era tida comu uma coisa du antepassadu, uma coisa di genti atrasada, uma coisa di genti velha i tudu mais né. Aí quandu algumas reportagens, quando alguém di dispõe a fazê um filmi, aí vê-si qui aquilu ainda tem uma certa importância i issu pra quem busca pertencimentu i visibilidade é u local perfectu. É um local qui leva bãnção, recebi bãnção i faiz festa! (Ronaldo J. Pereira)



Figura 10 - Folia de Reis Fulô da Mantiqueira – parte dos componentes, 2017.
Fonte: Acervo Histórico da Folia de Reis Fulô da Mantiqueira

É importante ficar claro que esta descrição é especificamente da Folia de Reis Fulô da Mantiqueira, portanto, outras folias podem ter características diferentes. “Há diferenciações de uma Folia de Reis para outra, porque cada grupo faz uma leitura, e, mediado pela experiência, constrói a sua teia de significado e o seu universo simbólico.” (PEREIRA, 2005, p. 22). Baseado nos autores Augusta (1979), Brandão (1977; 1981; 1985; 2009) e Brandão; Streck (2006), Castro e Couto (1977); Marinho (2015); Mendes (2007); Pereira (2005); Porto (1982), que estudaram Folias de Reis de várias regiões como Goiás, Mato Grosso, São Paulo, Espírito Santo e Minas Gerais, é possível listar algumas diferenças entre as Folias dessas regiões e a Fulô da Mantiqueira, como: há Folias que não tem palhaço; em algumas que há a presença desse personagem eles carregam um bastão (que justificaria um dos nomes que eles tem, que é bastião) e dançam lundu²⁰ e/ou a coreografia da meia lua; o giro da Folia começa

²⁰ “O lundu ou lundum é um ritmo musical e uma dança brasileira de natureza híbrida, criada a partir dos batuques dos escravos bantos trazidos ao Brasil de Angola e de ritmos portugueses.”. Fonte: <https://dancasfolcloricas.blogspot.com/2011/07/lundu.html>; Acesso em: 20/08/2018

na casa do mestre e termina na casa do festeiro; a manifestação só sai em giro na direção ao oriente ou sempre à direita e nunca volta cruzando o mesmo caminho que já foi feito; o número máximo de foliões em uma Folia é 12, representando os 12 Apóstolos; existe um folião responsável por controlar a conduta dos foliões durante o giro, chamado de gerente; em algumas casas há um arco feito de bambu e enfeitado de flores e fitas na entrada das casas (principalmente as casas de pouso²¹) e há um ritual para que a Folia passe por baixo desse arco; há a reza do terço quando pedido pelo dono da casa; a bandeira dorme na casa de alguém que recebe a manifestação e é dali que a Folia sai em giro no dia seguinte; há a casa de pouso onde os foliões tocam, jantam e dorme e muitas vezes, e depois do ritual, há catira²² e baile; em algumas casas é feito o bolo de Reis²³; há como encerramento um jantar apenas com os foliões e alguns convidados especiais do mestre e a esmola arrecadada é doada a alguma instituição; em algumas festas há o desfardamento dos foliões e a entrega da bandeira à madrinha da Folia que é a esposa ou filha do mestre. Essas são algumas das diferenças, mas a essência de todas as Folias de Reis é a mesma.

Será descrito mais detalhadamente a seguir alguns símbolos e rituais da manifestação:

5.1 Bandeira/estandarte

A bandeira/estandarte é o mais importante dos símbolos da Folia, pois representa o sagrado. É através dela que é levada a bênção às casas e famílias e é por ela que se tem o maior respeito e reverência.

O estandarte é que conduz a Folia de Reis e vai à frente de todos os foliões e é proibido que as ultrapassem, como forma de demonstrar respeito. As bandeireiras, que são as pessoas que carregam a bandeira na manifestação - que no caso da Fulô são mulheres, mas apenas por ocasião, sem motivo específico - são as primeiras a entrarem nas casas e cabem a elas entregar a bandeira aos donos da casa e observar se há presépio com o Menino Jesus ou se há uma imagem dele no local em que a Folia vai estar e avisar ao mestre ou aos palhaços para que sigam o ritual corretamente – esta parte do ritual será esclarecida mais adiante. Ao entregarem as bandeiras, os donos da casa as levam em todos os cômodos para abençoá-los e

²¹ Casa onde os foliões jantam e dormem até o giro do dia seguinte.

²² “Essa dança folclórica é marcada pela batida dos pés e das mãos movimentadas pelo ritmo da música, que por sua vez, é entoada pela viola caipira. Por esse motivo, a moda de viola é o ritmo mais empregado.”. Fonte: <https://www.todamateria.com.br/catira/>; Acesso em: 20/08/2018

²³ Bolo que contém uma aliança, uma moeda e um dedal em meio a massa, cada objeto representa uma coisa (aliança é casamento, moeda é riqueza e dedal significa que a pessoa não irá se casar) e quem pegar um pedaço do bolo com esses objetos terá seu destino traçado.

normalmente as deixam nos quartos com intuito de abençoar também as pessoas que neles dormem. Além disso, muitas pessoas recebem a bandeira beijando-as como pedido de bênção pessoal ou/e de joelhos, quando a devoção é demonstrada no seu mais alto grau.

Segundo Castro e Couto (1977, p. 9),

Usa-se da bandeira como elemento de cortesia, quando em visita a casas amigas; como fator de disciplina, durante as longas caminhadas da jornada; como afugentadora de influências diabólicas, [...] e, finalmente, como receptáculo de espórtulas²⁴.

A Fulô da Mantiqueira carrega consigo três bandeiras, a de Santos Reis (a principal), a do Divino Espírito Santo e a da Sagrada Família. Isso porque como não há mais nenhuma manifestação folclórico-religiosa na região, a Folia tenta levar um pouco de algumas delas também no seu giro, como um pequeno ato de não deixar que morram ao menos na memória dos foliões e das pessoas que a Fulô visita.

No restante do ano em que a manifestação não sai em seu giro, duas das bandeiras ficam na casa do mestre e a outra na casa do contramestre e são zelosamente penduradas nas paredes de suas casas e cuidadas durante todo o ano, pois mesmo quando não está exercendo sua função continua a ser sagrada. “Ainda há a crença que, mesmo guardada, ela deva permanecer enfeitada para não quebrar seu encanto ” (MARINHO, 2015, p. 86). Acredita-se que há uma troca de boas energias entre as pessoas que recebem a Folia e a mesma e muito dessa energia é absorvida pela bandeira, o que a torna ainda mais sagrada.

É esta energia, invisível, mas ao mesmo tempo muito real, que move o giro, que faz com que todos os sujeitos envolvidos na crença se ponham a caminho, representando, fazendo eles próprios a viagem um dia feita pelos Reis Magos. (PESSOA; FÉLIX, 2007, p. 195)

Ocorreram algumas mudanças relacionadas a alguns símbolos da manifestação, que no início faziam uso de materiais descartáveis para confecção de alguns deles. Entretanto, hoje a manifestação preza por itens mais duráveis, tanto porque diminui o trabalho para os foliões, quanto por questões ambientais, que diminui os resíduos jogados no lixo. Um deles é a própria bandeira, que no início era feita de tecido e seu escrito era em papel brilhante e, portanto, era refeita sempre que molhava ou rasgava. No decorrer dos anos foi se modificando até chegar às três bandeiras utilizadas nos giros atualmente. A seguir, as bandeiras utilizadas até o momento, para ilustrar as mudanças:

²⁴ Gratificação em dinheiro, gorjeta, esmola.



Figura 11 - Primeira bandeira da Folia de Reis Fulô da Mantiqueira.
Fonte: Acervo histórico da Folia de Reis Fulô da Mantiqueira.



Figura 12 - Outra versão da bandeira da Folia de Reis Fulô da Mantiqueira feita em *silk screen*
Fonte: Acervo Histórico da Folia de Reis Fulô da Mantiqueira.



Figura 13 - Bandeiras atuais da Folia de Reis Fulô da Mantiqueira pintadas à mão.
Fonte: Acervo Histórico da Folia de Reis Fulô da Mantiqueira

5.2 Mestre e Contramestre

O mestre é quem puxa as músicas, improvisa os versos, marca as reuniões, toma decisões juntamente com os foliões ou quando necessário sozinho, garante o bom andamento dos giros (para que os foliões não se deixem abater pelo cansaço e diminuam o ritmo e/ou a voz), garante o bom comportamento dos foliões de acordo com as regras e valores da manifestação e organiza junto aos foliões e a comunidade a Festa da Folia de Reis, e o contramestre o ajuda em todas essas funções. Além disso, o mestre é o portador central da tradição, “[...] a memória viva da crença” (PESSOA; FÉLIX; 2007, p. 208), passando para os foliões mais jovens essa tradição e sendo exemplo de devoção. “[...] o mestre é um professor rústico. Um especialista religioso sobre quem recai, como uma das suas tarefas mais essenciais, a de formar um grupo corporado de artistas-devotos;” (BRANDÃO, p. 16)²⁵.

Sobre esse ensinamento da função para novos foliões, isso acontece de forma gradativa e em conjunto.

Eu gostu qui seja di uma manêra coletiva. Intão, por exemplu, quando uma pessoa qué entrá eu num passu muitas regras pra pessoa vê, eu gostu qui eli tamém vá aprendenu nu caminhu comu todú mundu aprendeu, i qui seja uma lição coletiva, qui as otras pessoas da fulia vão orientanu tamém, vão dizenu comu funciona... pra qui a pessoa num entri im um movimentu qui é popular cum aparência muito

²⁵ “Os mestres que me ensinaram: estruturas e processos sociais de reprodução do saber popular”. Este artigo foi disponibilizado pelo autor mas não contém referências de data de publicação e editora. Contudo, é um trabalho de suma importância e será citado algumas vezes dessa mesma forma.

burocrática, regras pra caramba ou aparência di uma iscola, di uma instituição militar ou di qualqué coisa paricida [...]. I aí essas pessoas qui tão intranu, eu gostu quandu elas entram intendenu qui primêru nós tamu trabalhandu u sagradu, depois vem as regras qui u movimentu pedi né pra qui si mantenha uma tradição. [...] É muito importanti a genti tê essa noção di qui a pessoa aprendenu pur si própria, divagar, u aprendizadu, eu achu, é mais eficaziz. (Ronaldo J. Pereira)

O atual mestre da Fulô da Mantiqueira é Ronaldo Pereira – criador e mestre há 17 anos – e o contramestre é Giovanni Guimarães – está na Folia desde o início e é contramestre também há 17 anos.

Nessa manifestação algumas funções são divididas para que não haja uma sobrecarga ao mestre e contramestre, portanto há funções como: responsável pelo dinheiro e alimentos arrecadados, por decorar as bandeiras e fazer/arrumar as vestimentas dos palhaços e por repor as fitas encarnadas nos instrumentos quando necessário. “[...] os devotos têm o maior cuidado com a confecção e tratamento dos objetos, pois o ritual depende muito da eficácia estética dos signos sagrados.” (MARINHO, 2015, p. 87).



Figura 14 - Mestre Ronaldo Pereira a esquerda; contramestre Giovanni Guimarães a direita – Folia de Reis Fulô da Mantiqueira.

Fonte: Acervo Histórico da Folia de Reis Fulô da Mantiqueira

5.3 Palhaço/mascarado/marungo

Há registros de que a tradição de se ter palhaços nas Falias de Reis veio também da Espanha. Porém, a referência mais antiga quanto a esses personagens em Portugal é do Padre Francisco Manoel Alves que em 1910 publicou artigo intitulado “A Festa dos Rapazes”, descrevendo esses personagens em várias aldeias (SILVA, 2006, p. 53).

Através das entrevistas, foi descoberto que assim como outras conceituações de elementos da Folia, por exemplo a história inicial de como a visita dos Reis Magos ao Menino Jesus resultou em uma Folia de Reis, em relação aos palhaços também não há uma

concordância quanto ao que eles representam. Foi dito que eles representam os soldados de Herodes, que eles são os traidores de Jesus, que são os próprios Reis Magos disfarçados que saíram anunciando o nascimento do Menino Deus, que eles não têm significado algum, estão ali apenas para divertir as pessoas. Mas levando em conta a performance dos palhaços e as regras que eles têm que seguir na Fulô da Mantiqueira, a versão que mais faz sentido é que eles representam os soldados que Herodes enviou para seguir os Reis Magos e descobrirem onde estava o Menino Jesus para que ele pudesse matá-lo, já que o Menino seria o Rei dos reis e tomaria seu trono. Isso poderá ser entendido com as explicações que virão a seguir.

O palhaço representa o profano e por esse motivo existem algumas regras que eles têm que seguir, como por exemplo, quando há o Menino Jesus em alguma casa (tanto no presépio, quanto apenas sua imagem), os palhaços são avisados pelas bandeireiras ou pelo mestre, então entram nesta casa de maneira calma e se ajoelham em frente à imagem de cabeça baixa em respeito ao Menino Jesus e só se levantam dali para sua atuação após a Folia cantar a música sobre o nascimento de Jesus e o mestre liberar com a seguinte frase: “Pula meu mascarado, que já nasceu o Menino Deus!”. Além disso, quando é ofertado algum dinheiro ou alimento em nome de algum falecido, os palhaços não podem colocar a mão na oferta, pois esta oferta, por ser de alguém já encantado, se torna sagrada e como os palhaços representam o profano, eles não podem tocar também em respeito. Então eles pegam a oferta com alguma colher (quando em dinheiro) ou algum pano (quando em alimento) e os entrega aos encarregados (os objetos utilizados não tem qualquer significado, foram escolhidos por facilitarem que os palhaços peguem os adjutórios).

Os mascarados são os únicos foliões que interagem de maneira direta com os donos da casa, eles são os únicos que se comunicam pela fala, todo restante faz a comunicação em canções. As funções dos mascarados é pedir os adjutórios e divertir os donos da casa, isto de diversas maneiras como dançar, correr atrás das criações, brincar com as crianças.

[...] comu a bandêra é u sagradu i tá juntu com a genti i a genti tá todú tempu cantanu, cantanu a genti tá todú tempu resguardanu a bandêra di alguma forma. Inquantu u palhaçu toma conta du qui é profanu. Inquantu nós tamu tomanu conta du qui é sagradu, qui tá abençuanu a casa i tudu mais i tamu fazenu u pididu, porque eu achu, qui u pididu para ismola é sagradu, a ismola vai passa a cê sagrada quandu ela juntá cum todas as otras ismolas i virá cumida pr'aqueli povu qui deu essa ismola. Mais ixisti u ladu profanu du dinhêru, intão eu achu interessantíssimu qui quem faça essa ponti entri u donu da casa i a fulia, qui faça essa ponti di pegá uma coisa qui é profana, um material qui seria profanu pra passá dum lugar pru otru, fossi alguém qui tivessi mais próximo da humanidade, intão mais próximo du qui era profanu pra fazê essa transferêcia du qui ainda é profanu, inquantu num vira comunhão, num vira alimentu. Porque ali tá senu só uma passagi, eli pega pra juntá numa sacola com otra, a hora qui junta tudu qui vai virá a festa pronto, já tá dentru do sagradu. (Ronaldo J. Pereira)

Apesar dos palhaços terem essa função, também, de divertir as pessoas, eles ficam atentos quanto à pedição de adjutórios. Quando se nota que a casa é muito simples e os donos não têm condições financeiras, os palhaços fazem os pedidos mais breves e não insistem para que os donos da casa não se sintam constrangidos. Já aconteceu de o palhaço notar a simplicidade da família que mesmo assim queriam doar uma quantidade generosa de adjutório e ele intervir falando que o que já haviam doado já estava ótimo. Assim como já ocorreu da Folia ir visitar uma família que não tinha nenhuma condição de dar a esmola, nesses casos os foliões são avisados e pulam a parte do ritual em que é pedido a esmola. Mas quando é notório que os donos da casa têm condições, o palhaço tenta conseguir o máximo de adjutório possível, por exemplo, ocorreu um episódio em que a Fulô da Mantiqueira foi em uma padaria de um amigo dos foliões e o palhaço tinha conhecimento de quem era o dono e sua condição financeira e começou a pedir a esmola, a atormentar o dono da padaria que acabou conseguindo todos os pães pra festa, que na época servia pão com carne, cerca de 600 pães, tirando os outros tipos de esmola.

U paiaçu tem qui tê jogu di cintura né, issu qui é u importanti du paiaçu é essa, eli tem qui sabê pidi, eli tem qui sabê agradecê, eli tem qui sabê u lugar qui eli tá pisanu né. Purque num é cê fazê aquela paiaçada mais as veiz cê num tem um controli qui lá dentru daquela máscara cê tem qui tê né, cê tem qui tê u respeito, cê tem qui brinca mais cê tem qui sabê brinca né. [...] cê tem qui tê amor pur aquilu, cê tem qui gostá [...]. (José A. Barbosa)

Em relação ao divertimento dos donos da casa, o palhaço brinca com as crianças presentes, insulta de forma respeitosa os adultos, corre atrás das criações, faz “mágicas”, como por exemplo, colocar o frango para dormir ou fazer eles botar um ovo. Há diversas histórias engraçadas que envolvem esses personagens, uma das mais famosas ocorreu no bairro São Bernardo no qual um dos donos da casa chegou de moto juntamente com a Folia e logo a desligou e deixou a chave na ignição, um dos palhaços (na época o Zé Rita) vendo isso foi logo até a moto, a ligou e saiu andando nela pelo quintal. Essa história inesperada foi gravada, na época em fita VHS²⁶, e é possível ver na imagem o palhaço todo colorido e as fitas do chapéu voando, essa passagem ficou muito marcada entre os foliões presentes e é apenas uma das tantas histórias contadas entre os membros da Fulô da Mantiqueira.

Os marungos, são os únicos fantasiados, todo o restante da Folia usa uniforme. Isso porque como eles representam os soldados de Herodes – como foi explicado acima - eles tiveram que se fantasiar para não serem reconhecidos e para ter mais chance de o plano dar certo. A fantasia é composta por: blusa de manga comprida e calça de chita, máscara e

²⁶ Video Home System.

chapéu. Uma das coisas que mais chama a atenção para esse personagem é a máscara e em uma breve busca sobre de onde poderia ter vindo a influência para seu uso, ela pode ter origem africana, apesar dos índios também usarem, o modo e os propósitos são diferentes dos africanos, o que faz mais sentido. Segundo Cascudo (2012, p. 438),

Pela África negra a Máscara tem domínio terrífico, ligada aos cultos apavorantes, tornadas vivas, emissoras de potências irresistíveis, sendo o mascarado um embaixador dos deuses, punidor de crimes, revelador de culpas, intocável pelo caráter delegatário. Ninguém deve identificar o portador da máscara, segredo inviolável, cujo conteúdo fora confinado durante a iniciação, normalmente a circuncisão entre as populações muçulmanizadas.

Outro mistério que ronda os mascarados era em razão de quem estava por detrás da máscara. Antigamente, somente os foliões tinham conhecimento de quem eram os palhaços, as pessoas que recebiam o palhaço não ficavam sabendo pois eles não tiravam as máscaras na frente delas e alteravam a voz para que realmente não houvesse um reconhecimento. Um relato próprio, mesmo a autora saindo com a Folia desde muito pequena e sendo filha de um dos criadores da manifestação, só foi descobrir quem era o palhaço com mais ou menos 9 ou 10 anos de idade, isso porque ficou sondando pela janela, uma reunião entre os foliões. Hoje, já não há tanta preocupação quanto a isso, mas pelas entrevistas, foi descoberto que ainda há pessoas que desconhecem quem está por detrás da fantasia e isso ajuda a justificar a influência africana do uso da máscara. “A máscara corporifica o jogo do simbólico e do real, dando uma aura sagrada ou profana aos mitos, transportando-os para outro tempo e outro espaço, para a dimensão do fantástico” (MARINHO, 2015, p. 19).

Como o palhaço é o mediador entre os donos da casa e o restante da manifestação, a Fulô da Mantiqueira não sai em seu giro sem a presença de pelo menos 1 palhaço.

Assim como ocorreu com as bandeiras, as vestimentas dos palhaços foram se modificando ao longo dos anos pelos mesmos motivos já citados, para melhorar para os foliões que exercem essa função e por questões estéticas também. Será apresentada através de fotos essas mudanças:



Figura 15 - Antigos palhaços da Folia de Reis Fulô da Mantiqueira.
Fonte: Acervo Histórico da Folia de Reis Fulô da Mantiqueira



Figura 16 - Antigo palhaço da Folia de Reis Fulô da Mantiqueira.
Fonte: Acervo Histórico da Folia de Reis Fulô da Mantiqueira



Figura 17 - Palhaço da Folia de Reis Fulô da Mantiqueira com a penúltima versão da vestimenta, 2012.

Fonte: Acervo Histórico da Folia de Reis Fulô da Mantiqueira.



Figura 18 - Última versão da vestimenta do palhaço da Folia de Reis Fulô da Mantiqueira. Na imagem está presente o atual palhaço (fantasiado) e o primeiro palhaço da manifestação Zé Rita, 2017.

Fonte: Acervo Histórico da Folia de Reis Fulô da Mantiqueira

A partir de agora, serão mostrados os palhaços exercendo algumas de suas funções para a melhor compreensão:



Figura 19 – Ritual de oferta de adjutório à pessoa falecida - Palhaços da Folia de Reis Fulô da Mantiqueira, 2016.

Fonte: Acervo Histórico da Folia de Reis Fulô da Mantiqueira



Figura 20 - Palhaço em uma de suas brincadeiras com as pessoas que recebem a manifestação, 2016.

Fonte: Acervo Histórico da Folia de Reis Fulô da Mantiqueira.



Figura 21 - Reverência ao presépio, 2015.

Fonte: Acervo Histórico da Folia de Reis Fulô da Mantiqueira.



Figura 22 - Palhaço atrás do frango doado pelo dono da casa, 2016.

Fonte: Acervo Histórico da Folia de Reis Fulô da Mantiqueira



Figura 23 - Interação com as crianças, 2015.
Fonte: Acervo Histórico da Folia de Reis Fulô da Mantiqueira.



Figura 24 - Presença especial do primeiro palhaço da manifestação, nos 30 anos da manifestação, 2017.
Fonte: Acervo Histórico da Folia de Reis Fulô da Mantiqueira.

Este personagem é complexo e para começarmos a entendê-lo melhor e inteiramente, seria necessário um estudo mais aprofundado. Fica em aberto uma linha para que se continuem pesquisas sobre esse personagem e ritual.

5.4 Uniforme/fardamento

A Fulô da Mantiqueira optou pela utilização de uniformes para que ficasse mais fácil a identificação dos foliões pelas pessoas que recebem sua visita e para melhor organização das

vestimentas utilizadas pelos foliões. Isso acontece desde o início da manifestação, e durante a história da manifestação o uniforme foi se modificando, como é possível ver abaixo:



Figura 25 - Folia de Reis Fulô da Mantiqueira, 1987.
Fonte: Acervo Histórico da Folia de Reis Fulô da Mantiqueira.



Figura 26 - Folia de Reis Fulô da Mantiqueira.
Fonte: Acervo Histórico da Folia de Reis Fulô da Mantiqueira.



Figura 27- Folia de Reis Fulô da Mantiqueira e donos da casa, 1998.
Fonte: Acervo Histórico da Folia de Reis Fulô da Mantiqueira.



Figura 28- Folia de Reis Fulô da Mantiqueira, 2007.
Fonte: Acervo Histórico da Folia de Reis Fulô da Mantiqueira.



Figura 29 - Folia de Reis Fulô da Mantiqueira, 2014.
Fonte: Acervo Histórico da Folia de Reis Fulô da Mantiqueira.

Atualmente utiliza-se dois uniformes, sendo um para os giros e outro para festa – uniforme de gala. O uniforme atual utilizado para os giros é: calça ou bermuda *jeans* e camiseta da Folia, na qual a estampa foi feita imitando cordel pela *designer* Carolina Kanashiro - a mesma não é integrante da Folia de Reis e a escolha pelo cordel foi pessoal - que gentilmente doou esta arte para a Fulô da Mantiqueira.

O uniforme de gala é: calça branca, bata (para as mulheres) e camisa (para os homens) feitas de cetim amarelo – com intuito de chamar mais atenção. Especialmente no ano de 2017, foi utilizada a tala verde com escrito vermelho, pois a Folia comemorou seus trinta anos. A intenção das cores foi a de representar os presentes levados pelos Reis Magos (vermelho – mirra; verde – incenso; amarelo – ouro) e o branco sendo o Menino Jesus.



Figura 30 - Uniforme dos giros à esquerda; uniforme de gala à direita, 2017.
Fonte: Acervo Histórico da Folia de Reis Fulô da Mantiqueira

5.5 Fitas encarnadas

Em todos os instrumentos, nas bandeiras e nos chapéus dos palhaços são colocadas fitas de sete cores diferentes, sendo que cada cor tem uma representatividade e por conta disso se fala que são “fitas encarnadas”. As cores representam o seguinte:

Branco – Menino Jesus

Verde – mirra

Rosa – José

Vermelho – incenso

Azul – Maria

Amarelo – ouro

Os três últimos representando os Reis Magos.

A sétima fita é na cor roxa e representa o luto, é colocada apenas após o falecimento do primeiro folião e a partir de então esta fita se torna a lembrança todos os foliões que vierem a falecer.

Este símbolo no início feito de papel de seda e fita metaloide, hoje são fitas de cetim em sua maioria, apenas nos chapéus dos palhaços que há também fita metaloide. Essa mudança foi feita pelos mesmo motivos já citados.



Figura 31 - Bandeira enfeitada com fitas metaloide e de papel de seda, 1998.
Fonte: Acervo Histórico da Folia de Reis Fulô da Mantiqueira.



Figura 32 - Fitas encarnadas, 2015.
 Fonte: Acervo Histórico da Folia de Reis Fulô da Mantiqueira

5.6 Canções

As canções são as “falas” da Folia de Reis, é como se comunicam com os donos da casa. Através dessas canções pedem licença para entrar na casa, os adjutórios e agradecem pelos mesmos, abençoam a família, contam o nascimento de Jesus e a saga dos Reis Magos, pedem melhores dias e mesa farta, pedem a bandeira de volta e se despedem dos donos da casa. Segundo Brandão (1977, p. 8), a cantoria da Folia de Reis “[...] é um modo de oração coletiva e uma forma simbólica de comando de atuações rituais.”

A Fulô da Mantiqueira utiliza canções que foram reavivadas de uma antiga folia da região, como já foi dito, e canções do cancioneiro popular como Elomar Figueira Melo, Pena Branca e Xavantinho, Ivan Lins. “A música na Folia de Reis tem características em comum com a música caipira, como o uso de melodias melancólicas, progressões harmônicas, além da maneira de cantar e tocar a viola e o violão” (MARINHO, 2015, p. 69). Contudo, as canções da Fulô da Mantiqueira são feitas de forma mais ritmada, com intenção de prender mais a atenção das pessoas e envolver mais os foliões.

Mas é na relação da música rural com a vida urbana e suas variações regionais que a música da Folia de Reis se molda em música caipira. Principalmente em Minas Gerais e São Paulo, a tradição da Folia de Reis adere a incorporações realizadas pela variedade de ritmos regionais. (MARINHO, 2015, p. 69)

Uma mudança que ocorreu no decorrer do tempo que tem relação com as canções é que no início, havia um rigor quanto aos tipos de vozes existentes dentro de uma Folia de

Reis, o que é comum na maioria das Folias existentes. As vozes eram divididas entre: tala, as vozes mais graves; turinas as vozes médias; e requinta, as vozes mais agudas. Em folias muito tradicionais existe até um número certo de pessoas para cada voz, isso não havia na Fulô da Mantiqueira, mas havia essa divisão das vozes. Com a mudança do mestre, essa divisão já não é mais feita, os foliões encaixam suas vozes onde acham mais confortáveis e seguindo seus instintos, o que não fez com que a Folia se tornasse desafinada ou desfalcada em relação às vozes. A requinta, que é muito marcante nessas manifestações ainda permanece, mesmo sem rotular as pessoas ou precisar colocá-las em sua posição.

A seguir, são apresentados alguns versos cantados pela Fulô da Mantiqueira (os que não têm o nome dos compositores são da própria folia):

Verso para pedir licença aos donos da casa:

“Meu patrão, minha senhora
Com licença de micêis
Nóis chegemo aqui agora
Viemo nunciá os Santos Reis...”
(Elomar Figueira Melo)

Verso para anunciar o nascimento do Menino Jesus:

“25 de dezembro mês de muita alegria
Ai, ai...
Nasceu menino Jesus
Filho da Virgem Maria
Ai, ai...”

Verso para quando a folia já está dentro da casa e abençoa a todos:

“Uma porteira fechada se abri com benzimento
Ai, ai...
Pai, Filho, Espírito Santo
Já estamos todos bento
Ai, ai...”

Verso para pedir o adjutório:

“Nobre dono (a) dessa casa repare no meu cantar (2x)

Ai, ai...

Pedimos um adjutório veja lá se pode dar

Ai, ai...

Veja lá se pode dar...”

Algumas formas de agradecimento à oferta dada pelo (a) dono (a) da casa:

“Agradeço a oferta dada com muita alegria (2x)

Ai, ai...

Se derrame todas as bênção pra patroa/patrão e a família

Ai, ai...

Pra patroa/patrão e a família

Ai, ai...”

“Agradeço a oferta dada de bom coração

Ai, ai...

Se derrame todas as bênção

Pra família e o patrão

Ai, ai...

Pra família e o patrão

Ai, ai...”

“Agradeço a oferta dada com muita alegria (2x)

Ai, ai...

Deus proteja para sempre

Os anjinhos da família

Ai, ai...

Os anjinhos da família

Ai, ai...”

(Neste último caso é quando alguma criança oferece o adjutório.)

Em agradecimento à oferta em nome de alguém que já faleceu, o palhaço pergunta para a pessoa que ofereceu, qual era o nome do falecido e então é falado no meio da música:

“Ó Jesus compadecido
 Foi a terra quem desceu
 Ai, ai... (2x)
 E depois de falecido “João” ofereceu
 Ai, ai...
 O “João” ofereceu
 Ai, ai...”

Verso para abençoar a casa e a família:

“A bandeira acredita
 Que a semente seja tanta
 Que essa mesa seja farta
 Que essa casa seja santa
 Ai, ai...”
 (Ivan Lins e Vitor Martins)

Quando a casa visitada tem a imagem de Nossa Senhora, a Folia canta uma canção da congada:

“Viva a Nossa Senhora
 Viva a Nossa Senhora
 Com seu bento fio levando a coroa
 Ê viva a Nossa Senhora
 Dona da casa sua casa cheira
 Dona da casa sua casa cheira
 Cheira cravo e rosa
 Flor de laranjeira...”

Quando a folia pede a bandeira de volta para ir embora:

“É noite de alegria
 Os anjos cantam amém
 Ai, ai... (2x)
 Pedimos nossa bandeira

Para irmos a Belém

Ai, ai...

Para irmos a Belém

Ai, ai..."

Verso de despedida:

“Que encontro tão bonito

Ai, ai...

Que fizemo aqui agora

Os Três Reis do Oriente

São José e Nossa Senhora

São José e Nossa Senhora

Ê, ê, ê...

A bandeira vai-se embora

Ai, ai...

As fitas vão avoando

Se despede do festeiro

Pra vortá no outro ano

Pra vortá no outro ano

Ê, ê, ê..."

(Pena Branca e Xavantinho)

“A retirada, a retirada ê meus camaradas

Vê se não demora

Vê se não demora

Que eu já vou embora

Adeus, adeus

Não chores não

Para o ano eu vortarei pra cumpri nova missão..."

“Esta fala [as canções] não é tida por sagrada apenas porque é religiosa, mas porque é, justamente, consagrada de tanto ser ritualmente repetida ao longo dos anos da história da vida das pessoas do lugar. ” (BRANDÃO, p. 28) E assim como em outras folias, as canções do repertório da Fulô da Mantiqueira são repetidas durante todo o giro e todos os anos, a

ordem que as canções serão cantadas depende de como flui o ritual em cada casa, já que cada uma delas é única por depender das ações das famílias e dos santos que se encontram na casa.

[...] por debaixo das palavras universais da linguagem cristã, a Folia canta uma espécie de crônica da vida camponesa. Mais do que isso, a “cantoria” conduz, passo a passo, as ações das pessoas, definindo quem são, o que estão fazendo e o que está acontecendo, por causa do que se faz. (BRANDÃO, 1981, p. 62)

Entre os entrevistados ocorreram dois relatos sobre as canções da manifestação e o fato delas repetirem várias vezes durante o giro, no qual foram comparadas a um tipo de mantra:

Purqui aquilu ali era uma coisa quase qui mântrica tamém, tem uma, um involvimentu assim nessa parti emocional da fulia, qui só saínu na fulia pra sabe, quem num foi num sabi e quem num for não vai sabe, tem qui í, tem qui... o único jeito, tem qui í, aí vai sabe u qui qui é cê entrá dentru duma casa, as pessoas si prostá enfreti du presépio, a família recebê a fulia, você fazê, apresenta a canturia né, você apresentá a devoção e né você vê a emoção das pessoas dentru da casa, as vezes a casa é apertadinha cê nem cabe, tá todo mundo tocanu assim as violinha meio pra cima assim, aqueli tudu apertadu mais é tão gostoso né uma coisa... óia é duns negócio mais maravilhosu qui tem. (Levi Ramiro)²⁷

Mais quandu a genti tava ali im volta da mesa u coru qui todumundu feiz foi... cê já tevi, si cê tive oportunidadi, num sei, tenta compará pra você vê, tem nu Youtubi as vezis, é... várius mongis vibrando u ‘Om’, tipu assim, põe um foninhu, tenta ficá num lugar sem barulhu assim i iscuta pra você vê comé qui isso soa dentru da genti... I soô da mesma manêra, comu si fossi meditação sabi, tipu, u negóciu ali todumundu cantanu ficô parecenu, assim, qui tinha 50, 60 pessoas cantanu [...]. (Emylly R. A. L. Ferreira)

Marinho (2015, p. 61) cita Cascudo (1973, p. 319), ao dizer sobre o uso constante da música nos festejos religiosos, no qual ele afirma que “[...] o canto multiplica a projeção rogatória da oração”. Para ele, “[...] toda magia tradicional decorre do canto, in-cantum, encanto, Carmenm, charme, chamer, enchanter, sedução, sortilégio, irresistível domínio”.

Ocorre que essa repetição ajuda os novos foliões e os que recebem a manifestação a decorarem com mais facilidade as canções, o que vai de encontro com a forma como o mestre da Folia gosta que esse conhecimento seja transmitido. Mendes (2007, p. 100) quando trata das canções das Folias de Reis diz:

Sua repetição, mais que causar o enraizamento, contribui de maneira significativa para a geração do sentimento de pertencimento do devoto com o mundo do sagrado, pois, na maioria das vezes, por meio dela que se sentem em sintonia com os poderes divinos do santo de sua devoção.

²⁷ Cantor e compositor que sai esporadicamente com a Folia de Reis Fulô da Mantiqueira. Entrevistadora: Rosana Pereira. Duração: 00:46:20 08/04/2018.

Como já foi explicado a função do palhaço e as canções feita pela manifestação, cabe agora, antes de findar o ritual, entrar na questão da troca que é tão presente nas Folias de Reis e que foi citada em todas as entrevistas.

A Folia de Reis é baseada no que Mauss (2003) define como dádiva, que é o ciclo de dar, receber e retribuir onde “[...] a dádiva implica necessariamente a noção de crédito” (p. 237). Ainda segundo o autor,

[...] se as coisas são dadas e retribuídas, é porque se dão e se retribuem ‘respeitos’ – podemos dizer igualmente ‘cortesias’. Mas é também porque as pessoas se dão ao dar, e, se as pessoas se dão, é porque se ‘devem’ – elas e seus bens – aos outros. (p. 263).

Em nome de Santos Reis, os foliões saem de casa em casa pedindo os adjutórios e em troca desses bens materiais, levam as bênçãos aos donos da casa, retribuição com bens imateriais. Mas essa troca vai além disso, não se trocam apenas bens materiais por bens imateriais, mas também bens imateriais por bens imateriais. Acredita-se que existe uma troca de mão dupla de bênção e energias entre os foliões e os donos da casa, e é também por isso que a manifestação não visita apenas casas que as pessoas tem condições financeiras de dar bens materiais, pois, de qualquer forma haverá uma troca, ocorrerá a dádiva.

O valor da dádiva está em que são elas as que articulam relações entre os que às fazem circular: em seu próprio nome, no de seu povo ou nos seus deuses. Parceiros obrigados a trocas de dons e contradons, trocam com eles gestos de reconhecimento, afirmações de respeito e de gentileza e, de certo modo, doam-se a si próprios. (BRANDÃO, 1981, p. 70 – 71)

Esse dar, receber, retribuir implica, nesse caso, em uma troca que vai além, uma troca com o “outro mundo”, com o mundo dos deuses e “[...] todos acreditam que o ato de dar obriga Deus a retribuir, em nome dos Três Reis (mediadores sobrenaturais) e através do trabalho religioso dos foliões (mediadores humanos)” (BRANDÃO, 1981, p. 74), e por isso, quando se aceita receber, não pode negar a entrada no ciclo da dádiva, pois estaria negando ao santo devoto e assim suas necessidades não seriam atendidas.

[...] primêru tá disposta a recebe né i pur ela tá disposta ela consegui absorvê muito mais du qui a genti consegui oferecê, intão pra quem recebi é muito bom eu imaginu. I pra quem tá na fulia eu achu que ainda mais purque a genti consegui recebe a graça pra genti em cada casa qui a genti vai né, purque cada casa é uma coisa única qui aconteci [...]. (Daiane F. R. Costa)²⁸

Essa troca de energia e bênçãos que muito foi falada nas entrevistas vai além do que ainda é possível explicar cientificamente. Os foliões não conseguem descrever com facilidade

²⁸ Foliã da Folia de Reis Fulô da Mantiqueira. Entrevistadora: Rosana Pereira. Duração: 00:15:07 12/04/2018.

e sempre dizem que só se “sabe” o que é essa troca, só é possível senti-la e então entender a força que ela tem, se algum dia você sair em um giro com alguma Folia de Reis.

As maiores ressonâncias que a manifestação causa entre os foliões e as pessoas que recebem a folia estão ligadas a essa troca, principalmente de bênçãos e energias.

As vezes cê chega na casa da pessoa, a pessoa num tem dinhêru, num tem nada pra dá, mais só du cê qui a pessoa recebeu a fulia, qui a pessoa emocionô Cuma fulia cheganu... é um sentimentu di gratidão, di missão cumprida... nossa, é muito mais muito legal! Essa troca di energia, essa troca di... num precisa ganhá 1 real da pessoa, mais cê vê qui cê chegô, qui emocionô, qui a pessoa emocionô, qui a genti fica emocionadu ca pessoa ficô emocionadu, num tem... num precisa dá muedinha, num precisa nada! Num dá água, num dá ada... mais essa troca memu da fulia é pur issu qui a genti sai. A genti na vida, nu dia a dia nossu, a genti tem us problema nossu, tem us erru nossu, cometi us problema nossu i tudu, mais na hora qui chega nessa hora, nessa troca aí cê fala ‘pô, vali a pena!’, i é u qui compensa a genti visti a camisa, pô u instrumentu na mão, tocá até fica rocu, meio cansado, depois trabaiá um montão... mais é massa essa troca di energia é importantíssima, a genti agradecei, a genti passa a dá valor na genti memu porque pô cê tem essa missão di í lá i leva um negóciu dessi i a retribuição qui dá da pessoa qui recebi, cê vê qui a pessoa emociona é muito massa! É muito legal. (João Marcelo Pereira)²⁹

Intão assim, é muito gratificante ocê trocá essa energia, essa força cum essas pessoas, porque a genti num leva só a bandêra, a genti traiz tamém. Nós num somus us mesmus que éramos quando cumeçamus a fulia, isso certementi não, i certementi pur conta di tanta troca i pur conta di carrega tanta responsabilidadi, tanta energia das pessoas nu sagradu né, di jamais dexá nu caminhu u sagradu ou nossu oficiu né. Intão eu peçu sempri qui tudu mi dê força né pra qui eu consiga sempri í mais um anu, í mais um anu, num interessa quem tá à frenti [...]. (Ronaldo J. Pereira)

Essa troca é um dos motivos que faz com que os foliões se sintam mais acolhidos nas zonas rurais e que as pessoas que moram ali nas roças se identifiquem mais com a Folia, porque esse ritual de trocas muito se parece com as trocas de bens e serviços que acontecem/aconteciam entre os parceiros no campo. Ali é demonstrada a solidariedade que ainda existe no mundo rural. Há vários episódios em que a Fulô da Mantiqueira foi recebida nas casas com quitandas, café, refrigerante e nos bairros mais afastados é sempre servido um almoço para os foliões e a comunidade. E por isso acontecer nos bairros rurais onde a maioria das casas visitadas são simples e os moradores não teriam condições de servir um café ou almoço para Folia (devido também a grande quantidade de foliões), essa oferta é feita em mutirão e ali se alimentam os foliões e a comunidade. Na cidade, quando acontece a oferta de alimento para os próprios foliões isso é realizado por pessoas com condições financeiras suficientes para bancarem tudo sozinhos, não existe essa relação entre os vizinhos para se juntarem em mutirão. “A esmola é fruto de uma noção moral da dádiva e da fortuna, de um lado, e de uma noção do sacrifício, de outro.” (MAUSS, 2003, p. 208)

²⁹ Folião da Folia de Reis Fulô da Mantiqueira. Entrevistadora: Rosana Pereira. Duração: 00:21:24 17/04/2018.

I comu a genti tem aprendidu nesses 2 bairrus [Perus e Estância] sobri solidariedadi i comunitadi. Tudú qui a genti precisa sabê. Nas últimas vezis foram fazê um almoço, a fulia entrava num lugar i quando vê a fulia saia i saia uma forma di alguma coisa, aí saía uma panela di num sei que di uma casa... só sei qui saiu di tanta casa, chegô lá a fulia tinha um banqueti qui a fulia comeu com us moradoris du bairro. Intão essi sintidu di comunhão, di sagradu, o sagradu i da comunhão, pra mim issu aí só foi, assim, aumentanu, aumentanu, aumentanu a midida qui a fulia foi pra roça i começô a trabalhá. Essi sintidu di si organizá pra dá um almoço pra fulia, por exemplu, na cidadi isso num ixisti... i xisti uma pessoa qui às vezis banca alguma coisa i dá pra fulia, mais essi movimentu todú di si uní numa partilha di trabalhu i di bênçãos tamém, a genti num consegui na cidadi, só na zona rural. [...] A genti tevi um exemplu muito importanti, muito bunitu num bairro qui chama Colônia tamém, além di sê rural é muito pobri essi bairro, pareci qui são descendenti di escravus, nossa é um bairro... i qui as pessoas si juntaru i fizeru uma cumida assim pra fulia i a fulia chegô, i aqueli dia a fulia já tinha tomadu uns 3 cafés nas casas i tudú, mais chegô aqueli canqueti na última casa qui era irrecusável! Não pur causa du tipu di cumida qui tava lá, qui era maravilhosa i tudú mais, mais pur causa da ação da comunitadi, pur causa du gestu... cê í numa comunitadi qui as pessoas tem muito poco i ela si unirem pra uma, pra dá alguma coisa, um baqueti pra fulia, isso é um exemplu a sê dadu pra toda humanidadi né! U repartí né, mesmu u poco u cê repartí cum otu... Issu é uma coisa qui ainda num foi imhora totalmenti da zona rural, mesmu im relação a um vizinhu qui tá precisanu mais há um apoiu, u sintidu di coletividadi ainda tá, ainda é bem razoável na zona rural, principalmenti das pessoas qui ficaram da zona rural. (Ronaldo J. Pereira)

DaMatta (1984, p. 62 – 63) nos mostra o papel da comida nas nossas relações,

Comer é gostar, e comer é também viver... Daí nossa forma especial de comer. Nosso jeito brasileiro de apreciar a mesa grande, farta, alegre e harmoniosa. Mesa que congrega liberdade, respeito e satisfação. Momento que permite orquestrar todas as diferenças e cancelar as mais drásticas oposições. Na mesa, realmente, e através da comida comum, comungamos uns com os outros num ato festivo e certamente sagrado. Ato que celebra as nossas relações mais que nossas individualidades. Daí porque ligamos intensamente a comida com os amigos.

Mais uma vez é uma via de mão dupla, onde a Folia de Reis ajuda na continuação dessa solidariedade e é ao mesmo tempo é ensinado aos foliões a importância disso para a vida em sociedade.

Ainda católicos, mas não eclesiásticos, os sistemas de saber da Folga e da Folia tornam-se parte do modo de vida camponês. Ajudam a comunidade a viver e a se realizar como comunidade. Pensam a vida pessoal do devoto, a da família, a vida coletiva. Ajudam a explicar muitos mistérios das relações entre pessoas e grupos, uns com os outros e todos com o mundo. Amparam o sofrimento, explicam a morte e a condição pobre e subalterna da vida oprimida do campesinato. Oferecem esperanças e cobram fidelidade. As pessoas crêem juntas e juntas praticam a festa do que crêem. Podem, portanto, viver e trabalhar juntas. (BRANDÃO, p. 44)

5.7 Festa de Santos Reis

Quando foi criada essa Folia de Reis, as festas eram feitas no bairro Medicina que era a sede da manifestação, como já foi dito, nos adros da Igreja de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro e eram utilizados os utensílios e espaço da instituição. Bem no início eram

servidos pão de sal com carne, refrigerante e vinho, e ao passar do tempo o cardápio foi modificando até chegar no que é servido hoje.

Após a mudança da manifestação para a sede atual e conseqüentemente com o aumento dos locais de visita da manifestação, a Folia conseguiu, aos poucos, ir comprando seus próprios utensílios e hoje tem panelas, pratos, talheres, canecas, fogão industrial. O investimento feito pela manifestação tem também o intuito de gerar o mínimo possível de resíduo sólido. Além disso, a Fulô da Mantiqueira em parceria com a Associação dos Moradores do Bairro São Pedro construiu um salão de festas que foi feito em mutirão por alguns foliões e moradores do bairro, e através de projetos feitos pelo mestre da Folia conseguiu recursos do governo de Minas Gerais para compra de mesas de madeira, *freezer*, fogões industriais e sonorização. Ainda há planos para construção de uma capela, a Santos Reis, que será feita perto ao salão e que a intenção é ser da própria Folia e comunidade, sem entregá-la a igreja católica, para que se mantenha a independência dos poderes dessa instituição e a manifestação poder continuar agregando pessoas de diversas religiões e credos num só objetivo, mesmo que ela tenha base católica.

Eu veju issu comu uma das maioris belezas da fulia di rei, qui devi servi di exemplu pra humanidadi intêra tamém! É tê essa congregação tantu dentru da fulia quantu nus qui nus recebi. Tem ispritas, tem genti qui é du candomblé... num tem pobrema, a genti vai im todas! [...] Issu é lindíssimu! Eu achu qui foi um favor qui a Igreja Católica feiz quando lá nu século III, aproximadamenti, ixpulsô a fulia di reis da Igreja Católica, achu qui issu foi um bem qui ela feiz pru movimentu. Hoji as igrejas católicas recebem, em sua maioria, us padris i as igrejas católicas, recebem muito bem a fulia pur conta até da questão du santus i tudu mais. Si eu fô falá qui a fulia tivesse proximidadadi com u credu, com uma doutrina, eu diria qui é da católica pela questão dus santus, mais ela num é mais um movimentu católicu, ela é um movimentu independenti i du povu, intão um movimentu popular, um movimentu das pessoas qui professam as mais diversas, os mais diversus tipu di credu i us qui num professam credu ninhum, qui é u casu di alguns membrus da fulia qui hoje fala qui a religião delis é a fulia di reis, elis num tinham religião intão agora a religião delis é a fulia di reis, é quandu elis vão nu templu delis, é quandu elis rezam, é quandu elis conseguem, assim, uma interiorização, é quandu elis meditam, é quandu elis ixpõe seus sentimentus, é quandu elis jogam seus sentimentus pra fora. Intão issu é lindu di si ouvi! Qui a fulia tamém si presta à essi serviçu qui é di trazê essa, esse confortu, vamu dizê, essi confortu ispiritual pras pessoas né. I alguns dus membrus mi dizem qui sentem muita falta da fulia porque elis só vão na igreja 1 veiz pur anu, é na fulia, intão num tenu a fulia elis fica 1 anu a mais sem í na igreja. Intão issué muito, muito, muito lindu di si vê! (Ronaldo J. Pereira)

A Festa da Folia de Reis é realizada no bairro rural São Pedro, sede da manifestação, no dia 20 de janeiro ou primeiro domingo após esta data, pois, como já foi dito, essa é a data limite que a Folia sai em seu giro. No qual é servido um almoço gratuito às pessoas que foram visitadas pela Folia e quem mais quiser comparecer. Neste almoço é oferecido comida típica de datas comemorativas nas zonas rurais da região, com intuito de manter e celebrar a

tradição rural, sendo servido: arroz, tutu de feijão, macarronada, salada de alface e tomate, frango e pernil assado, refrigerante, vinho, picolé, bala e chiclete. Com o passar dos anos, como decorrências das mudanças que já foram citadas, a festa tomou maiores proporções, e apesar de não ser possível ter a quantidade exata, na última festa realizada em 2017 esteve presente cerca de 400 pessoas.

Nóis tínhamus aquela festa lá miudinha i tal quandu a genti começo i tal, mais tinha aquela gustu gostosu, i agora essa festa sensacional qui tá tenu né! Aquela coisa muito maravilhosa, ela é superlativa né. Intão eu achu qui isso tem, isso devi tê uma razão, devi tê um significadu i uma importância, intendeu. (Luiz Fernando Ribeiro)

Tudo que é oferecido nesta festa vem dos adjutórios ofertados aos Reis Magos durante os dias de giro, nunca foi preciso que o mestre colocasse dinheiro além do que foi arrecadado para a festa acontecer. E toda a festa, desde a estrutura até as pessoas que servem o almoço, é feito em forma de mutirão, no qual todos os foliões, pessoas do bairro sede, amigos dos foliões e pessoas de outros bairros que a Folia visita fazem parte. “Situações de trocas entre pessoas através de símbolos e sentidos que a vida sabe, a fé relembra, a cultura escreve e a festa canta, dança e diz a quem venha ver e ouvir.” (BRANDÃO, 2009, p. 97).

E é quando chega nesse momento da festa que acontecem coisas que ainda não se consegue explicar (eu e os foliões, e agora falo diretamente como pesquisadora e foliã) e que deixo em aberto para futuras pesquisas mais específicas sobre a questão. Segue um relato dado pelo mestre Ronaldo sobre isso:

[...] quandu a genti fala du sagradu i tal, pessoas acreditam otras pessoas num acriditam, agora vô passa um dadu qui num é questão di acreditá, é um fatu só, é só perguntá prus otrus fuliões, quem vai na festa... a festa da fulia é im janêru, istá entri us mêsis qui mais chovi, a fulia fazia sua festa imbaxu di barraca di lona, di prácticu, muito frágil, barracas di bambu... nunca deu uma tempestadi, im 30 anos, i levô a barraca i dexô us fuliões sem abrigo, us fuliões e quem vai pra festa. Issu é uma coisa, comu im 32 anos, com todas as possibilidadi di dá um temporal qui são frequêntis nessa época, comu qui num dá né?! Intão, us fuliões querendo ou não vão percebenu essas coisas. Comu qui independenti du tantu qui a genti arrecada di ismola a cumida sobra?! Vai 100 pessoas ela sobra, vá 500 ela sobra! Num tem comu ixplicá isso tamém. As vezis cê fica morrenu di medu di num dá conta, nu final a turma comi dimais i sobra. Só essis 2 questionamentu nos levam a acreditá qui alguma coisa aconteci! Eu num vô entra aqui im detalhe, cê tendenciosu pru ladu d’uma crença, d’uma religião, di uma ispiritualidadi, di um seguimentu qualqué... mais eu to mi atenu só aos fatos, isso aconteci! É porque alguma coisa ixisti, alguma coisa di sagradu ixisti nessi movimentu, nessa caminhada da fulia. Issu é insinamentu tamém di alguma forma, isso é comentadu na fulia, di alguma forma isso aumenta a fé das pessoas ou traiz fé para as pessoas em alguma coisa seja ela o qui as pessoas quiserem qui seja. (Ronaldo J. Pereira)

O que vem de encontro ao pensamento de Cox (1974, p. 19), “[...] a celebração exige um conjunto de lembranças comuns e de esperanças coletivas”.

Antes do almoço ser servido acontece o último rito, chamado “passagem da coroa”. Este rito representa a coroação dos novos rei e rainha da Folia de Reis, que tem a função de representar a manifestação durante todo o ano. Este rei e rainha são escolhidos antecipadamente, por votação, pelos foliões e sempre são pessoas muito devotas que visitam ou algum folião. Isso acontece em sigilo, apenas com intenção de surpreender os novos reis, portanto, os escolhidos nunca sabem que os são, e assim ficam surpreendidos quando coroados. Este rito acontece na igreja do bairro sede que é de São Pedro – pois a Folia ainda não tem sua própria igreja/capela. Porém, como em muitas Folias, esta também dispensa a presença de padres ou autoridades da Igreja Católica, utilizando apenas a estrutura da igreja.

A Folia chega até a igreja cantando e adentra nesta, canta algumas de suas canções de giro, até que começam a cantar a canção da passagem da coroa e os palhaços saem “à procura” dos novos reis no meio do povo que enche a igreja. Os palhaços fingem coroar diversas pessoas até chegar no verdadeiro reisado, que então é coroado e a Folia festeja com muito batuque e foguete e se canta versos feitos especificamente aos novos reis. Após a coroação a manifestação sai da igreja se despedindo e é então servido o almoço.

A promessa ganha ainda um caráter tanto social quanto sagrado: dar de comer a quem tem fome. Dentre as diversas características do catolicismo popular, esta é uma das mais especiais para seus praticantes, pois é uma experiência religiosa do povo para o povo. Assim, é fácil observar a satisfação dos mestres e demais integrantes das Companhias³⁰ diante da possibilidade de realizar o ato de partilha. (MENDES, 2007, p. 78)

Assim, encerra-se o ritual da Folia de Reis, retornando no próximo 25 de dezembro.

Mas qual é o sentido da realização da festa? Aparentemente, a Festa de Reis inscreve-se no diversificado leque das folganças populares brasileiras, apenas como um acontecimento de lazer, diversão, encontro, logicamente, substanciado pela fartura da comida. É marcadamente isso, mas essencialmente muito mais que isso. Para os devotos e agentes da festa, ela é plenitude, o coroamento das obrigações de todo ano para com o padroeiro. Ela incorpora o cotidiano de fé, de promessas de espera; a saída, o giro, a visita do sagrado em cada casa; os serviços, os donativos; e a renovação de uma esperança coletiva de que o ano que se inicia será melhor e de que, para o ano, a festa será ainda mais fervorosa. (PESSOA; FÉLIX, 2007, p. 239)

³⁰ Companhia de Reis, outro nome dado às Folias de Reis.



Figura 33 - Festa de Santos Reis – Passagem da coroa, 2017.
Fonte: Acervo Histórico da Folia de Reis Fulô da Mantiqueira



Figura 34 - Festa de Santos Reis – Passagem da coroa, 2017.
Fonte: Acervo Histórico da Folia de Reis Fulô da Mantiqueira



Figura 35 - Festa de Santos Reis – Passagem da coroa, 2017.

Fonte: Acervo Histórico da Folia de Reis Fulô da Mantiqueira



Figura 36 - Festa de Santos Reis – almoço, 2017.

Fonte: Acervo Histórico da Folia de Reis Fulô da Mantiqueira



Figura 37 - Festa de Santos Reis – almoço, 2017.

Fonte: Acervo Histórico da Folia de Reis Fulô da Mantiqueira

6 A BANDEIRA VAI S'EMBORA

*Somos todos cantadores, somos todos sonhadores
A bandeira vai na frente, a gente segue a corrente
Rio novo transparente, coração de rezeiro
Viva a reza desse povo e viva o povo brasileiro
(Rubinho do Vale/Wesley Pioest/João Evangelista)*

Despedindo da Folia de Reis, nesse capítulo serão feitas as últimas análises para findar a pesquisa realizada.

Ao longo do tempo, foi se tornando também parte do ritual a participação da Fulô da Mantiqueira, ou pelo menos a presença das bandeiras, em velórios de foliões, ex-foliões e pessoas devotas dos Reis Santos.

[...] hoje praticamenti si alguém muito ligadu ao movimentu morrê i a bandêra num fô, eu praticamenti sô linchadu [risos], porque todú mundu ispera, intão virô um rito tamém, foi criandu um sigundu ritu di qui a bandêra di alguma forma, a bandêra acompanhanu o falecidu até u cimitériu, a pessoa qui tá senu acompanhada, ta senu valorizada, a caminhada deli tá senu, vamu dizê assim, mais tranquila porque a fulia tá ali i dá um certu confortu pra quem fica ainda tamém, i us faiz pertencentes novamenti du movimentu. Issu fica muito claru, ficô muito claru pra mim, u dia qui morreu, morri um bandereru qui já tinha mais di 80 anos, foi bandereru da fulia pur multus anos, i a mulher deli qui não acompanhava a fulia mas era da fulia porque recebia muito bem, tava ali sempri apoianu, apoianu maridu i tudu mais, andanu ali pertu da casa dela saía acompanhanu a fulia... ela morreu i eu fiquei sabenu im cima da hora, curri, busquei a bandêra... quando eu cheguei a filha dela choranu mi falô uma frasi qui ficô muito marcada: “eu contava cum isso Ronaldo, como eu contava cum isso!” [emocionado]. Intão ali ficô muito claru pra mim qui um velóriu qui a bandêra não esteja, agora, significa deméritu du mortu. (Ronaldo J. Pereira)

Esse relato, juntamente com o que já foi descrito na pesquisa, fez e ainda faz com que os foliões sintam, cada vez mais, a responsabilidade de sair em giro com a manifestação e, por isso, também se comprometem mais, pois ao mesmo tempo em que sentem esses acontecimentos, demonstração de fé e devoção e troca de energias, eles são responsáveis por levar isso para dentro da casa de quem acredita no poder dos Reis Magos e Menino Jesus, e mais do que isso, são responsáveis por apresentar a cada ano uma nova esperança. “[...] Para os devotos a fé existe. Ela norteia suas vidas, gera significados e aponta soluções [...]” (MENDES, 2007, p. 17).

É tão bunitu vê realmenti essa crença, essa fé qui as pessoas têm nu divinu, na bandêra, nessa anunciação né du nascimentu, qui a genti si emociona muito, muito! Intão assim, a genti vê quantu realmenti é importanti aquilu na crença da pessoa, comu aquilu ali é tão real! Não é só mais uma manifestação cultural, aquilu ali é real pra ela i naqueli momentu ali num importa nada, num importa a condição qui a pessoa isteja, a condição financêra, a condição im qui ela tá vistindu... realmenti não importa ali nu momentu em qui essa fé transborda, porque ela transborda pra todos qui estão sentinu ali! Si a pessoa intendi ou não, achu qui ela conseguiu sinti u que qui tá acontecenu ali [...]. Cê si emociona pela... pela emoção du otru né. Intão, cê chegá numa casa, principalmente di roça ondi eu veju qui essa fé, essa importância

ela é mais forti, as vezis uma casa simplis i a sinhorinha tá lá i recebi aquilu i aquilu ali é, apreci qui é u máximu da manifestação da religiosidadi pra ela i ela chorá, i realmenti si senti abençoada... ah genti, olha, é uma coisa qui num dá pra colocá preçu! Num dá nem pra colocá im palavra essa emoção [risos]. Intão essa é uma manifestação di fé, ali é um momentu im qui, em qui essa energia ela é tão forti qui num tem nem comu a genti discrevê! Eu achu qui, eu pelo menus, num senti isso im nenhuma outra tipu di manifestação, nenhum otru cultu, nenhuma missa, nem um otru... outra ação religiosa comu aconteci na fulia, nunca senti. Essa energia, essa coisa comoventi... comu si realmenti tivessi uma presença ali, comu si realmenti tivesse ali... é bem forti! [risos]. (Ana Lígia S. Coutinho)³¹

[...] eu achu qui u confrontu com as pessoas, o observar du recebimento du povu, da emoção, a manêra qui cada um recebi a fulia, isso tudu vai pesanu na genti... vai fazênu a genti repensar u processu né. (Adília C. S. Coutinho)³²

Envolta a tantos sentimentos e crenças, a Folia de Reis consegue reunir diversos desejos dos indivíduos, como o pertencimento e, conseqüentemente, o encaixe a uma identidade cultural; a sociabilidade através das interações entre os próprios membros da manifestação e entre os foliões e quem recebe a Folia:

[...] I a vida da genti né é ota coisa só d'ocê participá, du pessual cantá, saí, cunversá bem itrovertidu, intão ajuda bastante na vida do dia a dia da genti né, a genti fica, comu si diz, bem relaxadu mesmu... eu achu, é uma terapia, pra mi é uma beleza. (José Donizeti Vieira)

Também há a solidariedade pelo ato de dar, receber e retribuir, tanto no centro do ritual (adjutórios), quanto na delicadeza de servir almoço aos foliões; junto a isso mostra que ainda é possível se unir por mutirões e que quando nos unimos somos capazes de fazer e oferecer muito mais; a visibilidade através do pertencimento, de como as pessoas são bem recebidas e a importância que muitos dão a manifestação, “Eu mi sintu bem i mi sintu importanti nessa fulia, graças à Deus eu façu a minha parti assim di coração mesmu [...]” (José Donizeti Vieira); a fé que, independente de religião ou credo, nos ajuda a ter esperança de dias melhores e continuar na luta diária para vivermos. Isso envolve ambos os lados, os foliões e as famílias que recebem a manifestação, pois não existe Folia de Reis se não existir quem a receba. E assim como há uma espera dos foliões para que chegue a época do giro, as pessoas que recebem a manifestação também ficam na expectativa, quando vai chegando dezembro, é comum encontrar pessoas nas ruas e elas já falarem: “Esse ano tem Folia né? Estamos esperando vocês! ”, há realmente uma troca muito significativa entre os Reis Magos, os foliões e as famílias visitadas.

³¹ Foliã da Folia de Reis Fulô da Mantiqueira. Entrevistadora: Rosana Pereira. Duração: 00:21:02 15/04/2018

³² Foliã da Folia de Reis Fulô da Mantiqueira. Entrevistadora: Rosana Pereira. Duração: 00:20:54 17/04/2018

Tem essa parti du conhecimento cultural qui é tragu pra dentru da genti, tem a questão qui é tudu voluntário sabi, cê tá ali porque cê qué, cê num ta ganhanu nada em questão financeira, cê num tá ganhanu nada im questão material sabi, pelo contrário cê tá ali sabi dando u suor ali dentru da fulia, essas coisa. [...] I pra quem recebi também, eu achu qui tem essa coisa du... da fé qui si torna combustível sabi, eu achu qui essa fé qui eu veju di quem recebi a fulia qui é u combustível pra minha fé, eu achu qui essi é um caminhu di 2 vias sabi, da mesma forma qui eu ficu grata pur elis receberem a fulia, eu achu qui elis também di alguma forma devi ficá gratu pela fulia tá na casa delis sabi... intão fica assim um alimentandu u otru ali naqueli ciclu di energias. (Emylly R. A. L. Ferreira)

Nós sentimus pertencentes né, mais também a fulia passa a sê porta voz dessa comunidade né, dessa agregação né. Intão, ‘ah, a fulia vai na minha casa!’, tá vendu, a socialização qui a fulia faiz. [...] Intão a fulia Fulô da Mantiquêra eu não mi veju comu só eu Marcão né, eu veju comu um fulião Fulô da Mantiquêra né, intão ela também mi traiz isso né, essa identidadi, di abri portas i tudu mais né. (Marco Antônio Coutinho)³³

É da significadu pras pessoas sabi, é as pessoas si enxergarem, as pessoas si intenderem. Hoji ispecialmenti, qui existi uma superficialização di tudu, todumundu fica nu Whatasapp, ninguém si aprofunda im nada, ninguém para pra cunversá, ninguém olha nu olhu mais, ninguém tem relação mais cum as otras pessoas... intão tudu tendi a fica individual, tudu tendi a ficá separadu, issu é uma tendência. Intão u qui a fulia vem, ela faiz, im contrário, ela junta purqui ela não podi saí seprada né, uma pessoa num faiz intão junta. Nu qui junta a fulia pra í na casa, a família vem i si junta também... é u momentu qui a televisão tá disligada, qui ninguém tá olhanu u celular, é um momentu qui tá ali i qui podi acontecê até di as pessoas si perceberem comu grupos né. (Luiz Fernando Ribeiro)

Há um exemplo de pertencimento e espera pela manifestação muito interessante que acontece no bairro Barrerinho, onde mora o Paulinho que tem síndrome de *down* e, segundo relatos da mãe dele, quando vai chegando a época da Fulô da Mantiqueira sair em giro, ele já começa a perguntar quando ela vai na casa dele. Chegado o dia, ele coloca uma camiseta amarela, para combinar com o uniforme dos foliões, pega seu pandeiro e se junta à Folia, visitando em todas as casas do bairro. Quando chega a vez da manifestação ir em sua casa ele fica eufórico e realiza todo o ritual junto à sua mãe. Ele tem o poder de alegrar a Folia e todos os foliões têm um carinho com ele e fazem questão que ele os acompanhe.

³³ Folião da Folia de Reis Fulô da Mantiqueira. Entrevistadora: Rosana Pereira. Duração: 00:21:33 17/04/2018



Figura 38 - Paulinho recebendo a Fulô da Mantiqueira no bairro Barreirinho.
Fonte: Acervo Histórico da Folia de Reis Fulô da Mantiqueira.

Mas ao mesmo tempo que existem todas essas coisas que fazem bem aos foliões, há um grande sacrifício em sair nos giros. Durante a semana que a manifestação sai na zona urbana, a maioria das casas visitadas são de antigos foliões (como já foi dito) e por isso eles tem um conhecimento sobre o ritual e muitas vezes usam esse conhecimento como artimanhas para “prender” a Folia por mais tempo em suas casas. Uma forma disso ser feito é ir ofertando dinheiro a manifestação aos pouquinhos, com moedinhas ou notas menores, e a cada oferta os foliões tem que cantar agradecendo, isso torna o ritual mais longo e cansativo para os foliões. Já quando a Fulô da Mantiqueira sai aos finais de semana, o giro é feito em bairros rurais e se inicia pela manhã e não tem hora para terminar.

Já aconteceu de a Folia tocar 14 horas seguidas, com pequenos intervalos para os lanches oferecidos por alguns donos das casas. Além disso, apesar dos foliões irem de carro até o bairro, quando chegam tudo é feito a pé, e como se localiza na Serra da Mantiqueira, há muitos morros. Somado a isso, tem a questão climática; em janeiro faz calor e chove com muita frequência e, a não ser que seja uma tempestade, a manifestação sai em seu giro de qualquer forma. E é quando entra a devoção e a responsabilidade que os foliões carregam, pois seria muito mais fácil e cômodo se todos os foliões desistissem no caminho ou que não voltasse no ano seguinte, mas isso não acontece. Racionalmente, nenhum dos foliões entrevistados consegue explicar o motivo, todos eles se voltam à fé e às bençãos que já foram concedidas a eles.

Uma outra questão é que os foliões têm o mês de férias praticamente todo tomado pelo compromisso de sair com a Folia de Reis, há uma tolerância quanto a não ir em alguns dias, mas a maioria dos foliões cumprem fielmente com a missão.

Quando passa a fulia, u tempu da fulia aí cê faiz as reflexões, sorti qui são multus anu cê sabi qui issu vai acontece aí issu ti dá força pra continua, mais na hora im alguns dias cê sobi morro, descí morro, essa Serra da Mantiqueira íngrimi, entra casa, sai di casa, canta, caba a voiz, as corda rebenta, a unha acaba i ocê continua cantanu, i continua andanu i tudu mais... não é muito, não é uma coisa, assim, nessa hora, nessi momentu muito gostosa, espetacular, ispreendida porque u cansaçu já tomô conta, hora qui chegô num certu momentu até u qui, a genti conta com u sagradu, cum a bandêra, chegô nessi momentu a genti tá muito mais contanu qui a bandêra ainda teji cum cada vez mais energia porque ta venu nossu sacrificiu, nós andamu im tantu lugar, cantamu tantu qui ela tá tão mais energizada... porque si dependê da nossa aligria, daquela satisfação di entrá na casa da pessoa qui a genti vai visita, as últimas casas depois di andá u dia intêru, isso é difícil! [risos] Intão assim... mais pra quem recebi é importantíssimu, a bandêra cheganu di qualqué jeito, as pessoas istanu di qualqué jeitu, é muito importanti! (Ronaldo J. Pereira)

Um dos motivos que ficou mais evidente nas entrevistas quando se falou sobre a mudança da Fulô da Mantiqueira para a zona rural (a sede e a expansão do giro nos bairros rurais) foi a questão do modo de vida das pessoas que moram na cidade, que engloba a falta de interesse em receber esse tipo de manifestação em suas casas, a pouca sensibilidade em relação a como se vê a manifestação (apenas cultural ou também religiosa), a falta de conhecimento sobre a manifestação, a concorrência com as novelas e redes sociais e a falta de solidariedade. Ao mesmo tempo em que a Folia de Reis optou por adentrar mais no rural e deixar um pouco a cidade, há uma preocupação quanto a esse “descaso” e as consequências que isso pode causar para a manifestação, como por exemplo, ela ser extinta por não haver mais nenhum interesse em receber a Folia e/ou em ser folião. Isso porque se sabe que com a globalização, a tendêndencia é que o urbano invada cada vez mais o rural, interferindo no seu modo de vida e o que é comum no urbano se tornar comum também no rural, onde ainda há um refúgio para essa manifestação.

Há vivências da Fulô da Mantiqueira em que ela foi expulsa de uma casa pois o filho e nora convidou a Folia para entrar, mas quando a mãe, dona da casa, chegou colocou os foliões para fora porque ela era evangélica; há outros momentos em que foi combinado com o dono da casa, mas quando a Folia chegou ele não abriu a porta pois ocorreu um atraso ao horário combinado (o que acontece com frequência pois sempre surge pedidos de visitas à outras casas e, como já foi dito, não se pode negar tais pedidos); há pessoas que recebiam a manifestação e hoje já não querem receber mais. Esses contratemplos e obstáculos ocorrem mais na zona urbana, o que só fortalece os indícios e motivos para a manifestação se encontrar

mais no rural. Apesar disso, no geral, deixar os foliões preocupados, na hora em que acontece, não recai um desanimo sobre eles.

As igrejas evangélicas são as menus, as qui são menus simpáticas né a essis movimentus. [...] Só u protestantismo, qui normalmente é mais radical, é qui dá um poco di trabalho, assim, dá trabalho pra elis memu né porque pra fulia num tem problema ninhum. É uma coisa muito interessanti qui eu quiria declará, falá aqui né, qui é muito ingraçadu isso qui u não aceiti das pessoas nunca mi incomodô i eu sinti qui nunca incomodô a maiuria dus fuliões tamém. Issu é uma coisa istranha porque quando alguém bati a porta na sua cara, cê istica a mão ela num istica pr'ocê, há um certu constrangimentu, cê fica meiu cum sentimento isquisitu. Mais é muito istranhu qui com relação a fulia isso não aconteça. Cumigu pelo menus num aconteci. A genti só segui im frenti comu si nada tivesse acontecidu, pra mim é muito normal, muito comum porque a fulia intêra segui comu si nada tivesse acontecidu. Intão é comu si u contratur tivesse sidu rompido im outra isfera primêru i qui a fulia já tivessi preparada, qui alguma otra energia já mandassi pra fulia essi sentimento di não-desistabilização, qui a genti num senti us fulião disistabilizadu di jeito nenhum quando a genti num é recebido. (Ronaldo J. Pereira)

Apesar dos medos, das mudanças e desses relatos, a Fulô da Mantiqueira já não consegue dar conta de todos os pedidos de visita, a maioria são de outros bairros rurais. O que traz uma certa esperança quanto à sensibilidade de várias pessoas e das maiores chances de que essa manifestação não acabe, já que ela é passada de geração a geração de forma oral. Um desejo do grupo é que reapareçam ou se criem mais Folias na região para que todos os pedidos sejam atendidos, para que se espalhe mais essa tradição e principalmente para que diminua o risco desse saber popular morrer. “Ainda hoje as festas populares podem representar uma resistência dos povos em defesa de sua cultura e de seus costumes” (MARINHO, 2015, p. 55).

Depois de tudo que foi escrito nessa pesquisa, fica claro que a Folia de Reis Fulô da Mantiqueira depende do rural, que eles são importantes não só por serem maioria, mas também porque são eles que motivam os foliões a sair nos giros todos os anos.

E é possível concluir que muito da sobrevivência dessa manifestação nesses 31 anos de história, vem do fato dela estar sempre aberta a mudanças, de aceitar que sempre que alguém entra na Folia, entra junto outras visões e histórias que sempre vão influenciar a manifestação e que é preciso se adaptar aos novos tempos e aos tempos novos.

A Folia de Reis é um testemunho vivo da tradição que é passada de pais para filhos e assim, sucessivamente. No entanto, como a cultura não pode ser congelada, a própria tradição faz-se dinâmica (Ferretti, 1995) porque as pessoas não se limitam apenas a reproduzir, mas a construir, através de sua subjetividade, de sua interpretação e ressignificação uma realidade simbólica. (PEREIRA, 2005, p. 26)

E que é preciso conseguir continuar encantando novos foliões, e encantando chamar eles a adentrar na magia que a manifestação carrega e ao poder que ela traz, para terem, além de tudo, onde se identificarem e pertencerem.

Por outro lado, os olhos atentos dos meninos indicam que também eles se tocam, se divertem e aprendem. Como tudo tem a sua ordem e o seu lugar, e como todo ritual não é mais do que uma sequência cerimonial de gestos que são e tornam explícitas regras sociais, tudo o que acontece ensina. Cantos, falas e rezas repetem todos os anos uma pequena fração de uma história já muito conhecida, mas que repetida recria, grandiosa e, ao mesmo tempo, afetiva, a ordem das relações entre as pessoas: pais e filhos, irmãos, compadres, outros parentes, vizinhos e companheiros. Os meninos que acompanham a Companhia e são foliões, com cargos e lugares na equipe de devotos, aprendem, [...] para serem os continuadores do ritual da Folia. (BRANDÃO, p. 22)

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS NA ENTREGA DA BANDEIRA

Pelas entrevistas realizadas, ficou claro que há uma identificação e preferência dos foliões quanto ao meio rural. Isso se justifica, também, pelo fato das relações inter e intrapessoais serem mais explícitas e fortes nesse meio e por ali haver um encontro de significados do que seria a Folia de Reis para eles e as pessoas que recebem a manifestação. O que fica claro quando se trata das festas realizadas pela Fulô da Mantiqueira, na qual se preza pela cultura popular rural, através dos mutirões, tipo de comida servida, entreterimento oferecido (catira, duplas de moda de viola, sanfoneiro) e que pode ser considerada acertiva por se encontrar no meio rural, onde o respeito pelo sagrado está mais presente e por isso há também um respeito em relação a essa parte do ritual que mescla o profano e o sagrado, mas que ainda assim o sagrado se sobrepõe para os devotos que fazem parte desta festa. Caso contrário, essa parte do ritual se tornaria apenas um espetáculo exótico, onde se vai porque o que é oferecido é gratuito, o que pode acarretar confusões no ambiente e fazer com que o objetivo da festa seja perdido.

Outro possível desfecho dessa maior identificação com o meio rural, vem de encontro também com a questão da continuidade da Fulô da Mantiqueira, pois para que isso ocorra há uma dependência das novas gerações (principalmente as crianças) que tem ligações fortes com os elementos do meio rural, como as relações interpessoais, a natureza e o espaço. Isso dá início a um possível encantamento que relaciona o território e o ritual da manifestação, o que pode agregar ao desejo e escolha de continuar com essa cultura popular.

A partir disso, é necessário que se reflita quanto aos caminhos que essa Folia de Reis vai trilhar daqui para frente, pois o modo de vida do meio urbano traz um distanciamento entre as pessoas e entre elas e o sagrado, o que afeta diretamente a manifestação. O que a leva a um impasse: a Folia de Reis Fulô da Mantiqueira deve continuar a sua trajetória adentrando cada vez mais no rural e deixando de fazer seus giros no meio urbano? Ou deveria insistir na cidade para mostrar essa cultura e forma de se relacionar aos que ali residem? Não haveria como ter um equilíbrio entre a modernidade e o tradicional na sociedade atual?

A apreensão do papel que a Folia de Reis tem, a partir da pesquisa realizada, a união coletiva em torno de um bem cultural que é necessário preservar, a importância da espiritualidade, além até da religiosidade é uma força que desperta a união em torno da organização, do canto e das andanças ou giros pelas comunidades.

Na sociedade atual, o tradicional é revivido, é reconstruído numa releitura do que a cultura selecionou como importante lembrar, o que é da essência do grupo a qual pertence.

Por ser tão complexa ao caminhar em meio a esse território construído pela Folia de Reis Fulô da Mantiqueira, foi possível ver diversas possibilidades de estudos. As Foliás de Reis abarcam uma grande gama de vertentes para pesquisa que passem por visões psicológicas, sociológicas, geográficas, religiosas, espirituais, musicais, culturais, entre tantas outras, o que dá a oportunidade de continuação dos estudos sobre o tema. Fica aqui o convite para que sigam essa jornada com os Reis Magos que é tão encantadora!

Peço licença para terminar esse giro com dois trechos que acredito serem muito expressivos para se fechar parte de um ciclo, uma fala do mestre da Folia de Reis Fulô da Mantiqueira e a outra de quem por muitos anos andou e ainda anda entre foliões, Carlos Rodrigues Brandão, valem a pena serem lidos:

As pessoas vão si incontranu, si achandu, as pessoas vão incontranu confortu, as pessoas vão incontranu caminhus, vão incontranu trocas, vão incontranu mais pessoas, as pessoas vão montanu uma outra região, uma outra cidadi, vamu dizê assim, uma cidadi geográfica populacional qui a fulia feiz né qui integra as pessoas qui recebem a fulia i recebem muito bem, a genti vai formanu, assim, uma outra comunidadi com outras experiências né, outrus modus di si viver. Issu pra mim é a maior contribuição da fulia pru serumanu! Propô união, propô trabalho coletivu, propô levá u qui é bom pras outras pessoas, propô receber das outras pessoas u qui elas tem di bom, propô comunhão... eu achu qui a fulia tem um papel, assim, crucial, insubstituível. (Ronaldo J. Pereira)

Mas juntos, em nossos campos do viver aparentemente tão diversos, buscamos as mesmas coisas. Buscamos olhar nossos rostos e descobrir as nossas almas. Procuramos entre passos de dança entrever os caminhos da via por onde deveríamos estar andando. Na chegada festiva de uma Folia de Santos Reis sonhamos encontrar os fundamentos da acolhida e da solidariedade humana. (BRANDÃO, 2009, p. 25)



Figura 39 - Folia de Reis Fulô da Mantiqueira.
Fonte: Acervo Histórico da Folia de Reis Fulô da Mantiqueira.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Lucimar. Doroty e Dércio Marques: geógrafos da canção. 2016. Tese. (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2016.

ALMEIDA, Renato. **A inteligência do folclore**. 2. ed. Rio de Janeiro: Companhia Editora Americana MEC, 1974. 308 p.

ALVES, Rubem. **O que é religião?** 15 ed. [S.I.]: Loyola, 2014; 136 p.

AUGUSTA, Anna. **Cantigas de Reis e outros Cantares**. Rio de Janeiro: INELIVRO, 1979. 220 p.

BAETA, Lourenço; CHAVES, Xico. Folia. In: PAULA, Consuelo de. **Samba, Seresta e Baião**. São Paulo: Space Blues Records, 1998. (CD)

BAUMAN, Zygmunt; VECCHI, Benedetto . **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2005. 110 p.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A Folia de Reis de Mossâmedes**. Rio de Janeiro: Cadernos de Folclore, 1977. 36 p. v. 20.

_____. **Sacerdotes de viola**: Os Rituais Religiosos do Catolicismo Popular em São Paulo e em Minas Gerais. Petrópolis: Vozes, 1981. 431p.

_____. **Os caipiras de São Paulo**. Vol. 75. Editora Brasiliense, 1983. (p. 1 – 34)

_____. **Memória do Sagrado**: Estudos de religião e ritual. [S.I.]: Edições Paulinas, 1985. 265 p. v. 13.

_____. (Org.). **Repensando a pesquisa participante**. 3ª. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 2001. 252 p.

_____. **O que é folclore** – 13ª ed. – Editora Brasiliense. São Paulo, 2007 (Coleção Primeiros Passos).

_____. **O saber, o cantar e o viver do povo.** São José dos Campos: Coleção Cadernos de Folclore, 2009. 144 p. v. 19.

BRANDÃO; STRECK, Danilo Romeu (Org.). **Pesquisa Participante: O saber da partilha.** 3ª ed. São Paulo: Editora Ideias e Letras, 2006. 295 p.

CAMPOS, Judas Tadeu de. A educação do caipira: Sua origem e formação. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 32, n. 115, p. 489-506, jun. 2011.

CANCLINI, Néstor García . **As culturas populares no capitalismo.** [S.l.]: Editora Brasiliense, 1983. 149 p.

CÂNDIDO, Antônio. **Os parceiros do Rio Bonito.** 11ª. ed. Rio de Janeiro: Editora Ouro Sobre Azul, 2010. 336 p. (p. 21 – 39; 81 – 91)

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro.** 12. ed. São Paulo: Global, 2012. 756 p.

CASTRO, Zaíde Maciel de; COUTO, Aracy do Prado. **Folias de Reis.** Rio de Janeiro: Cadernos de Folclore, 1977. 32 p. v. 16.

CLAVAL, P. A **Geografia Cultural** – 2ª ed. – Florianópolis. Editora da UFSC, 2001.

COX, Harvey. **A festa dos foliões: um ensaio teológico sobre festividade e fantasia.** Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1974. 183 p.

CUCHE, Denis. **A noção de cultura nas ciências sociais:** subtítulo do livro. 1 ed. Bauru: EDUSC, 1999. 256 p.

DAMATTA, Roberto. **O que faz do brasil, Brasil?.** Rio de Janeiro: Rocco, 1984. 129 p.

ENDLICH, Ângela Maria. "**Perspectivas sobre o urbano e o rural.**" Cidade e campo: relações e contradições entre urbano e rural. São Paulo: Expressão Popular (2006): 11-31p.

FREITAS, Maria Teresa de Assunção. A abordagem sócio histórica como orientadora da pesquisa qualitativa. **Cadernos de Pesquisa**, [S.l.], n. 116, p. 21-39, jul. 2002.

_____. A pesquisa na perspectiva sócio histórica: um diálogo entre paradigmas. In: 26º Reunião anual da Anped, 2003, Poços de Caldas. **A pesquisa na perspectiva sócio histórica: um diálogo entre paradigmas.** [S.l.]: Anped, 2003. p. 1-36. Disponível em: <<http://26reuniao.anped.org.br/>>. Acesso em: 04 jul. 2018.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas.** 1 ed., Rio de Janeiro, 2008. 323p.

GUIMARÃES, Giovanni; PEREIRA, Ronaldo. Folia di Cumpadi. In: RIBEIRO, Elton; BRANDANI, Poli; PEREIRA, Ronaldo; LIMA, Tavinho. **Por entre Folias e Congadas.** São Paulo: Art Brasil, 2014. (CD)

HALL, S. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade** – Rio de Janeiro. 11ª ed. - DPeA Editora, 2006.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE); Panorama. Itajubá-MG. IBGE, 2010. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/itajuba/panorama>>. Acesso em: 20 mar. 2018.

LOPES, Aline Marinho. "**Os estudos de Maria Isaura Pereira de Queiroz sobre o campesinato e as transformações no meio rural brasileiro.**" Estudos Sociedade e Agricultura (2014).

MARINHO, Neide . **Folias de Reis: Múltiplos territórios.** 1. ed. Curitiba: Editora Appris, 2015. 227 p.

MARQUES, Dércio; RIBEIRO, Elton; BRANDANI, Poli. Folia do amo menino. In: RIBEIRO, Elton; BRANDANI, Poli; PEREIRA, Ronaldo; LIMA, Tavinho. **Por entre Folias e Congadas.** São Paulo: Art Brasil, 2014. (CD)

MARQUES, Marta Inez Medeiros. O conceito de espaço rural em questão. **Terra Livre**, São Paulo, n. 19, p. 95-112, dez. 2002.

MAUSS, Marcel. **Ensaio sobre a dádiva:** Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In: MAUSS, Marcel. Sociologia e antropologia. São Paulo: Cosac Naify, 2003. cap. 2, p. 183-314.

MEGALE, N.B. **Folclore Brasileiro** – 3ª ed. – Petrópolis. Editora Vozes, 2001.
MEIHY, José Carlos Sebe Bom. Definido história oral e memória. **Cardenos CERU**, [S.l.], v. 2, n. 5, p. 52-60, jan. 1994.

MELLO, Elomar Figueira. Noite de Santos Reis. In: MARQUES, Dércio. **Folias do Brasil**. Manaus: SONOPRESS, 2000. (CD)

MENDES, Luciana Aparecida de Souza. **As Folias de Reis em Três Lagoas: a circularidade cultural na religiosidade popular**. 2007. 144 p. Dissertação de Mestrado (Mestrado em História) - UFGD, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2007.

MINTZ, S. W. **Cultura: uma visão antropológica**. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tem/v14n28/a10v1428.pdf>>. Acesso em: 08 jan. 2018 cesso em: XX

MOLON, Susana Inês. Questões metodológicas de pesquisa na abordagem sócio histórica. **Informática na educação: teoria & prática**, Porto Alegre, v. 11, n. 1, p. 56-68, jun. 2008.

MONTE-MÓR, Roberto Luís. O que é o urbano, no mundo contemporâneo. **Revista Paranaense de Desenvolvimento**, Curitiba, n. 111, p. 09-18, dez. 2006.

MORAES, R. 1999. Análise de conteúdo. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 732.

MORIN, E. **O Método 5. A humanidade da humanidade: a identidade humana.**/ trad. Juremir Machado da Silva. 3ª. Ed. Porto Alegre: Editora Sulina, 2005. 312 p.

OLIVEIRA, Márcio Piñon De. Geografia, globalização e cidadania. **Terra livre**, São Paulo, v.00, n. 15, p. 155-164, jan. 20.

ORTIZ, R. **Um outro território: ensaios sobre a mundialização**. 2 ed. Ed. Olho D'água, 2000. (p. 141 – 154)

PAULA, Consuelo de; COUTEIRO, Ney. Teus Olhos. In: TEIXEIRA, Kátya. **Cantariar**. São Paulo: Tratore, 2016. (CD)

PEREIRA, Ivone Aparecida. **Em nome dos Santos Reis: Uma história de protagonismo e mediações em Santo Antônio de Goiás**. 2005. 170 p. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Ciências da Religião) - Departamento de Filosofia e Teologia, Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2005.

PESSOA, Jadir De Moraes; FÉLIX, Madeleine. **As viagens dos reis magos**. Goiânia: Editora da UCG, 2007. 256 p.

PORTO, Guilherme. **As Folias de Reis do Sul de Minas**. Rio de Janeiro: MECSEC/FUNARTE/Instituto Nacional do Folclore, 1982. 69 p.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **O campesinato brasileiro**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1976. 242 p.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura**. 6^a. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987. 89 p.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. [S.L.]: Record, 2000. 117 p.

SILVA, Affonso M. Furtado Da. **Reis magos: história - arte - tradições: fontes e referências**. Rio de Janeiro: Léo Christiano, 2006. 236 p.

TRUZZI, Oswaldo. Comunidades de memória. In: MIRANDA, Danilo Santos de (Org.). **Memória e cultura: A importância da memória na formação cultural humana**. São Paulo: Edições SESC SP, 2007. 304 p.

VALE, Rubinho do; RODRIGUES, João Evangelista; PIOEST, Wesley. Viva o povo brasileiro. In: VIOLA, Pereira da. **Viola Cósmica**. Manaus: SONOPRESS, 1998. (CD).

APÊNDICE A – EIXOS TEMÁTICOS DA ENTREVISTA/ CONVERSA

1. Significado pessoal da Folia de Reis Fulô da Mantiqueira;
2. Mudanças ocorridas ou não na manifestação;
3. Diferenças ou não de recebimento e significado da Folia de Reis no urbano e no rural;
4. Mudanças pessoais ocorridas ou não no significado da Fulô da Mantiqueira;
5. Ressonâncias causadas pela manifestação no âmbito pessoal, familiar e comunitário;

**ANEXO A – PARECER DE APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA
– UFVJM**



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: A RESSIGNIFICAÇÃO DA FOLIA DE REIS ¿FULÔ DA MANTIQUEIRA¿ DO MUNICÍPIO DE ITAJUBÁ-MG NO MUNDO RURAL

Pesquisador: ROSANA DE CASSIA PEREIRA **Área**

Temática:

Versão: 3

CAAE: 79875817.8.0000.5108

Instituição Proponente: Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.493.545

Apresentação do Projeto:

Está é uma pesquisa de campo participante, descritiva, qualitativa. Tem como objetivo geral entender a diferença que há nas relações com as culturas populares e folclores no mundo urbano e no rural, através do estudo de caso da Folia de Reis Fulô da Mantiqueira do município de Itajubá – MG, mostrando as mudanças que esta manifestação sofreu nesses seus 30 anos de existência e partir disso mostrar os benefícios que essas manifestações trazem para a vida coletiva. Serão realizadas entrevistas semiestruturadas com alguns foliões, antigos foliões e com pessoas que recebem a Fulô da Mantiqueira há alguns anos com intuito de saber as mudanças que esta manifestação enfrentou nesses anos. Depois, será feita uma análise de conteúdo para melhor entendimento das entrevistas e relacionar estas com os conceitos da leitura bibliográfica realizada ao longo do desenvolvimento do projeto. Espera-se conseguir identificar as mudanças em relação ao recebimento da Fulô da Mantiqueira entre o mundo rural e urbano e suas causas, e descrever as mudanças internas ocorridas dentro da

manifestação, suas causas e benefícios. Além de buscar mostrar os benefícios que essas manifestações culturais populares trazem para a vida coletiva. Deseja-se divulgar os resultados através de artigos científicos e apresentação da presente pesquisa para os participantes desta e a todos os foliões da Folia de Reis Fulô da Mantiqueira.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo primário:

O objetivo central dessa pesquisa é estudar a Folia de Reis Fulô da Mantiqueira do município de Itajubá-MG e o personagem palhaço que é específico desta folia.

Objetivos Secundários:

Mostrar as transformações sofridas interna e externamente pela Folia de Reis Fulô da Mantiqueira, a partir de sua mudança de sua sede do meio urbano para o meio rural;

- a. Fazer um levantamento das vantagens que as manifestações culturais trazem para o indivíduo e a coletividade;
- b. Entender as diferenças nas relações com a cultura popular e a religiosidade no meio rural e no meiorbano;
- c. Verificar qual a importância do palhaço nesta Folia.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Os riscos relacionados à participação dos sujeitos incluem: constrangimento ao responder as perguntas do questionário. Esse risco será minimizado de forma que o participante poderá se recusar a responder qualquer questão e poderá a qualquer momento desistir de participar da pesquisa e retirar seu consentimento. O local da entrevista deverá garantir condições de salubridade e privacidade.

Benefícios:

Os benefícios da participação poderão ser indiretos ou diretos, pois as informações fornecidas contribuirão para o melhor conhecimento da manifestação, as mudanças em sua trajetória e as causas desta, e mostrar a importância destas manifestações para a vida coletiva. Isso pode ter benefícios diretos para os participantes da Folia de Reis, como um maior reconhecimento de sua participação e importância da manifestação.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Hipótese:

As hipóteses são que as mudanças ocorridas na folia “Fulô da Matigueira” se deram com a globalização e a chegada das igrejas evangélicas nos municípios estudados. E que o personagem palhaço tem especificidades exclusivas nessa manifestação e tem grande importância como mediador entre o profano e o sagrado.

Metodologia:

Primeiramente será realizada pesquisa bibliográfica e videográfica sobre os conceitos necessário para embasar a pesquisa. Após, será realizado uma pesquisa histórica e geográfica sobre a Folia de Reis Fulô da Mantiqueira através de documentos, vídeos, fotos e depoimentos dos foliões. Os documentos são privados, portanto, será enviado uma carta de anuência assinada pelo Mestre e responsável pela manifestação. Será usado o método qualitativo e de percepção em um estudo de caso. Dentro desses métodos será utilizado a pesquisa participante, a qual o pesquisador se insere no objeto pesquisado para um melhor e mais profundo conhecimento sobre a temática do projeto. A distância entre pesquisador-pesquisado é desfeita ou, pelo menos, amenizada, com a aproximação da realidade social vivida pelo pesquisado. Isto será de extrema importância porque a pesquisadora faz parte do objeto pesquisado, o que facilita a aproximação com as pessoas envolvidas. Será utilizada a história oral de vida, na qual se registra a experiência pessoal que o sujeito tem com a Folia partindo de suas memórias, levar-se-á em consideração suas compreensões, sentimentos, esquecimentos, silêncios e linguagens não verbais. As entrevistas serão semiestruturadas, ou seja, as questões são determinadas com antecedências, porém, são feitas informalmente, para que haja mais naturalidade na “conversa” e consiga obter resultados mais detalhados. Para essas entrevistas será utilizado um gravador, para que não se perca nenhum detalhe das falas e não-falas dos indivíduos. Estas entrevistas serão feitas com aproximadamente pessoas que recebem a Folia de Reis Fulô da Mantiqueira há mais de 10 anos e as que recebem a menos de 10 anos, com ex-foliões, foliões antigos e novos – que entraram há menos de 10 anos. Serão realizadas no município de Itajubá, Delfim Moreira, Wenceslau Braz e Piranguçu, cidades no qual se localizam os bairros onde a manifestação faz seus giros. As entrevistas serão feitas com homens e mulheres de faixa etárias diferentes – jovens: a partir de 20 anos de idade; adultos: de 40 à 60 anos; idosos: de 61 em diante -, com intuito de se obter diversas visões sobre a Folia e a questão abordada; a média de entrevistados será de 30 pessoas, tendo 6 visões diferentes de cada perfil entrevistado (foliões novos, foliões antigos, ex-foliões,

devotos que recebem a manifestação a muitos anos e os que recebem a pouco tempo). Os entrevistados serão abordados previamente, a pesquisa será apresentada e caso aceitem e assinem o TCLE, a entrevista será realizada em horário e ambiente acordado, no qual o entrevistado se sinta à vontade para responder as questões, garantindo a privacidade e salubridade para o sujeito. As entrevistas devem ter duração aproximadamente de 1 à 3 horas. Considerações éticas: a participação de todos é voluntária e todas as despesas serão arcadas/ressarcidas pela pesquisadora, que se compromete em suspender a pesquisa se esta comprometer a integridade física, moral ou psicológica do sujeito. O material produzido ficará sob guarda e responsabilidade da pesquisadora que compromete-se a utilizar as informações de forma ética conforme a Resolução 466/12. A etapa seguinte da história oral de vida é a transcrição das entrevistas feitas. O entrevistador transcreverá toda a entrevista de maneira original, não haverá correções ortográficas e será anotado as observações e expressões não faladas que ocorreram na mesma – como risos, expressão de medo, choro. Feito isso, o entrevistador/pesquisador vai relacionar e analisar os resultados das entrevistas com as pesquisas bibliográficas realizadas, através da análise de conteúdo. Também será utilizado nessa pesquisa fotografias do acervo histórico da manifestação e acervo pessoal e feitas durante a pesquisa participante, com intuito de demonstrar/ilustrar as transformações que a manifestação sofreu durante sua existência.

Critérios de Inclusão:

Ser folião, ex-folião ou sujeito que recebe a Folia de Reis Fulô da Mantiqueira; ter pelo menos 20 anos de idade; aceitar participar da pesquisa e assinar o TCLE.

Critérios de Exclusão:

Não ser folião, ex-folião e nunca ter recebido a Folia de Reus Fulô da Mantiqueira; ter menos de 20 anos; e não assinar o TCLE.

Metodologia de Análise de Dados:

Serão analisados, após transcrição, o conteúdo das falas que serão divididas por categorias analíticas de acordo com os objetivos propostos no projeto.

Desfecho Primário:

Pretende-se realizar a devolutiva das informações geradas nesse trabalho para todos os foliões da Folia de Reis Fulô da Mantiqueira, para que essas informações possam servir de material reflexivo para nortear futuras ações.

Desfecho Secundário:

Espera-se identificar as mudanças ocorridas na trajetória da Folia de Reis Fulô da Mantiqueira e as diferenças de recebimento na zona rural e urbana e suas causas. A partir daí gerar reflexões sobre manifestações culturais populares e a importâncias que estas têm à vida coletiva. Pretende-se fazer uma devolutiva da pesquisa para todos os foliões para levantar reflexões sobre a importância de se manter essa tradição e o quanto eles são fundamentais para a cultura local. Além de terem um conhecimento mais profundo sobre a Folia de Reis. Deseja-se divulgar os resultados através de publicações de artigos científicos, participação e apresentação em eventos científicos, e entrega de relatório aos envolvidos.

Haverá uso de fontes secundárias de dados (prontuários, dados demográficos, etc)?

Sim

Detalhamento:

Serão usados documentos históricos pertencente a Folia de Reis Fulô da Mantiqueira.

Informe o número de indivíduos abordados pessoalmente, recrutados, ou que sofrerão algum tipo de intervenção neste centro de pesquisa: 30

O Estudo é Multicêntrico no Brasil?

Não

Propõe dispensa do TCLE?

Não

Haverá retenção de amostras para armazenamento em banco?

Não

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os termos de apresentação obrigatória, a saber: o Projeto de Pesquisa, a Folha de Rosto, o Cronograma e o TCLE foram devidamente apresentados.

Recomendações:

- Segundo a Carta Circular nº. 003/2011/CONEP/CNS, de 21/03/11, há obrigatoriedade de rubrica em todas as páginas do TCLE pelo sujeito de pesquisa ou seu responsável e pelo pesquisador, que deverá também por sua assinatura na última página do referido termo.

-Relatórios final deve ser apresentado ao CEP ao término do estudo em 20/10/2018. Considera-se como antiética a pesquisa descontinuada sem justificativa aceita pelo CEP que a aprovou.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

O projeto atende aos preceitos éticos para pesquisas envolvendo seres humanos preconizados na Resolução 466/12 CNS.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1021000.pdf	27/01/2018 23:01:47		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ProjetoRosanaFOLIADEREIS.pdf	27/01/2018 22:33:13	ROSANA DE CASSIA PEREIRA	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Termo_de_anuencia.pdf	19/12/2017 15:01:07	ROSANA DE CASSIA PEREIRA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_FOLIADEREIS.pdf	19/12/2017 14:56:54	ROSANA DE CASSIA PEREIRA	Aceito
Outros	1ANEXO_entrevistas_CEP.pdf	31/10/2017 17:12:43	ROSANA DE CASSIA PEREIRA	Aceito
Folha de Rosto	folha_de_rosto_Rosana.PDF	31/10/2017 17:09:24	ROSANA DE CASSIA PEREIRA	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

DIAMANTINA, 09 de Fevereiro de 2018

**Assinado por:
Lilian Simone Godoy Fonseca
(Coordenador)**



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Comitê de Ética em Pesquisa



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado (a) a participar de uma pesquisa intitulada: “A RESSIGNIFICAÇÃO DA FOLIA DE REIS “FULÔ DA MANTIQUEIRA” DO MUNICÍPIO DE ITAJUBÁ-MG NO MUNDO RURAL”, pelo fato de ser folião, ex folião ou receber a Folia de Reis Fulô da Mantiqueira. Essas condições interferiram na escolha das pessoas entrevistadas em função do tema dessa pesquisa. A pesquisa será realizada pela pesquisadora Rosana de Cássia Pereira, aluna do curso de Pós-Graduação do Mestrado Acadêmico Interdisciplinar em Estudos Rurais, da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM e sob orientação da Professora Doutora Sílvia Regina Paes e coorientação do Professor Doutor Carlos Rodrigues Brandão, sendo a orientadora docente do Programa de Mestrado Acadêmico Interdisciplinar em Estudos Rurais da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM e o coorientador docente colaborador do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

A sua participação não é obrigatória, caso se sinta constrangido ou não queria responder à alguma pergunta por qualquer outro motivo, a qualquer momento da pesquisa, você poderá desistir e retirar seu consentimento. A proposta da pesquisa é que se identifique os entrevistados, mas caso não queira ser identificado será mantido o sigilo. Sua recusa não trará nenhum prejuízo para sua relação com o pesquisador ou com a Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM. O local da entrevista será onde garantir condições de salubridade e privacidade.

O objetivo geral desta pesquisa é estudar a Folia de Reis Fulô da Mantiqueira do município de Itajubá-MG e o personagem palhaço que é específico apenas de algumas manifestações.

Caso você decida aceitar o convite, será submetido(a) ao(s) seguinte(s) procedimentos: ao ser entrevistado você irá prestar informações referentes a Folia de Reis Fulô da Mantiqueira, se ocorreram ou não mudanças internas nessa manifestação; se há ou

não diferença de recebimento e significado quanto a Folia de Reis na zona rural e na zona urbana; qual o significado que a Fulô da Mantiqueira tem para você; se esta manifestação traz benefícios para você e para a vida em comunidade; o que o palhaço representa na manifestação e qual sua importância. As informações da entrevista são referentes ao tema da pesquisa e serão abordados de acordo com o sujeito ao qual você representa.

Os riscos associados a pesquisa podem ser classificados como mínimos, sendo eles: o de possível constrangimento ao responder alguma pergunta e quanto a sua identificação. Esses riscos serão minimizados pelos seguintes procedimentos: as informações coletadas serão utilizadas somente para fins científicos; poderá recusar responder a alguma pergunta ou não mais querer participar da entrevista; e caso ache necessário sua identidade não será revelada em nenhuma etapa do estudo, sendo mantido o sigilo. Caso aceite participar da pesquisa, será necessário que você disponibilize um horário e local, à sua escolha.

Os benefícios dessa pesquisa poderão ser diretos e indiretos. Sendo os indiretos referentes as informações geradas por esse estudo sobretudo no que se refere ao conhecimento sobre manifestações culturais e religiosas populares, especificamente a Folia de Reis, sua configuração atual e mudanças ocorridas; também contribuirá para melhor compreendermos as relações sociais e os laços de solidariedade que essas manifestações envolvem; assim como as influências históricas, culturais e econômicas internas e externas e os seus impactos sobre o tema aqui pesquisado. Pode ter benefícios diretos para os participantes da Folia de Reis, como um maior reconhecimento de sua participação e importância da manifestação.

Você receberá uma cópia deste termo onde constam o telefone e o endereço do pesquisador principal, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sobre sua participação agora ou em qualquer momento.

Pesquisadora: Rosana de Cássia Pereira

Endereço: Rua Professor Aires, 64, Apartamento 103, Bairro Fátima, Diamantina -
Cep 39.100-000

Telefone: (38) 99872-2673

Declaro que entendi os objetivos, a forma de minha participação, riscos e benefícios da mesma e aceito o convite para participar. Autorizo a publicação dos resultados da pesquisa.

Nome do sujeito da pesquisa: _____

Assinatura do sujeito da pesquisa: _____

Assinatura da pesquisadora: _____

Informações – Comitê de Ética em Pesquisa da UFVJM

Rodovia MGT 367 - Km 583 - nº 5000 - Alto da Jacuba –

Diamantina/MG CEP39100000

Tel.: (38)3532-1240 –

Coordenador: Prof. Disney Oliver Sivieri Junior

Secretária: Ana Flávia de Abreu

Email: cep.secretaria@ufvjm.edu.br e/ou cep@ufvjm.edu.br.